

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE UNIAO DA VITÓRIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

CAMILE MARGARIDA ZANELLA

O CINEMA COMO PROVOCAÇÃO POLÍTICA EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE

UNIÃO DA VITÓRIA
2019

CAMILE MARGARIDA ZANELLA

O CINEMA COMO PROVOCAÇÃO POLÍTICA EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) núcleo da Universidade Estadual do Paraná como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Renata Tavares Noyama.

UNIÃO DA VITÓRIA
2019

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP) Bibliotecária
Responsável: Vânia Jacó da Silva, CRB 1544-9

Z28c	<p>Zanella, Camile Margarida</p> <p>O cinema como provocação política em tempos de pós-verdade / Camile Margarida Zanella.– União da Vitória: Unespar, 2019. x, 111 f.</p> <p>Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Paraná, Campus de União da Vitória, Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PROF- FILO.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Renata Tavares Noyama; Banca examinadora: Profa. Dra Ângela Farah, Prof. Dr. Samon Noyama.</p> <p>Bibliografia</p> <p>1. Filosofia. 2. Ensino. 3. Cinema. 4. Filmes. 5. Pós-Verdade. I. Título. II. , Programa de Pós-Graduação Filosofia – PROF-FILO.</p> <p>CDD 20. Ed. 107</p>
------	--

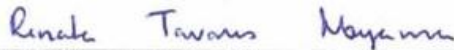
Ata da defesa de dissertação de mestrado

Aos 20 dias do mês de maio do ano de 2019, às 09h:00min nas dependências da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória, reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos (as) professores (as): Renata Tavares Noyama (Orientadora), Ângela Farah e Samon Noyama, a fim de arguirm o(a) mestrando(a) Camile Margarida Zanella sobre a apresentação da dissertação intitulada: "O cinema como provocação política em tempos de pós-verdade". A sessão foi aberta pelo presidente e orientador, sendo que coube ao candidato expor o tema de sua dissertação dentro do tempo determinado. Ao final da apresentação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) pelos examinadores que, em seguida, consideraram o trabalho de pesquisa:

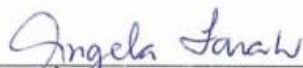
Aprovado. () Reprovado.

Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 11 h20, dela sendo lavrado a presente ata, que segue assinada pela Banca Examinadora e pelo candidato. O(a) candidato(a) está ciente de que deve entregar a versão final, com as devidas correções se necessário, dentro do prazo de 90 dias, considerando as normas do programa.

Banca Examinadora:



Profª. Dra. Renata Tavares Noyama – Unespar – Presidente e orientadora




Profª. Dra. Ângela Farah – Uniuv – Membro Externo



Prof. Dr. Samon Noyama – Unespar – Membro do Programa

Candidato (a):



União da Vitória, 20 de maio de 2019.

DEDICO

*Às minhas razões de ser:
Rosilda Margarida e Gesivaldo Zanella.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Renata Ribeiro Tavares Noyama, pela confiança, pelo incentivo e pela enorme paciência em todo esse tortuoso caminho de mestrado. Aos professores Samon Noyama e Angela Farah pelas valiosas observações na banca de qualificação. A todos os professores do Programa de Mestrado em Filosofia, que contribuíram no processo de lapidação desse trabalho.

Aos meus pais, Rosilda e Gesivaldo, que são o motivo de tudo que faço, pelo apoio, pelo afeto e por compreenderem minha necessidade de estar ausente em alguns momentos. Obrigada por me fazerem forte pra segurar as pontas e conseguir terminar essa pesquisa. Aos meus irmãos: Aline, Gabi, Jessica e João Pedro, por terem sempre uma palavra de apoio nos momentos em que precisei, e contribuírem imensamente para minha formação enquanto ser humano.

Aos amigos/as de perto e de longe. Em especial às minhas grandes amigas e irmãs que a vida me presenteou Daniele Rosinski e Jéssica Maria de Almeida, que me apoiam em tudo, desde sempre. Ao meu parceiro de mestrado e graduação Cassio Fernando Bachmann, colega que me acompanha e apoia desde os primeiros passos no estudo da Filosofia.

Ao meu amor, Deleon Oliveira Santos por não largar minha mão e por não me permitir desistir.

Aos alunos e alunas da turma do 2º ano de Formação de Docentes (2017) do Colégio Estadual Barão do Cerro Azul de Cruz Machado, por se disporem a participar dessa aventura e serem parte essencial na construção dessa pesquisa.

A todas as pessoas que fazem parte da equipe do Colégio Estadual Barão do Cerro Azul, que permitiram que a parte prática ocorresse com tranquilidade e qualidade.

“A maioria pensa com a sensibilidade, e eu sinto com o pensamento. Para o homem vulgar, sentir é viver e pensar é saber viver. Para mim, pensar é viver e sentir não é mais que o alimento de pensar.”

Fernando Pessoa/Bernardo Soares; Livro do Desassossego.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar a ligação entre Filosofia e Cinema, bem como explicar a possibilidade do uso de filmes como meio para o estudo da Filosofia Política no Ensino Médio. Primeiramente busca-se uma investigação sobre as novas maneiras de relacionamento, para compreender em que medida a tecnologia é mediadora das relações do sujeito com o mundo, o conhecimento, e com o outro. Apresenta uma análise filosófica do uso retórico das emoções realizado pelas mídias para a mobilização das massas. Problematiza num segundo momento a influência dos novos modos de relacionar-se no cenário político brasileiro, expondo de que modo o estudo da Filosofia Política na escola foi afetado pelas bruscas mudanças ocasionadas pela chamada “era da informação”. Elucida a importância do conceito de pós-verdade e seus efeitos para o Ensino de Filosofia Política. Situa a pesquisa no campo educacional por meio da análise da possibilidade do uso do filme como recurso metodológico dentro das aulas de Filosofia, não somente com caráter ilustrativo de conceitos, mas sim como principal causador da abertura para o pensar filosófico, para a formação de um sujeito autônomo, crítico e capacitado para contribuir no meio em que vive.

Palavras Chave: Cinema, Filosofia, Ensino, Filmes, Pós-verdade.

ABSTRACT

This research aims to present the link between Philosophy and Cinema, as well as to explain the possibility of using films as a means for the study of Political Philosophy in High School. First, it seeks to investigate the new ways of relationship, to understand the extent to which technology mediates the relations of the subject with the world, knowledge, and with the other. It presents a philosophical analysis of the rhetorical use of emotions carried out by the media for the mobilization of the masses. In a second moment, it discusses the influence of the new ways of relating in the Brazilian political scenario, exposing how the study of Political Philosophy at school was affected by the abrupt changes caused by the so-called "information age". It elucidates the importance of the concept of post-truth and its effects on the Teaching of Political Philosophy. It situates the research in the educational field through the analysis of the possibility of using the film as a methodological resource within the Philosophy classes, not only with illustrative character of concepts, but also as the main cause of the opening for philosophical thinking, for the formation of an autonomous, critical and capable subject to contribute in the environment in which he lives.

Keywords: Cinema, Philosophy, Teaching, Films, Post-Truth.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Reportagem postada em 2016 pela Revista Isto é.	38
Figura 2: Índice de faixa etária	56
Figura 3: Índice de acesso à internet	57
Figura 4: Índice de localidade (rural ou urbana)	57
Figura 5: Índice de interesses no uso da Internet.....	58
Figura 6: Índice de interesse em assuntos políticos.....	58
Figura 7: Índice de meios utilizados para obter informações sobre o cenário político.	59
Figura 8: Índice de influência externa no posicionamento político.	59
Figura 9: Índice de meios que influenciam convicções políticas.	59
Figura 10: Eleições presidenciais 2019. (Fonte: G1).....	63

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E SUAS NOVAS VERSÕES.....	17
2.1. Primeiras reflexões.....	17
2.2. Em tempos de pós-verdade	18
2.3. A conversão das massas em enxames.....	31
2.4. A transparência	39
3. AS MÍDIAS E O SUJEITO PÓS-MODERNO	46
3.1. Uma sociedade imagética e a construção de uma concepção negativa da política	68
4. O CINEMA COMO FORMA DE RESISTIR	74
4.1. A disposição filosófica como ultrapassamento da apatia	74
4.2. Desconstrução	79
4.2.1. A experiência	79
4.2.2. Primeira abordagem	81
4.2.3. Primeiras atividades	83
4.2.4. O tempo.....	86
4.3. O contato com os filmes	88
5. EXERCÍCIO DE CRIATIVIDADE	95
6. CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS.....	101
ANEXOS	104
Anexo I.....	104
Anexo II.....	106

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendemos aliar a Filosofia ao cinema. O objetivo é que através das obras do cinema consigamos afetar os estudantes de modo a causar a disposição para o pensamento filosófico, devido ao delicado momento político de nosso país nos propusemos a discutir a política através das obras escolhidas.

As produções sobre o ensino de Filosofia e seu papel no Currículo, quase sempre são inauguradas com uma defesa sobre a importância da disciplina na grade escolar e na formação de nossos jovens. Há pouco tempo, durante as aulas do Prof-Filo, acreditávamos que não era mais tão patente que a Filosofia continuasse a defender sua permanência e importância nos currículos, não por desacreditarmos o valor e o papel dessa discussão ou pelo esgotamento das questões que se referem a isso e nem por defendermos alguma ideia diferente dessa. Porém, nosso olhar mirava longe, na esperança de que tantos anos e estudos dedicados a reafirmar a importância do pensamento filosófico na formação do sujeito teriam criado um fundamento para a presença da Filosofia na academia e nas escolas.

Os trabalhos e pessoas que se dedicam a essa fundamentação o fizeram com maestria tamanha, que nós, professores de Filosofia, acreditávamos estar em solo firme. A importância de firmar os pés se dá na medida em que a solidez nos faz almejar o próximo passo. Durante todos os estudos no Prof-Filo estivemos ensaiando esse próximo passo.

Neste trabalho pretendemos construir uma reflexão sobre a potência do filme como meio para alcançar o desejo pelo conhecimento filosófico. A questão que permeia nossa reflexão é: Qual seria a força que origina o desejo por filosofar? Há na história da Filosofia as mais diversas respostas a essa questão, e obviamente não há um consenso sobre qual seria esse princípio.

Aqui, pretendemos defender o afeto como causador da disposição ao pensar. Nossa ação visa balançar a lógica que compreende o ensinar como um processo mecanizado e puramente racional, e compreender de que modo podemos fazer fluir a experiência estética nas aulas de Filosofia. Não aspiramos prescrever uma receita para o desenvolvimento do pensar filosófico, mas nos propomos a apontar algumas questões e caminhos para o desenvolvimento desse pensar. Construimos a

reflexão com base nos aspectos que compõem o sujeito e a sociedade atual.

Tais mudanças chegam à escola na medida em que esse sujeito contemporâneo é o que está em nossas salas de aula. Nos perguntamos então: Até que ponto a escola deve adequar-se a esse ritmo? Essa questão que parece num primeiro momento simples, nos põe a caminhar por uma linha tênue.

Em que medida a adequação ao ritmo do desempenho será capaz de proporcionar uma formação de qualidade ao sujeito. Ressaltamos que a lógica da escola supervaloriza índices, e deixa em segundo plano a qualidade da formação. A valorização dos números não é uma característica que pertence somente à realidade dessa escola, há toda uma pressão hierárquica que impõe o índice como problema central e como o principal objetivo da escola.

Durante os dias de estudos e planejamentos ofertados pela Secretaria de Estado da Educação (2019), a proposta refletiu exatamente essa concepção de escola, a tarefa era: estabelecer uma meta de Índice de Desenvolvimento Básico da Educação (IDEB). Os professores deveriam reunir-se em grupos e estabelecer uma meta a ser batida. A discussão passou longe de considerar a formação humana, a qualidade das condições de trabalho, a estrutura disponível para a escola e para o trabalho docente.

Byung Chul-Han, filósofo que fundamenta a primeira parte deste trabalho, afirma: “A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho.” (HAN, 2015, p. 23).

O estabelecimento de metas nada mais é do que um modo de submeter o aluno e o professor à essa lógica do desempenho, fazendo-os compreender que precisam alcançar certos fins pré-determinados. Isso ocorre porque a escola não tem clareza sobre o seu papel na sociedade, e limita-se a ser produtora de índices.

Por que a busca por índice é um discurso tão eficiente? Acreditamos ser necessária para refletir essa questão a análise do sujeito e da sociedade em que esse está inserido, pois houve uma transformação dos parâmetros sociais, passamos da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, no caso da escola, o desempenho é medido em forma de índice.

Não podemos insistir na escola como o único espaço de conhecimento da sociedade atual, a tarefa de conhecer se dá em diversos espaços, mas acreditamos que o papel da escola é o de criar e potencializar o pensamento.

A escolha do filme é uma tentativa de promover uma valorização do sujeito e do conhecimento. Valorização do sujeito na medida em que nossa proposta parte do olhar do estudante para a construção de conhecimento e não visa gerar índices, mas uma sensibilização do olhar diante dos problemas abordados nos filmes.

Quando, anteriormente, colocamos a questão do desejo, estamos nos referindo a um sentimento que pertence ao sujeito, logo, sentimos a necessidade de olhar para esse sujeito e nos perguntamos: O que o sujeito contemporâneo deseja? De pronto afirmamos que as mudanças geradas pela ascensão da tecnologia, o amplo acesso à informação, a agilidade com que as coisas ocorrem, ocasionaram uma metamorfose nos desejos do sujeito e no seu modo de vida. A abordagem feita sobre os efeitos da tecnologia no sujeito da sociedade contemporânea não pretende demonizar o modo de vida da atualidade, mas fazer uma leitura reflexiva sobre as consequências (boas e ruins) no comportamento humano que são causadas pela ascensão delas.

É importante frisarmos que outros tempos também tiveram suas questões e reflexões. Desde sempre o homem desenvolve técnicas e tecnologias para ser, isso em um mundo que afeta seu modo de se relacionar com o outro. Citado por Han, Kafka diz que a carta é um “meio de comunicação inumano” (apud HAN, 2018, p. 94), que só é capaz de alimentar fantasmas. A conclusão de Kafka, ao acompanhar o surgimento de outras tecnológicas da comunicação, como o correio, o telefone e o telégrafo, é a seguinte: “Os fantasmas não morrerão de fome, mas nós afundaremos,” (apud HAN, 2018, p.95), ou seja, a distância oportunizada pela tecnologia cria cada vez mais fantasmas e afasta o indivíduo do real.

Partindo da análise realizada sobre o indivíduo solitário, analisaremos o modo como esse sujeito se comporta quando inserido em um grupo. A valorização do público e a desvalorização do privado é um dos fatores que tornam necessária a reflexão sobre como se dão as ações coletivas.

Analisaremos as semelhanças e as diferenças no comportamento do indivíduo quando inserido em um grupo, considerando os aspectos que causaram a conversão dos movimentos de massa em enxames. Os chamados enxames digitais são característicos desse tempo, são organizações de pessoas geradas a partir de ondas de indignação.

A internet tem uma ampla capacidade de reprodução de notícias e informações capazes de gerar essas ondas e formar os enxames. A característica

que diferencia o enxame da massa é a ação, enquanto a massa é entendida como um conjunto de pessoas que se move em torno de um objetivo comum, o enxame é somente um aglomerado de pessoas que não tem um objetivo comum e por isso é incapaz de agir no mundo. Os enxames são organizações de vida curta, com a mesma rapidez que se organizam, se desfazem.

No segundo capítulo discorreremos sobre a importância, a emergência e a necessidade da discussão sobre Filosofia Política na escola. Levaremos em consideração diversos fatos da atualidade que refletem a intolerância e a insatisfação dos cidadãos com a política do país. Discorreremos sobre as origens da dificuldade desse debate, atribuindo boa parte delas a influência do crescimento de movimentos como o “Escola sem partido”, que afirma ser defensor de uma educação neutra e sem ideologia. Daremos destaque também à influência dos discursos do atual presidente, que convergem com a linha de pensamento adotada pelo movimento “Escola sem partido”.

Ponderaremos sobre a influência e poder da mídia na disseminação de notícias falsas, é importante desde já ressaltar que não compreendemos a mídia como um bloco homogêneo. Assim como qualquer outro segmento da sociedade, a mídia é formada por grupos heterogêneos, e diversificados que possuem diferentes posicionamentos políticos e morais. Apontamos a adoção perigosa dos métodos publicitários pelos políticos, o uso eficaz do desejo, pela manipulação política das emoções e a transparência política como um dos efeitos negativos desse tipo de abordagem.

Não foi em vão que o conceito de pós verdade foi eleito a palavra do ano em 2016. Pretendemos identificar em que medida as circunstâncias em que os fatos objetivamente ocorreram são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal. A medida que avançamos na análise, compreendemos que toda manipulação dos desejos e a manipulação política das emoções é utilizada de dois modos: o primeiro com o objetivo de inflamar o cidadão, causando as já citadas ondas de indignação e o segundo causar no sujeito um certo repúdio à política, construir o desgosto a ponto de anestesiá-lo. A consequência direta desse fato é o chamado voto de protesto.

O trabalho com os filmes pretende a superação da apatia e uma valorização da experiência estética. Para tanto trabalhamos com dois filmes que discutem o

tema política: “A onda”¹ e “Olga”², com o objetivo de causar a disposição à discussão filosófica da política. Utilizamos também o conceito de razão logopática de Julio Cabrera para defender a possibilidade da superação do império da razão na escola e defender a potência do afeto para causar a disposição para o pensar.

¹ http://www.cca.eca.usp.br/educocinema_onda

² <http://projetoahistoriavaiaocinema.blogspot.com/2012/03/ficha-tecnica-olga.html>

2. A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E SUAS NOVAS VERSÕES

2.1. Primeiras reflexões

“O verdadeiro é o que ele pode; o falso, o que ele quer”
Madame de Duras

Neste capítulo abordaremos alguns aspectos que caracterizam a construção de conhecimento, a concepção de sujeito em tempos de pós-verdade e o modo como se dá a relação do sujeito com o mundo que o cerca.

Temos acompanhado uma mudança no modo como o sujeito se relaciona com o conhecimento e com o real. Não podemos falar mais de um espaço definido e delimitado quando o assunto é conhecimento e relações humanas. Há uma crescente ascensão das relações através das redes e um enfraquecimento entre os laços humanos corpo a corpo. Assim, é necessária uma análise da realidade, pensando no modo como se dá a relação entre homem e homem, e entre homem, tecnologia³ e conhecimento. Salientamos que não temos a pretensão de endeusar ou demonizar o modo de vida do sujeito contemporâneo, nem instituir a necessidade de um retorno ao passado, pretendemos uma observação do modo de vida do sujeito da atualidade, pois esse modo de viver afeta diretamente a escola, o ensino e a filosofia.

Essas mudanças nas relações do sujeito com o real, o conhecimento e com o outro, se dá, em partes, ao avanço e ao acesso crescente às ferramentas tecnológicas, pois, assim como outros avanços ao longo da história, a ascensão das mídias digitais causa mudanças que ainda estão sendo avaliadas, pois “transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto” (HAN, 2018, p. 10).

Pensando nesses aspectos, algumas questões se mostram importantes na

³ “A tecnologia não é uma entidade independente de uma estrutura social que poderia definir-se como algo autônomo. Contudo, várias vezes ao longo da história ela toma uma certa centralidade. É essa centralidade que a coloca como o mote das discussões. E é o caso da sociedade atual. As novas tecnologias vem atravessando todos os processos sociais, seja de forma produtiva ou de maneira destrutiva. Portanto, já há uma certa consistência capaz de gerar modificações na realidade cotidiana.” (REYES, 2005, p. 59)

nossa reflexão: de que forma o novo modo de ligação entre homem, tecnologia e mídia interfere na relação do sujeito com o real? Como o cenário político e o estudo da filosofia política nas escolas públicas brasileiras podem ser afetados pelas mudanças na relação entre sujeito e realidade? A escola permanece sendo o espaço privilegiado do conhecimento? Que caminhos precisamos buscar para chegar ao conhecimento? Na era denominada como “da informação”, como distinguir o que é o conhecimento e o que é mera informação?

Aqui, não temos a pretensão de chegar às respostas exatas para todas as perguntas acima, mas buscamos, assim como já fizeram em outros tempos, contribuir para a construção de uma análise das questões supracitadas. Julgamos importante levantar todas essas indagações, pois elas nos assolam e afetam diretamente, justamente por estarmos passando por transformações que têm consequências em todos os âmbitos da existência humana.

2.2. Em tempos de pós-verdade

O desenvolvimento tecnológico há muito vem estremeando as raízes do homem e causando rachaduras no modo como o sujeito se relaciona. Não se trata de olhar para as ferramentas tecnológicas como se elas fossem o grande mal do século. Segundo Bauman, “seria tolo e irresponsável culpar as engenhocas eletrônicas pelo lento mas constante recuo da proximidade contínua, pessoal, direta, face a face, multifacetada e multiuso” (2004, p. 39). O uso de tais ferramentas contribui para o declínio dos laços humanos e possibilita a existência de relações menos compromissadas e, como consequência disso, causa mudanças em conceitos que davam solidez à realidade e às relações humanas, como exemplo, notamos “a valorização do ciberespaço⁴ em detrimento do espaço territorial” (REYES, 2005, p. 33), o palco em que acontecem as ações e os discursos está deixando de ser o mundo real.

⁴ O autor define o conceito de ciberespaço “como um espaço diferenciado do espaço físico, concreto, territorializado da cidade.” (REYES, 2005, p.33) É importante ressaltar que apesar do ciberespaço ser diferenciado do espaço físico, ele “está associado a materialidade da realidade da vida cotidiana, ou seja, não ocorre em espaço paralelo, mas, ao contrário, surge imbricado com ela.” (REYES, 2005, p. 58)

Estamos em relação ao outro da mesma maneira que ele está para nós. Partilhamos juntos a mesma experiência de tempo e de espaço. [...] É no encontro face a face que temos a apreensão do outro [...]. Todos os sentidos estão aí disponíveis à percepção do outro. (REYES, 2005, p. 21)

Essa experiência do face a face está perdendo espaço e isso seria consequência da eficácia e da facilidade propiciada pelas conexões mediadas pelas redes. Desse modo, é evidente que “as tecnointerações vão estabelecer um novo formato da dimensão pública [...]” (REYES, 2005, p.45) e, conseqüentemente, da relação entre os sujeitos. Essa forma de contato, além de caracterizar um novo formato de interação social, também alteram a relação e a compreensão do sujeito sobre o ambiente público e o privado. Os sujeitos atuais apreciam mais a possibilidade de conectar-se ao outro por meio das redes:

A palavra “rede” sugere momentos nos quais “se está em contato” intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela, as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento “indesejável, mas impossível de romper” é o que torna “relacionar-se a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar”. Mas uma “conexão indesejável” é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las (BAUMAN, 2004, p. 12).

A escolha por relacionar-se com o outro expõe o sujeito há muitos riscos, e o indivíduo inserido nessa modernidade líquida e personalizável não tem a capacidade de suportar a incerteza, a dúvida, a negatividade. A liquidez da modernidade causa no sujeito uma constante sensação de insegurança.

Para Bauman, “a solidão por trás da porta fechada de um quarto com um telefone celular à mão pode parecer uma condição menos arriscada” (2004, p.40), já o encontro físico e a proximidade proporcionada pelos laços humanos, são assustadores e arrebatadores, já que o desconectar-se não depende somente de um toque na tela.

A tarefa de saber algo e de se relacionar com o outro em um mundo em que tudo é fugidio e que te escapa pelos dedos torna-se complicada, assim as conexões virtuais tornam-se formas mais consolidadas e seriam:

rochas em meio a areias movediças. Com elas você pode contar — e, já que confia na sua solidariedade, pode parar de se preocupar com o aspecto lamacento e traiçoeiramente escorregadio do terreno onde está pisando quando uma chamada ou mensagem é enviada ou recebida (BAUMAN, 2004, p.37).

A certeza da disponibilidade é o que a conexão e as redes sociais proporcionam ao sujeito, sempre haverá conexão, sempre haverá alguém online, dessa forma, no mundo conectado, a solidão não alcança o sujeito.

Como consequência dessa liquidez, o relacionar-se face a face perde espaço e as conexões através das redes avançam, pois possibilitam ao sujeito uma sensação de segurança e propiciam uma fuga constante do estar só.

Bauman reconhece que ainda:

É uma questão em aberto saber qual lado da moeda mais contribuiu para fazer da rede eletrônica e de seus implementos de entrada e saída um meio de troca tão popular e avidamente usado nas interações humanas. Será a nova facilidade de conectar-se? Ou a de cortar a conexão? Não faltam ocasiões em que esta última parece mais urgente e importante que a primeira (BAUMAN, 2004, p.38).

Como dissemos, as oportunidades de rompimento, ou seja, de se desconectar do outro com facilidade, torna a rede eletrônica mais atrativa, pois, além de promover o fácil início da conexão, facilita o fim dela. As interações são menos complexas e profundas que os relacionamentos humanos, desse modo, os “[...] contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e rompidos” (BAUMAN, 2004, p. 39).

A liquidez dos laços humanos torna o marco divisório entre esfera pública e privada de difícil visualização, fato que dificulta a compreensão dos limites que deveriam existir entre essas duas instâncias. A dimensão pública é supervalorizada e a intimidade torna-se quase impossível perante tamanha exposição. “Por causa da eficiência e da comodidade da comunicação digital, evitamos crescentemente o contato direto com pessoas reais, e mesmo o contato real como um todo.” (HAN, 2018, p. 44).

A intimidade, o privado, a necessidade de estar só, parecem ter acompanhado a história da humanidade desde sua mais tenra existência. Segundo a historiadora Paula Sibilia, o surgimento dos quartos privados data de meados dos séculos XVIII e XIX, quando os sujeitos sentiram necessidade de estarem a sós consigo mesmo, e passaram a valorizar o espaço privado como o lugar do cuidado de si. Atualmente, os ambientes virtuais modificam a ideia de estar só:

Estando com o seu celular, você nunca está fora ou longe. Encontra-se

sempre dentro — mas jamais trancado em um lugar. Encasulado numa teia de chamadas e mensagens, você está invulnerável. As pessoas a seu redor não podem rejeitá-lo e, mesmo que tentassem, nada do que realmente importa iria mudar” (BAUMAN, 2004, p. 37).

O estar só torna-se quase impossível, quem nasceu na era da informação dificilmente experimentará a solidão. A intimidade e a solidão, que até pouco tempo eram vistas como necessárias e positivas, dentro desse espectro, tornam-se motivos de preocupação. É possível observar que: “A supressão da personalidade acompanha fatalmente as condições da existência submetida às normas espetaculares” (DEBORD, 1997, p.191).

Como consequência disso, o estar só ganhou um *status* de negatividade e estranheza, pois descumprindo as regras que a sociedade espetacular determina: o sujeito que pretende receber um mínimo respeito deve submeter-se ao espetáculo.

Esse novo modelo de interação é analisado pelo filósofo coreano, Byung-Chul Han, principalmente em seus livros *A sociedade do cansaço* (2015), *A sociedade da transparência* (2017) e *No enxame* (2018).

Em *Sociedade do cansaço*, Han faz uma reflexão sobre o sujeito pós-moderno e os motivos pelos quais os indivíduos que pertencem a esse tempo estão adoecendo, principalmente acometidos por doenças neuronais. O autor atribui a origem dessas patologias à substituição da alteridade pelo igual, da intimidade pelo excesso de exposição e do mistério pela pornografia.

No mesmo livro, o autor realiza uma análise das enfermidades pertencentes a cada época. A era chamada por Han de neuronal é a que define o início do século

XXI. Afirma que passamos de uma era bacteriológica para uma era neuronal, ou seja, não somos acometidos por vírus que nos adoecem, mas sim lidamos agora com doenças neuronais, tais como depressão, transtorno de déficit de atenção, hiperatividade, Síndrome de Burnout, as quais não são causadas por bactérias, e sim pelo que Han denomina como “excesso de positividade”.

O excesso de positividade se caracteriza “pelo desaparecimento da alteridade e da estranheza” (HAN, 2015, p. 10), ocorre aqui uma padronização, não só no parecer, mas também no ser. Acontece uma transformação no modo como o sujeito se relaciona com o conhecimento, com a política, com a sociedade. Esse excesso é consequência de uma sociedade da transparência, “que elimina de si toda e qualquer negatividade” (HAN, 2017, p. 09), pois: “O vento digital da comunicação e da informação penetra tudo e torna tudo transparente” (HAN, 2017, p. 103).

O mundo digital aliena o sujeito, pois proporciona uma falsa impressão de transparência em relação ao outro e ao mundo, essa relação totalmente iluminada, transparente é “uma relação morta, à qual falta toda e qualquer atração, toda e qualquer vivacidade” (HAN, 2017, p.16).

Nesse mundo transparente, o interesse pelo outro ocorre não pelo outro em si mesmo, mas apenas no modo como reage à exposição do eu.

O outro não possui uma identidade clara e não fala de um lugar definido, o que já altera o modo como os indivíduos se relacionam. A possibilidade de não ser identificado, o fato de não existir uma relação hierárquica explícita entre os usuários das redes sociais, são alguns dos causadores de uma sensação de conforto e de ausência de responsabilidade sobre aquilo que é exposto. Logo, o mundo digital se apresenta como algo paradoxal, na medida em que apesar da vigilância constante consegue proporcionar ao usuário uma sensação de liberdade. Essa é uma importante distinção entre a sociedade disciplinar e a sociedade do desempenho, sendo que “a sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição. O verbo modal negativo que a domina é o não-ter-o-direito”, já a atual sociedade do desempenho não possui esse caráter de negatividade, “no lugar da proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação” (HAN, 2015, p.24). Isso torna o sujeito do desempenho mais disposto a produção que o sujeito de obediência.

O sujeito da sociedade do cansaço está inserido em uma realidade transparente que violenta o indivíduo, segundo o filósofo: “A coerção por transparência nivela o próprio ser humano a um elemento funcional de um sistema.” (HAN, 2017, p.12-13). Nesse momento, o autor propõe a ampliação do olhar, de modo que façamos a leitura da sociedade em que o sujeito está inserido.

É importante compreender que todas essas novas características dos sujeitos são consequência de um sistema, e ele é como uma peça de uma máquina, que tem como objetivo final gerar lucros fazendo um uso perspicaz da positividade, do desempenho, da auto exploração, e da transparência, pois “hoje em dia, explora-se a si mesmo, mesmo que se pense se encontrar em liberdade. O sujeito produtivo de hoje é ofensor e vítima simultaneamente.” (HAN, 2018, p.33). A ausência de tempo é uma consequência direta da auto exploração, o indivíduo que se submete a esse processo, não tem tempo para refletir sobre a veracidade das informações do mundo que o cerca.

A transparência oferece ondas gigantescas e “barulhentas” de informação, a cobrança por rendimento dissipa a oportunidade de refletir sobre as informações trazidas por tal onda, buscando a verdade sobre os fatos. “Há uma enchente de informações, mas (também) um estancamento espiritual. A causa (disso) é uma crise da comunicação. Os novos meios de comunicação são dignos de admiração, mas eles causam um barulho infernal” (HAN, 2018, p.42). Esse barulho destrói o silêncio necessário para a superação da transparência, não possibilita que se inicie a busca por verdade.

Os conceitos de transparência e verdade, para Han, “não são idênticos. A verdade é uma negatividade na medida em que se põe e impõe, declarando tudo o mais como falso.” (HAN, 2017, p.24), já a transparência só incentiva a exposição constante. O conceito de transparência está atrelado a um excesso de informações. A ausência de verdade e o excesso de informações geram um vazio: “A massa de informações não gera a verdade, e quanto mais se liberam informações tanto mais intransparente torna-se o mundo.” (HAN, 2017, p. 96). Como define Patrick Charaudeau, em seu livro *Discurso das mídias*:

A informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo (CHARAUDEAU, 2015, p. 19).

A consequência dessa permanente inundação de informações e da exposição excessiva faz com que a sociedade torne-se pornográfica: “A sociedade pornográfica é a sociedade do espetáculo” (HAN, 2017, p.67), onde “tudo está voltado para fora, desvelado, despido, desnudo, exposto.” (HAN, 2017, p. 32)

A ideologia do “mostrar a qualquer preço”, do “tornar visível o invisível e do selecionar o que é o mais surpreendente [...] faz com que se construa [...] uma visão adequada aos objetivos das mídias, mas bem afastada de um reflexo fiel.” (CHARAUDEAU, 2015, p. 20). Como no mito da caverna de Platão, a mídia produz um teatro de sombras e cada sujeito constrói sua representação do real.

Assim como Platão sugere em sua *Republica*, a sociedade transparente também expulsa o poeta, que produz as ilusões cênicas, as formas aparentes, os sinais rituais e cerimoniais, o tempo do poeta e o tempo do desempenho são muito diferentes, enquanto o poeta valoriza o jogo da sedução, o sujeito da transparência expõe-se. A ausência de um véu que obscureça a visão, do mistério, do suspense,

da demora, dissipa a curiosidade, “[...] a espontaneidade — capacidade de fazer acontecer — e a liberdade, [...]” (HAN, 2017, p.13), extingue o prazer da busca, do descobrir, do desvelar, do não compreender, da dúvida.

Sócrates é um sujeito que reconhecia a importância da filosofia como um modo de vida, a tal ponto que morreu por ela. Personagem recorrente nos diálogos platônicos, Sócrates distingue-se dos outros indivíduos por ter uma relação frutífera com a negatividade: ele admite não saber nada, e reconhece esse não saber, como um privilégio, pois não sabendo de nada, sua busca por saber nunca cessaria e poderia buscar conhecimento sobre tudo. Como afirma Kohan:

A filosofia tem uma marca etimológica, em sua origem histórica, por todos conhecida: desejar ou amar (filos) o saber (sophía). Quer dizer, o filósofo busca algo que não tem (à diferença do sofista, que supunha possuir o saber). Desde Sócrates, ensinar filosofia é ensinar uma ausência (ou talvez, uma impossibilidade) (KOHAN, 2008, p. 28).

Apresenta-se, então, a relação com a ausência com a impossibilidade de outra perspectiva, a insegurança aqui não causa um acovardamento, mas encoraja o indivíduo. O reconhecimento do não saber algo excita o sujeito na busca por conhecimento, e não causa uma falsa relação com o saber.

Tendo ciência de sua ignorância, Sócrates nunca encerrou sua busca, a vida para ele nunca tornou-se pornográfica, já que o “pornográfico é raso, não é interrompido por nada.” (HAN, 2017, p. 60). O método socrático causa interrupções na medida em que questiona, em que duvida, em que tenta ir além do que já foi dito, do que já está exposto. No método socrático, o velado é o motor da busca por conhecer. Para que o movimento em direção a esse desvelamento seja possível, é imprescindível a presença e a disposição do outro. Muitas vezes temos o outro somente em presença física, seu corpo está ali, mas sua atenção não. Torna-se muito mais cômodo dar atenção para uma realidade que se dá de forma pornográfica, do que para um mundo que exige esforço para ser desvelado.

A sociedade da transparência não admite intervalos, que são necessidades pertencentes à natureza humana. O mistério, o incerto e o desconhecido são as causas do movimento de busca por conhecimento, porém são cada vez mais oprimidos.

Uma chamada não foi respondida? Uma mensagem não foi retornada? Também não há motivo para preocupação. Existem muitos outros números de telefones na lista, aparentemente não há limite para o volume de mensagens que você pode, com a ajuda de algumas teclas diminutas, comprimir naquele pequeno objeto que se encaixa tão bem em sua mão.

Pense nisto (quer dizer, se houver tempo para pensar): é absolutamente improvável chegar ao fim de seu catálogo portátil ou digitar todas as mensagens possíveis. Há sempre mais conexões para serem usadas — e assim não tem grande importância quantas delas se tenham mostrado frágeis e passíveis de ruptura. O ritmo e a velocidade do uso e do desgaste tampouco importam. Cada conexão pode ter vida curta, mas seu excesso é indestrutível. Em meio à eternidade dessa rede imperecível, você pode se sentir seguro diante da fragilidade irreparável de cada conexão singular e transitória (BAUMAN, 2004, p.37).

Mesmo sendo o intervalo uma necessidade humana, o sujeito adequa-se ao ritmo do desempenho, para se encaixar, para sobreviver e para se sentir seguro. Com isso, tudo se torna transitório e efêmero. Substituímos a qualidade das relações pela quantidade, não é necessário se preocupar se uma conexão se desfez, pois há milhões de outras possibilidades disponíveis, os relacionamentos humanos se assemelham cada vez mais a relação entre sujeito e objeto na sociedade de consumo, o outro se tornou tão descartável quanto um objeto substituível.

Para exemplificar a pobreza de complexidade, Han utiliza-se do Smartphone, que para ele

é um aparato digital que trabalha com um modo de *input-output* [...] Ele abafa toda forma de negatividade. Desse modo se desaprende a *pensar* de um modo complexo. [...] O curtir sem lacunas produz um espaço da positividade. [...] O smartphone, como o digital em geral, enfraquece a capacidade de lidar com o negativo (HAN, 2018, p. 45).

A obscenidade⁵ e a positividade dos tempos atuais causam estagnação e tédio, e o excesso de exposição “leva a alienação do próprio corpo, coisificado e transformado em objeto expositivo, que deve ser otimizado” (HAN, 2017, p. 33). Dessa forma, o cuidado de si passa a ser para o outro, pois, na medida em que se busca essa otimização para a exposição, é necessário corresponder a padrões e regras que não são definidas pelo sujeito, mas impostas de fora. A sociedade do espetáculo manipula através da positividade, o que dá ao processo de alienação do sujeito tamanha sutileza, que o mesmo nem percebe estar sendo manobrado. Assim, o corpo torna-se “uma boneca vestida sem alma, a ser adornado, enfeitado, equipado com símbolos e significados”. (HAN, 2017, p. 100).

A história de Cyrano de Bergerac, de Edmond Rostand, reflete essa questão, trata de “um homem cuja aparência física não era das mais charmosas” (SIBILIA, 2008, p. 58), mas que, através de sua escrita muito bela consegue conquistar o

⁵ Obscena é a transparência que nada encobre, nada esconde, colocando tudo à vista. (HAN, 2017, p.64).

coração de sua jovem amada.

O coração da moça, porém, palpitava por um fantasma, pois ela acreditava que o remente da carta era outro: um jovem belo um pouco insosso. É possível imaginar, nos meandros do ciberespaço, múltiplas versões contemporâneas de Cyranos, [...] digitando ardentes epístolas na tela (SIBILIA, 2008, p.58).

Aquele que não se submete a essa hipereposição é colocado sob suspeita, “o espetáculo se apresenta com uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 1997, p. 17). Quem não possui uma conta no Facebook⁶, por exemplo, é visto como estranho e com desconfiança, como se a rede social fosse um reflexo hiper-real daquilo que a vida é. O que ocorre é a inversão de valor de verdade entre o que é aparência e realidade. Nesse caso, “o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana — isto é, social — como simples aparência” (DEBORD, 1997, p.16).

A representação do sujeito, em sua página pessoal nas redes sociais, passa a ter mais validade que o sujeito em si. Platão no Livro X de sua República, busca realizar uma distinção entre aparência e realidade. O filósofo pretende provar a ausência de existência real nas obras feitas por pintores e poetas, para isso, afirma que esses só criariam imagens fantasmas. Para dar início a sua argumentação, o filósofo utiliza-se do espelho, narrativa esta capaz de nos conduzir a problemática das redes sociais posta acima:

Sócrates — [...] se quiseres pegar num espelho e andar com ele por todos os lados. Farás imediatamente o Sol e os astros do céu, a Terra, tu mesmo e os outros seres vivos, e os móveis e as plantas e tudo aquilo de que falávamos há instantes.

Glauco — Sim, mas serão aparências, e não objetos reais. (PLATÃO, 1997, p. 234)

A inversão do real acentua a valorização da aparência em detrimento daquilo que é real. Segundo Benjamin, falta às cópias a aura: “o que é propriamente uma aura? Um estranho tecido fino de espaço e tempo: aparição única de uma distância, por mais próxima que esteja.” (BENJAMIN, 2014, p. 29).

⁶ A rede social *Facebook* é destacada aqui, pois, segundo dados do IBGE citados na reportagem publicada pela Agência Brasil, possui o maior número de usuários ativos no Brasil. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-07/facebook-chega-127-milhoes-de-usuarios-no-brasil>>.

A derrocada atual da aura tem seus fundamentos em duas situações: “o crescimento cada vez maior das massas e [...] a crescente intensidade de seus movimentos.” (BENJAMIN, 2014, p. 29). Glauco, no diálogo com Sócrates, de pronto identifica que aos reflexos criados pelo espelho faltam realidade. Nós da sociedade contemporânea desvalorizamos a existência real e nos apegamos a mera aparência, pois:

Trazer para mais próximo de si as coisas é igualmente um desejo apaixonado das massas de hoje, [...] diariamente, torna-se cada vez mais irresistível a necessidade de possuir o objeto na mais extrema proximidade, pela imagem, ou melhor, pela cópia, pela reprodução. (BENJAMIN, 2014, p. 29).

A autenticidade ou o que Benjamin define como o aqui e agora das coisas do mundo não nos interessam mais, temos uma nova forma de perceber o mundo, preferimos observá-lo a partir do espelho. Se esse reflexo for substituído pelo Facebook na afirmação de Sócrates, talvez os sujeitos inseridos no mundo tecnológico, não tenham a mesma facilidade de Glauco ao identificar a falta de existência real como o problema. Assim, os sujeitos insistem que as representações na vida online são suficientes em realidade e verdade.

Na atualidade a representação acaba tem mais valor do que a coisa em si. “A fase atual, [...] leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer [...]” (DEBORD, 1997, p.18). Han compara o smartphone ao espelho afirmando que “O smartphone funciona como um espelho digital [...] Ele abre um espaço narcísico na qual eu me tranco.” (2018, p. 45).

A extinção da negatividade contribui diretamente com o capital, pois intensifica e facilita a criação e captação de dados que permitem identificar as preferências do sujeito e também separá-los em grandes grupos, os catalogando por suas similitudes: “Essa mineração de dados não é nova nem surpreendente. O Facebook acompanha, armazena e traça o perfil dos gostos e preferências de seus usuários para melhorar sua publicidade dirigida” (KORYBKO, 2018, p. 56). A rede social, assim como outros aplicativos, consegue captar esses dados sem que o usuário da rede tenha plena consciência do quanto está exposto e sendo vigiado, o mérito desse tipo de método está na descrição de sua vigilância, que ocorre de forma tão indireta que o indivíduo não percebe estar sendo observado, como comenta Han: “o Google e redes sociais, que se apresentam como espaços de liberdade, estão adotando cada vez mais formas panópticas. Hoje a supervisão não

se dá como se admite usualmente, como agressão à liberdade” (2017, p.115).

Essa sensação de não estar sendo vigiado é consequência de uma forma comum de observação e conta com a colaboração passiva das próprias pessoas vigiadas.

Para Han,

o presidiário do panóptico digital é ao mesmo tempo o agressor e a vítima [...] é aperspectivo na medida em que não é mais vigiado por um centro [...] ele surge agora totalmente desprovido de qualquer ótica perspectivística, e isso é que constitui seu fator de eficiência. A permeabilidade transparente aperspectivística é muito mais eficiente do que a supervisão perspectivística, visto que é possível ser iluminado e tornado transparente a partir de todos os lugares, por cada um (HAN, 2017, p. 106).

Além do privilégio na obtenção de dados e a criação de uma massa homogênea de consumidores, “a rede se transforma em esfera íntima ou zona de conforto” (HAN, 2017, p. 81), e tira do sujeito a capacidade de lidar com pessoas, com ideias divergentes que podem causar uma perturbação nas verdades já reconhecidas como tal. Logo, a vida pública teria uma função construtiva de adaptar o ser humano a correr riscos, a colocar suas verdades em jogo, a defender suas ideias. Porém, nesse novo espaço de atuação é possível editar a realidade, já que “a proximidade digital presenteia o participante com aqueles setores do mundo que lhe agradam. Com isso, ela derruba o caráter público, a consciência pública; [...] privatizando o mundo.” (HAN, 2017, p.81). O que gera uma impossibilidade do sujeito na lida com aquilo que não lhe traz prazer e que não confirma sua perspectiva sobre o real.

As mídias sociais e sites de busca constroem um espaço de proximidade absoluto onde se elimina o *fora*. Ali encontra-se apenas o si mesmo e os que são iguais; já não há mais negatividade, que possibilitaria alguma modificação (HAN, 2017, p. 81).

Os sujeitos pertencentes à sociedade positiva evitam a negatividade, pois a positividade aproxima, une, de forma rápida e eficiente. “O veredicto da sociedade positiva é este: Me agrada”. (HAN, 2017, p.24), e este veredicto é tomado em questão de segundos, com um click na tela e, muitas vezes, não há nessa atitude nenhum tipo de reflexão, de pensamento.

Na sociedade positiva ocorre uma autoexposição, selfies, check-ins, vídeos, lives, textos e fotos são postados diariamente pelos próprios usuários de redes sociais. “Os usuários do Facebook criam voluntariamente seu próprio perfil

psicológico através de informações que publicam voluntariamente, das curtidas que produzem e dos amigos e grupos online aos quais se associam.” (KORYBKO, 2018, p. 56).

O sujeito se coloca “nu”, não por uma imposição que tenha origem fora dele, mas por uma necessidade gerada por ele mesmo. A especificidade do panóptico digital é, sobretudo, o fato de que seus frequentadores colaboram ativamente e de forma pessoal em sua edificação e manutenção, expondo-se ao mercado panóptico. (HAN, 2017, p. 108). O valor das coisas se reduz ao quanto elas aparecem, logo, nessa perspectiva, deve-se fazer de tudo o que for necessário para chamar a atenção, para poder ser, existir. Como consequência disso,

[...] os adoecimentos neuronais do século XXI seguem, por seu turno, sua dialética, não a dialética da negatividade, mas da positividade. São estados patológicos devidos a um *exagero de positividade*. A violência provém não apenas da negatividade, mas também do igual. (HAN, 2015, p.14-15).

Quando o diferente é eliminado, a elaboração de ideias por meio do impacto causado por aquilo que causa estranheza se extingue. O consumo, o trabalho, a extinção da alteridade e o adoecimento são todos assuntos abordados por Han para evidenciar os problemas pertencentes do que ele nomeia como sociedade do desempenho.

Nessa sociedade, o homem exerce um tipo de autoexploração, isto é, o sujeito não precisa de mais ninguém para explorá-lo, ele mesmo toma para si a função de se explorar, que é mais efetivo que a exploração do outro, já que esta está estritamente ligada ao sentimento de liberdade. Para Han, “o sujeito do desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração” (HAN, 2015, p. 30).

Como consequência desse processo de auto exploração, o sujeito tem muitas tarefas e metas a cumprir. Desde muito cedo sendo cobrados e disciplinados a “ser alguém”, cujos padrões de “sucesso” já são pré-determinados pela sociedade, disso advém uma cultura do fora, na qual o tempo para pensar é cada vez mais escasso, já que o “ser alguém” no capitalismo está fortemente atrelado a ter bens, ou seja, você é se você tem ou aparenta ter. “A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma

evidente degradação do ser para o ter.” (DEBORD, 1997, p.17).

Estamos nos afastando de nossa racionalidade, perdendo a capacidade de ter “uma atenção profunda, contemplativa” (HAN, 2015, p. 33) e tornando-nos animais multitarefa.

A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem (HAN, 2015, p. 31-32).

Nessa sociedade em que o autor caracteriza os sujeitos como multitarefas, a filosofia tende a se ausentar, pois não há tempo para dedicar-se profundamente a nada e quando há tempo não há vontade contemplativa, pois ainda se sobrepõe a ela o ímpeto de acompanhar a velocidade que o mundo tecnológico dita e, sem pensar sobre esse mundo, nos atiramos de costas ao real, já que estamos sempre com pressa e sem tempo.

O tempo criativo do ócio é transformado em “neg-ócio”, como consequência disso, nos prendemos a informações rasas e rápidas, como uma forma desesperada de agarrarmos a realidade e, ao mesmo tempo, dar conta de sermos “bem-sucedidos” o mais rápido possível.

O cansaço nos deixa incapazes de realizar qualquer coisa, o tempo na sociedade contemporânea é escasso. A disposição para pensar, para dialogar, para debater, para olhar para o outro e para si mesmo é pouca e, por vezes, até inexistente, pois:

Quanto mais atenção humana e esforço de aprendizado forem absorvidos pela variedade virtual de proximidade, menos tempo se dedicará à aquisição e ao exercício das habilidades que o outro tipo de proximidade, não-virtual, exige. Essas habilidades caem em desuso — são esquecidas, nem chegam a ser aprendidas, são evitadas ou a elas se recorre, se isso chega a acontecer, com relutância. Seu desenvolvimento, se requerido, pode apresentar um desafio incômodo, talvez até insuperável (BAUMAN, 2004, p. 40).

A disposição para o ócio produtivo é uma das fontes de criação da filosofia, pois ele proporcionaria o tempo necessário para as reflexões sobre o mundo. Atualmente falta-nos tempo vago. O excesso de informações possibilitado pelas novas tecnologias da informação e comunicação fez desaparecer o tempo ocioso, tempo este em que o sujeito observaria o mundo onde vive, fomentando sua curiosidade e sua disposição para pensar os problemas que sua realidade

apresenta.

A ausência do intervalo vazio impede o pensar, impede o reconhecimento das diferenças; os problemas referentes à sua existência já não são mais interessantes.

Sem o confronto causado pela alteridade, o sujeito age, fica estagnado, pois só nos movemos para resolver algo quando aquilo nos afeta profundamente. Nesse mundo virtual personalizável, não precisamos enfrentar conflitos e resolver problemas, já que quase sempre é possível “ignorar”, “bloquear”, “deixar de seguir” tudo e todos que afetem ou modifiquem a realidade.

Diferentemente dos “relacionamentos reais” é fácil entrar e sair dos “relacionamentos virtuais”. Em comparação com a “coisa autêntica”, pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear. Entrevistado a respeito da crescente popularidade do namoro pela Internet, em detrimento dos bares para solteiros e das seções especializadas dos jornais e revistas, um jovem de 28 anos da Universidade de Bath apontou uma vantagem decisiva da relação eletrônica: “Sempre se pode apertar a tecla de deletar” (BAUMAN, 2004, p. 08).

Pensando nesses aspectos, vemos que as redes tornaram-se o espaço de segurança. O sujeito inseguro perante o mundo real encontra refúgio no virtual, como se os aparelhos tecnológicos fossem o bunker pessoal, onde ele pode ser quem quiser. Os usuários aproveitam da internet como um meio para proteger-se da complexidade e dos problemas provenientes das relações humanas e do convívio em sociedade. Essa espécie de fuga oportunizada pelas tecnologias, nas mídias sociais e outros aplicativos, não foi tão presente em nenhum outro tempo. Trata-se de uma característica de nossa época, que traz novos ares, novos questionamentos, novos obstáculos e oportunidades aos debates políticos, à educação, à filosofia e à nossa democracia.

2.3. A conversão das massas em enxames

No dicionário Aurélio, o termo massa aparece com diversos significados, entre os apresentados, pode-se destacar o seguinte: “Número considerável de pessoas que mantem estre si coesão de caráter social, cultural, etc.” (2010, p. 492). Toda massa, precisa de um norte comum para gerar alguma alteração na realidade, desse modo: “Um aglomerado contingente de pessoas não forma uma massa. É

primeiramente uma alma ou um espírito que os funde em uma massa fechada e homogênea.” (HAN, 2018, p. 27).

Walter Benjamin, em seu ensaio sobre a reprodutibilidade técnica da obra de arte, afirma que o cinema tem potencialidade para emancipar as massas, mas também pode servir para interesses nefastos, como serviu ao fascismo, por exemplo.

Benjamin analisa a ascensão da capacidade de reprodução em massa com observações que são pertinentes até a atualidade. O autor acredita que como consequência dessa capacidade de reprodução, a arte perde seu valor cultural e ocorre a “decadência da aura”, que é definida como um “estranho tecido fino de espaço e tempo [...] A proximidade proporcionada causa a extinção desse tecido fino, que seria o mantenedor do valor cultural da obra de arte.” (BENJAMIN, 2014, p. 27).

Com o processo de desenvolvimento da técnica em reprodução já não é mais imprescindível uma especialização do olhar do espectador. Para analisar uma pintura de modo a compreender quais os fatos que coincidem em seu valor, o sujeito precisa possuir um olhar técnico, especializado. O contato com o filme precisa de um olhar atento, mas o sujeito pode ser carregado pelas imagens em movimento. As imagens reproduzidas em massa geram uma mudança no modo como os indivíduos percebem e pensam o mundo, e Benjamin destaca o potencial dessa maneira de perceber o mundo mediado pela tecnologia.

Apesar do aniquilamento da aura e do valor cultural, Benjamin tem um olhar positivo sobre a capacidade de emancipação política da arte que pode ser proporcionada pelo cinema. Ele destaca que para que seja possível a emancipação através do cinema, é preciso que este também seja emancipado, que ele não reitere a lógica de poder já instituída. Benjamin não se pergunta mais pela autenticidade da obra, pois “revolve-se toda a função social da arte. No lugar de se fundar no ritual, ela passa a se fundar em uma outra práxis: na política.” (BENJAMIN, 2014, p. 35).

Le Bon em Psicologia das multidões e Benjamin em A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica reconhecem dois fatores que contribuíram fortemente para as transformações ocorridas na modernidade: a desvalorização dos ritos e a derrocada das crenças religiosas, políticas e sociais e a revolução realizada nas técnicas de produção e reprodução propiciadas pela Revolução Industrial. Essas mudanças abalaram algumas bases do pensamento da época, o valor atribuído às

obras de arte por sua exclusividade, por exemplo, já não existe mais, tornou-se efêmero, graças à capacidade de reprodução em massa.

Na medida em que multiplica a reprodução, coloca no lugar de sua ocorrência única sua ocorrência em massa. E, na medida em que permite à reprodução ir ao encontro daquele que a recebe em sua respectiva situação, atualiza o que é reproduzido. Esses dois processos conduzem a um violento abalo do que foi transmitido – um abalo da tradição, que consiste no reverso da atual crise e renovação da humanidade (BENJAMIN, 2014, p. 23).

A contemplação passiva daquilo que a natureza tem de espontâneo deixa de existir e a busca pela dominação dos recursos naturais ganha espaço, a partir daí não se deixa mais quase nada à mercê do ação do tempo, o homem cria o que antes só a natureza era capaz de modificar. A reprodução técnica dá às massas certa sensação de poder e pertencimento, pois antes a exclusividade as mantinha marginalizadas e sem acesso aos recursos que quem detinha o poder econômico possuía. Nas palavras de Le Bon:

Sobre as ruínas de tantas ideias, outrora consideradas verdadeiras e já mortas hoje, sobre os destroços de tantos poderes sucessivamente derrubados, este poder das multidões é o único que se ergue e parece destinado a absorver rapidamente os outros. No momento em que as nossas antigas crenças vacilam e desaparecem, em que os velhos pilares das sociedades desabam, a ação das multidões é a única força que não está ameaçada e cujo prestígio vai sempre aumentando. A época em que estamos a entrar será, na verdade, a era das multidões” (LE BON, 1895, p. 5).

A unidade é característica imprescindível no comportamento das massas. Acreditava-se que por meio da união os sujeitos que compunham essas massas seriam capazes de se emancipar, além disso, os indivíduos organizados em grandes grupos tendem a ser mais resistentes do que indivíduos isolados. Tais massas não viveriam sob dominação, pois elas teriam uma potência transformadora que o indivíduo solitário não possuiria. Em meio às ruínas, as massas permanecem em pé. O comportamento do sujeito singular tem influência direta na alteração de comportamento das massas, é impossível dissociá-los por inteiro.

Atualmente, esse bloco conciso de pessoas organizadas em prol de um ideal, chamado de massas ou multidões, sofreu o impacto das mudanças geradas pelo uso das tecnologias. Estas, que formaram resistências em lutas duríssimas durante a história da humanidade e se mantiveram firmes em meio às ruínas causadas pelas

transformações modernas, foram fragilizadas, perdendo sua capacidade de mobilização, cujo impacto tenha repercussão na realidade. Elas não deixaram de existir, mas perderam força. Falta hoje o que Le Bon chama de alma coletiva:

O fato mais singular, numa massa psicológica, é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam semelhantes ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente da que cada um sentiria, pensaria e agiria isoladamente. Certas ideias, certos sentimentos aparecem ou se transformam em atos apenas nos indivíduos em massa (LE BON, 1895, p.12).

As multidões são organismos formados por impulsos inconscientes, ou seja, a força que as move não é a capacidade intelectual dos membros que a compõe, mas sim suas emoções e crenças. A capacidade do sujeito de abrir mão de sua individualidade, adquirindo características que, segundo Le Bon, pertencem às organizações coletivas, é indispensável para que a multidão cause algum efeito no meio em que vive. Han afirma que o sujeito que pertence à massa “não têm mais nenhum perfil próprio.” (2018, p. 27). Esse sujeito deixa de lado suas características particulares e adere aos caracteres pertencentes àquela massa da qual faz parte.

Le Bon define três caracteres especiais para as massas: o primeiro é a sensação de invencibilidade e anonimato proporcionada pela multidão, caracteres que extinguem a noção de responsabilidade. O segundo é o contágio mental, que “é um fenômeno fácil de observar [...]. Numa multidão, todos os sentimentos, todos os atos são contagiosos e são-no a ponto de o indivíduo sacrificar facilmente o seu interesse pessoal ao interesse coletivo.” (LE BON, 1895, p. 14).

Para o autor, “Uma terceira causa, e de longe a mais importante, é o poder de sugestão [...]” (1895, p.14), para explicar o que seria esse poder de sugestão Le Bon compara-o com a hipnose, pela qual o hipnotizador tem total controle sob o indivíduo hipnotizado. Esta última instância é capaz de criar um sentimento de rebanho, faltando a esses enxames a capacidade de pensar:

Embora o futuro do mundo não dependa do pensamento, mas do poder das pessoas que agem, o pensamento não seria irrelevante para o futuro das pessoas, pois, [...] o pensamento seria a mais ativa das atividades, superando todas as outras atividades quanto à pura atuação.” (HAN, 2015, p.48)

A ação das massas não tem um fundamento racional, o pensamento não tem

o papel de protagonismo que deveria, não há o que se esperar de uma ação impensada. O sujeito que participa de uma multidão não tem plena consciência de suas atitudes, age por instinto, nessa perspectiva a conduta das massas aproxima-se do modo de proceder de um animal, assim não há garantia que as ações terão um resultado positivo.

O desaparecimento da personalidade consciente, o domínio da personalidade inconsciente, a orientação num mesmo sentido, por meio da sugestão e do contágio, dos sentimentos e das ideias, a tendência para transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas, são, portanto, os principais caracteres do indivíduo em multidão. Deixa de ser ele próprio para se tornar um autômato sem vontade própria (LE BON, 1895, p.15).

As vontades particulares e as ações voltam-se somente para o objetivo coletivo, os indivíduos colocam-se a agir por incentivo emocional, deixando de lado seu eu racional. O sujeito inserido num grande grupo e incentivado por um líder carismático inflama-se. Na organização em massa existe “uma alma, unida por uma ideologia, e ela marcha em uma direção.” (HAN, 2018, p. 30). As importantes afirmações sobre como se forma e como se comportam as multidões, ajudam-nos a compreender como se davam esses movimentos num tempo em que as redes não tinham um papel tão importante na formação de movimentos em massa.

Atualmente as mídias digitais e as redes sociais são o principal meio de organização de movimentos em massa. As redes facilitaram e deram voz a quem antes não era ouvido e por este motivo não podemos afirmar que as mídias sejam totalmente prejudiciais às organizações de grupos. Ela une os iguais de forma muito eficiente e essa união é o que coloca em risco a alteridade. Outro ponto abordado por Han e Le Bon é o anonimato proporcionado pelas redes, que causa a corrosão do respeito pelo outro e a extinção da alteridade citada acima, causa uma dificuldade na convivência com aquele que não é igual. Quando a rede proporciona ao sujeito o anonimato as consequências podem ser sombrias, como aponta Han,

O respeito está ligado aos *nomes*. Anonimidade e respeito se excluem mutuamente. A comunicação anônima que é fornecida pela mídia digital desconstrói enormemente o respeito. Ela é responsável pela cultura de indiscrição e de falta de respeito [que está] em disseminação (HAN, 2018, p. 14).

O anonimato proporcionado pelas redes pode gerar um comportamento indesejado no indivíduo, junto com o anonimato vem a sensação de liberdade. Os

sujeito encobertos por seus IPs⁷, não têm responsabilidade por aquilo que compartilham.

Na série intitulada “Eu e o universo”⁸, em seu primeiro episódio chamado “Mídias sociais” é apresentado um teste em relação ao poder do anonimato, que ocorre da seguinte forma: são postas 8 pessoas separadas em dois grupos, o objetivo delas ali é analisar, atribuir uma nota e fazer comentários sobre um vídeo de uma cantora chamada “Melody”. A diferença na orientação sobre a análise está no fato de o grupo um ser informado que terão de ler seus comentários para a cantora, enquanto o outro ficará anônimo. A artista canta propositalmente mal e a diferença entre os comentários dos membros dos dois grupos é gritante. As pessoas cujos comentários seriam mostrados à cantora foram respeitosos em suas falas, já os participantes informados que ficariam no anonimato teceram falas cruéis sobre a artista. O resultado do experimento é reflexo do que vemos hoje nas redes sociais: sujeitos escondidos pelas telas destilando ódio e dando opiniões impensadas sobre qualquer assunto.

Le Bon aponta o anonimato e a ação coletiva como fatores que encorajam e causam uma sensação de liberdade. A potencialização desses dois aspectos, gerada pela ascensão da tecnologia, transforma as massas em enxames, então: “Surgem apenas certos ajuntamentos e agrupamentos de diversos indivíduos isolados singularmente, de egos que perseguem um interesse comum ou que se agrupam em torno de uma marca.” (HAN, 2017, p.113-114)

Em 1928, Edward Bernays em sua obra intitulada Propaganda, também identifica o comportamento diferenciado do sujeito quando este está inserido em um grupo, porém o autor vai além e questiona: “[...] se entendêssemos o mecanismo e os motivos da mente grupal, não seria possível controlar e reger as massas de acordo com nossa própria vontade sem que elas percebessem?” (apud KORYBKO, 2018, p.46).

Os estudos voltados para as reações das massas primeiramente tinham como objetivo vender produtos, atualmente as pesquisas e os meios silenciosos de manipulação têm como objetivo final a “venda” de ideias para manutenção e obtenção de poder. Korybko cita Bernays novamente, quando este em seu ensaio

⁷ IP significa "Internet Protocol" e é um número que identifica um dispositivo em uma rede (um computador, impressora, roteador, etc.).

⁸ Disponível em: <<https://www.netflix.com/watch/80215230?trackId=200257859>>

intitulado A fabricação de consenso afirma que é possível gerir as massas, e que as facilidades geradas pelas tecnologias no campo da comunicação otimizam essa logística.

O meio para alcançar essa gestão das multidões também é apontado por Bernays. Segundo ele, é preciso uma abordagem indireta para que as massas sejam guiadas sem notar. “Ele instrui que ‘fábricas de consenso’ interessadas deem início a uma pesquisa minuciosa de seus alvos muito antes do início de sua campanha [...] Isso ajudará a entender a melhor maneira de se aproximar do público.” (apud KORYBKO, 2018, p. 47). Sob a perspectiva da propaganda com o objetivo de vender, a ideia do autor parece indefesa, porém quando a possibilidade de manipulação das vontades das massas é pensada sob o viés da manipulação de interesses políticos, chegamos a um ponto crítico do uso das tecnologias da comunicação, pois dessa forma é possível “dar início a uma agitação civil em larga escala.” (KORYBKO, 2018, p. 58).

As redes sociais e os enxames digitais facilitam a instauração desse tipo de situação, pois o sujeito que pertence ao enxame é diferente do sujeito que participa de uma massa. Primeiramente o sujeito do enxame é incapaz de anular-se em prol de uma causa coletiva. Graças ao império do “eu”, não transforma-se facilmente ideias em atos, o sujeito da multidão que seria capaz de deixar de lado o “eu” para seguir o “nós”, praticamente deixou de existir e deu lugar a um sujeito narcisista: “A narcisificação da percepção leva o olhar, o outro ao desaparecimento” (HAN, 2018, p. 49).

O tipo de relacionamento priorizado hoje (online) é pobre de olhar, não existe mais o “rosto que me olha, me aborda ou me balança.” (HAN, 2018, p. 46). Os celulares treinaram “os olhos a olhar sem ver.” (BAUMAN, 2004, p. 58). O olho que nada enxerga não é afetado pelo mundo que o cerca, o olhar que assiste ao espetáculo é vazio. A lacuna deixada pela extinção do outro vai sendo ocupada “pela imagem, [...] espetacularizada.” (SODRÉ, 2016, p. 159).

O enxame forma-se com facilidade, mas com a mesma facilidade se desfaz. Han destaca a volatilidade dos exames digitais, essa inconstância afasta bruscamente os enxames das massas, pois como fora afirmado acima a unidade e a constância das multidões resultam em modificações, em movimentos, sem esse norte firme o enxame se perde. “O novo ser humano passa os dedos [...], em vez de agir.” (HAN, 2018, p. 62).

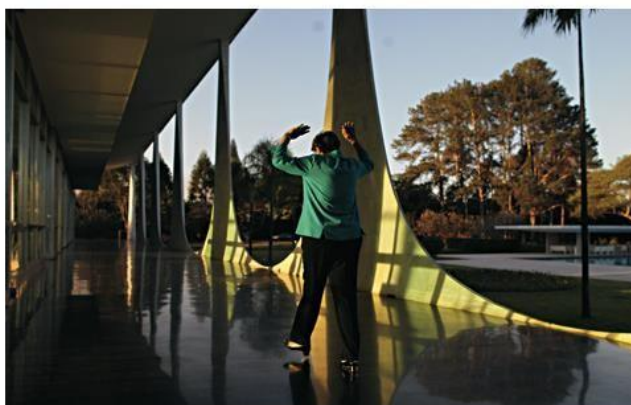
A inconstância impede o desenvolvimento da vontade. “Falta aos enxames digitais [...] poder. [...] Falta aos enxames digitais [...] decisão. Eles não marcham. Eles se dissolvem, [...] por causa dessa efemeridade, eles não desenvolvem nenhuma energia.” (HAN, 2018, p. 31). Os enxames atacam “[...] pessoas individuais, embaraçando-as ou escandalizando-as” (HAN, 2018, p. 31). Citaremos a seguir um exemplo de mulheres brasileiras que sofreram com ataques do que denominamos aqui enxames digitais.

Primeiramente é importante destacar que não é um mero acaso que uma mulher tenha sido atacada, mas sim que isso reflete a cultura machista que ainda é forte em nosso país. A ex-presidenta Dilma Rousseff foi atacada por diversas vezes por enxames digitais. Imagens da ex-presidenta foram retiradas do contexto real, e publicadas para atacá-la pessoalmente. Um exemplo disso é o que fez a revista Isto é em 2016, em sua Edição nº 2417, quando publicou a foto de Dilma durante um jogo do Brasil na Copa, em sua capa com a legenda “As explosões nervosas de uma presidente”⁹

ISTO É

ASSINE

teria, segundo o testemunho de um integrante do primeiro escalão do governo, avariado um móvel de seu gabinete, depois de emitir uma série de xingamentos. Para tentar aplacar as crises, cada vez mais recorrentes, a presidente tem sido medicada com dois remédios ministrados a ela desde a eclosão do seu processo de afastamento: rivotril e olanzapina, este último usado para esquizofrenia, mas com efeito calmante. A medicação nem sempre apresenta eficácia, como é possível notar.



DESCONTROLE

A presidente se entope de calmantes desde a eclosão da crise. Os medicamentos nem sempre surtem efeito, atestam seus auxiliares

Figura 1: Reportagem postada em 2016 pela Revista Isto é.

⁹ Disponível em:

https://istoe.com.br/edicao/894_AS+EXPLOSOES+NERVOSAS+DA+PRESIDENTE/

A capa gerou mobilizações online sobre o descontrole de Dilma e questionamentos sobre a sanidade mental da presidenta. No período em que a imagem e a matéria foram publicadas estava acontecendo um grande movimento pró-impeachment. A matéria refere-se a Dilma como uma pessoa mentalmente incapaz e afirma: “Segundo relatos, a mandatária está irascível, fora de si e mais agressiva do que nunca.”. Quem iria desejar que a maior autoridade de seu país fosse incapacitada mentalmente? A revista, por meio da manipulação de imagem, vendeu essa ideia, incentivando as massas a apoiarem a saída de Dilma da presidência, fato que se efetivou em 31 de agosto do ano seguinte. Como afirmado acima, por diversos estudiosos da manipulação dos comportamentos em massa, é com sutileza que se orienta as massas.

A capa da revista pode parecer inofensiva à primeira vista, mas podemos nos perguntar: Por que tirar a foto de seu contexto real e apresentá-la como uma reação desequilibrada da presidenta? Por que afirmar que Dilma havia perdido o equilíbrio emocional para gerir o país? Por que essa capa saiu durante o processo de impeachment? Por que nunca vimos os ataques raivosos de Dilma? E se Dilma estivesse com raiva das informações pessoalmente ofensivas publicadas sobre ela durante aquele período, qual seria o problema nisso?

No atual império da imagem, uma foto publicada fora de seu contexto e uma legenda como a colocada pela revista Isto é é capaz de causar muitos danos. Ao contrário do que afirma a revista, no dia de seu depoimento Dilma apresentou-se calma e com suas faculdades mentais em plena saúde, durante suas 13 horas de depoimento, em nenhum momento mostrou-se como descrito pela revista. A demonstração de clareza e tranquilidade durante seu depoimento argumenta contra todos os fatos expostos pela revista, não seria possível para a Dilma descrita na revista fingir sanidade durante 13 horas.

2.4. A transparência

O que leva o homem a filosofar? O que causa o desejo pelo saber filosófico? É possível que o homem contemporâneo tenha disposição para a filosofia? Em meio à tanta informação há espaço para a filosofia? As questões sempre são o princípio da busca do homem e em certas vezes podem também ser o fim. Partiremos aqui

dessas questões que há muito vem sendo pensadas, apesar dos diversos caminhos apontados pelos pensadores e estudiosos da filosofia, como muitas outras do campo filosófico, esses questionamentos não tem uma resposta definitivamente correta. As mudanças de modo de vida afetam o modo como o homem se relaciona com o conhecimento, o que leva a necessidade de que essas perguntas, assim como tantas outras, sejam constantemente refeitas e repensadas a partir dos limites, problemas, evoluções dos sujeitos e da sociedade em que nos encontramos.

Sobre a primeira pergunta “O que leva o homem a filosofar?”, afirmamos nos pontos anteriores a necessidade de certa disposição para o pensar, desse modo pretendemos aqui pensar esse filosofar dentro da disciplina de Filosofia, pois o sujeito do desempenho está na escola, e a escola está também inserida nessa sociedade definida por Han como sociedade de transparência e do cansaço. O sujeito do desempenho tem clareza de que não pode perder tempo, logo transforma sua vida numa busca incessante por rendimento, isso afeta alunos e professores. O mais importante nesse caso não é o conhecimento adquirido, ou a formação humana, mas a nota do ENEM, a aprovação no vestibular.

O interesse do Governo Estadual também não se afasta dessa lógica do desempenho, o que interessa são os índices apresentados pelas escolas. Cada vez é mais cobrado das escolas que estabeleçam metas para aumentar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Como consequência dessa visão que visa somente converter o aprendizado em dados, números e porcentagens, a Filosofia é tomada como uma disciplina de menor valor. Professores, alunos, pedagogos, diretores se veem aprisionados por esse sistema que cobra rendimento, desempenho, mesmo que para alcançar esse “sucesso” seja necessário render-se a sociedade transparente, reprodutora.

Quando falamos da disciplina Filosofia, salta aos olhos a necessidade de justificar constantemente a utilidade do pensar filosófico na formação do sujeito. A disciplina precisa a todo o momento afirmar a importância de sua permanência na grade escolar, o que deixa claro que o modo de vida do sujeito contemporâneo desconfia de tudo aquilo que não é imediata e objetivamente útil. Para esclarecer o que significa essa utilidade, podemos utilizar o discurso do atual Ministro da Educação o economista, Abraham Weintraub, quando afirma que:

A função do governo é respeitar o dinheiro do pagador de imposto. Então, o

que a gente tem que ensinar para as crianças e para os jovens? Primeiro, habilidades: poder ler, escrever e fazer conta. A segunda coisa mais importante: um ofício que gere renda para a pessoa e bem-estar para a família dela, que melhore a sociedade em volta dela.¹⁰

A utilidade defendida pelo atual Ministro da Educação vai contra toda a proposta contida nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação. Formar um sujeito que saiba ler e contar não é suficiente para que tenhamos indivíduos críticos e capazes de transformar a sociedade ao seu redor. O objetivo do Ministro é formar mão de obra, e preferencialmente um trabalhador alienado e disciplinado, que compreenda a necessidade de render e cooperar para o acúmulo de riqueza dos donos de empresa, assim ocorre a diminuição da ação do Estado no que tem relação com às políticas sociais e a maximização deste, no que diz respeito aos interesses do capital. É importante notar que o Ministro acima citado é economista e seu olhar para a educação é unicamente o de quem pretende poupar gastos.

Como podemos observar, a realidade na qual estamos inseridos está sofrendo mudanças extremas, logo, não só alteraram-se os modos de busca e acesso à informação, mas também o discurso sobre o papel da educação. A disciplina de Filosofia que a pouco precisava se questionar sobre o que gera a disposição para o pensar, vê-se diante de um discurso que elimina da formação do sujeito a necessidade de desenvolver sua capacidade de pensamento. Logo, o olhar para essa disposição precisa adequar-se as perspectivas apresentadas por esse tempo sombrio.

A atitude questionadora, incentivada pela filosofia, incomoda os sujeitos que desejam ter como povo pessoas que saibam ler, escrever e obedecer. Quando a Filosofia, como disciplina escolar, pretende fomentar a postura crítica e questionadora, é esperado que sofra ataques como os que vem sendo observados recentemente. Podemos afirmar que se a Filosofia está ameaçada é porque ela incomoda, faz barulho. Acreditamos que:

O filosofar aparece como um mandato que dita uma maneira de viver. [...] Trata-se de um estilo de vida que não aceita condições, [...] Nesse modo de vida, filosofar consiste em examinar, submeter a exame, a si mesmo e aos outros (KOHAN, 2011, p. 70).

¹⁰ Disponível em: <<https://horadopovo.org.br/bolsonaro-confirma-corte-de-verba-para-ensino-de-filosofia-e-sociologia/>>

O sujeito da sociedade contemporânea, inserido na lógica dessa sociedade do consumo, da alienação e da exploração, ainda é o homem que tem capacidade racional, que pensa, que pode e deve submeter tudo ao exame e a dúvida. Podemos afirmar que estamos em vantagem em relação à técnica, mas em desvantagem com relação ao desenvolvimento do pensar, do duvidar, pois “o caráter filosófico não se adquire mediante a apropriação dos tecnicismos do pensamento, mas com o próprio ser no mundo” (CABRERA, 2013, p. 21).

A transparência desenraiza a capacidade de exame. Quando o objetivo da formação é reafirmar as crenças da sociedade do consumo, formando um fantoche dócil, propor o estudo da filosofia nas escolas realmente pode parecer contraditório. Pensar para que ensinamos é uma missão pesada para os educadores inseridos nesse sistema de rendimento. O professor é um profissional refém da autoexploração e das péssimas condições de trabalho a que é submetido, o que tem como consequência o adoecimento¹¹ dos professores.

Como manter ou causar a disposição para o filosofar com tantos obstáculos? Como citado acima acreditamos que o trabalho que vem sendo feito pelos professores de Filosofia estão surtindo algum efeito, pois está causando incômodos em quem pretende a manutenção do poder.

Quando falamos aqui de disposição podemos nos perguntar: para que o jovem de hoje tem disposição? Notadamente a primeira resposta seria para fazer uso das ferramentas da era tecnológica, logo ficam por horas no computador, se distraem facilmente com o celular, ficam por horas jogando videogame. Se buscamos nesse jovem a disposição e notamos que ele se dispõe quando o assunto é tecnologia não seria simples inserir essa tecnologia na escola? Se a resposta for sim, podemos nos questionar: de que forma? Em que momentos? Como isso mudaria a busca e a construção de conhecimento? Compreende-se a necessidade de adequação do ambiente escolar aos novos modos de ser do homem no mundo, mas todas essas mudanças precisam ser pensadas profundamente para que

¹¹ Uma pesquisa online realizada pela Associação Nova Escola com mais de cinco mil educadores, entre os meses de junho e julho de 2018, reuniu mais informações sobre o problema e identificou que 66% das professoras e professores já precisaram se afastar do trabalho por questões de saúde. O levantamento também mostrou que 87% dos participantes acreditam que o seu problema é ocasionado ou intensificado pelo trabalho. Entre os problemas que aparecem com maior frequência estão a ansiedade, que afeta 68% dos educadores; estresse e dores de cabeça (63%); insônia (39%); dores nos membros (38%) e alergias (38%). Além disso, 28% deles afirmaram que sofrem ou já sofreram de depressão. (Disponível em: <<https://appsindicato.org.br/66-dos-professores-ja-precisaram-se-afastar-por-problemas-de-saude/>>)

culminem no fortalecimento da escola como espaço do conhecimento.

A tecnologia democratizou o acesso à informação e o espaço do conhecimento, assim como transformou a relação entre os indivíduos, com o mundo e até consigo mesmo. A relação com o espaço escolar também foi impactada por tais mudanças, a escola não é mais o único espaço de conhecimento, ao contrário disso tornou-se um dos espaços menos interessantes aos olhos da juventude.

A escola, como espaço de conhecimento, é afetada pelo excesso de transparência, todas as mudanças ocorridas na sociedade refletem e geram consequências positivas e/ou negativas no ambiente escolar. O avanço da tecnologia causa a ascensão de um modo de vida transparente. O desafio da escola atualmente não está atrelado somente a adequar-se ao desenvolvimento das tecnologias, mas a superação do olhar transparente. O primeiro efeito colateral da transparência que afeta diretamente a escola é a destruição do desejo, sem o desejo não há abertura para o saber. Sem o desejo é possível ensinar a história da filosofia, ensinar o significado de conceitos, mas sem o desejo, é impossível filosofar.

Se pensarmos o filosofar a partir de uma leitura de mundo, de uma capacidade do sujeito de identificar questões que causem incômodo, o filosofar ocorreria a partir do momento em que esse indivíduo fosse capaz de apropriar-se das questões e as recolocasse, dando existência aos questionamentos filosóficos. O que precede ao readequamento da perspectiva do questionamento filosófico é a compreensão do que é pensar filosoficamente o mundo. O fato de um estudante questionar tudo o que é posto, por exemplo, não dá a ele o título de filósofo. O desenvolvimento da capacidade de identificar um problema, questioná-lo e a partir dele produzir uma reflexão seria característico ao filosofar. O sujeito narcísico da sociedade contemporânea precisa tirar os olhos de si mesmo, para que seja possível o desenvolvimento dessa disposição.

No decorrer do trabalho afirmamos e reafirmaremos que a capacidade de moção do discurso baseado na emoção é bastante efetiva, “desde a Antiguidade grega, sabem os grandes oradores que a mais poderosa eloquência é aquela que se vale da paixão” (SODRÉ, 2016, p. 44). Logo, seria um erro marginalizar o papel das emoções no desenvolvimento da disposição.

Pode-se com isso afirmar a existência de uma inteligência baseada não apenas na racionalidade cognitiva, mas também naquilo que se dá a

conhecer como afetos e que constituiria um elo essencial entre corpo e consciência (SODRÉ, 2016, p. 31).

A busca por desempenho e rendimentos não deixa espaço para o desenvolvimento do elo entre corpo e consciência “a alma é posta a trabalhar, e o corpo, a máquina são seu suporte” (SODRÉ, 2016, p. 56). O corpo continua à margem, apesar de compreender não existir no mundo real um “eu” absolutamente racional. O corpo sofre uma violência dentro desse espaço que o desconsidera, como ser emocional e preza pela racionalidade, oprimindo as paixões, “[...] falar da vida com paixão é falar, filosoficamente, da vida como uma dinâmica em que se morre continuamente para deixar surgir o inesperado, ou o novo da existência.” (SODRÉ, 2016, p. 31). O olhar para o mundo só não basta, para ser no mundo, é preciso ser capaz de sentir o mundo. A apatia, causada pela sociedade pornográfica, não gera movimento.

A máxima kantiana: não se ensina filosofia, ensina-se a filosofar, concebe uma compreensão da filosofia como atividade criativa, argumentativa e crítica. (apud GONZÁLEZ; STIGOL, 2009, p. 84). Compreendemos que o filosofar costuma causar certo incômodo ou até mesmo desconforto no sujeito que se dispõe, sendo que o sujeito se aproxima da filosofia. “Pensar, indagar e indagar-se não são coisas que o humano faça por opção, mas algo ao qual ele é impulsionado pelo simples fato de ser.” (CABRERA, 2013, p. 22). O impulso para indagar é gerado pelo existir, pelo ser, mas esse ser precisa ser no mundo, e como fora exposto no início do presente capítulo, as redes sociais proporcionam hoje um tipo de fuga, em certa medida o sujeito não é mais obrigado a ser no mundo.

Pode-se dizer que o indivíduo que se dispõe no mundo é ousado, se arrisca, é aquele que possui paixão, que supera a apatia, e que é capaz de um olhar empático para o real, o que o leva a apropriar-se dos problemas e desafios apresentados a sua volta. A filosofia pede que sujeito afaste-se da apatia e se deixe afetar, “O filósofo não será apenas o humano desamparado e incompleto, mas aquele humano que ousa lançar-se sobre seu desamparo e incompletude com paixão reflexiva, com menos medo da loucura que da mediania.” (CABRERA, 2013, p.21).

A neutralidade ou a ausência de paixão dificilmente vai culminar na origem da

disposição para a filosofia. A incompletude que faz com que o sujeito sinta esse desamparo é causada quando a filosofia abala os valores que sustentam a nossa sociedade, porém para que esse perder-se aconteça é necessário apropriar-se do problema de forma a “vive-lo, senti-lo na pele, dramatizá-lo” (CABRERA, 2006 p.16).

Os problemas filosóficos pedem certa disposição ao pensar e para alcançar esse dispor é necessário que o indivíduo sinta-se afetado de algum modo, que seja retirado de sua zona de conforto. O início da construção do conhecimento filosófico se dá pelo caminho negativo, ou seja, por meio da desconstrução de dogmas que sem justificativas racionais são tomados como verdades inquestionáveis concepções que são extremamente generalizadoras.

A alteridade como base para a experiência filosófica está se extinguindo. Graças à tecnologia o sujeito tem contato com aquilo que deseja, com o conteúdo que lhe dá prazer, que reflete o seu modo de ser e de pensar o mundo. As redes sociais, aplicativos e sites, são programados para fornecer informações relacionadas somente sobre assuntos que sejam afins às pesquisas realizadas pelo usuário, o que diminui a possibilidade de contato com o diferente, devemos então,

[...] interrogar o comportamento de um homem que viva dentro de uma postura fundamentalmente pré-crítica, a fim de sabermos, em um primeiro momento, o sentido deste comportamento, e em um segundo momento, o que o leva a passar do plano da dogmaticidade ao de uma atitude crítica.” (BORNHEIM, p. 55, 2003)

Interessa-nos investigar e compreender esse movimento do dogma à criticidade. A dificuldade em efetivar o processo de produção filosófica começa pelo fato de existir uma crescente indisposição para o pensar, não só filosoficamente, mas para o pensar em geral. Os problemas do mundo atual, o desejo de conhecer que é natural ao sujeito há algum tempo parece ser acometido por um tipo de anestesiamento: “a positivação geral da sociedade hoje absorve todo e qualquer estado de exceção” (HAN, 2015, p. 55), a ausência do negativo não possibilita aos sujeitos a disposição necessária para buscar conhecer.

3. AS MÍDIAS E O SUJEITO PÓS-MODERNO

O cenário político atual de nosso país, em que os princípios democráticos estão cada vez mais ameaçados, afeta diretamente o trabalho em sala de aula. Ao abordar temáticas como a Filosofia Política, surgem alguns entraves que podem prejudicar e desperdiçar o tempo que deveria ser dedicado a discutir e pensar filosoficamente a política. Hoje, muitos profissionais da educação trabalham receosos e amedrontados, pois acompanham a veiculação de notícias de retaliações feitas a professores, com acusações pautadas muitas vezes em interpretações subjetivas e falaciosas sobre o intuito do docente ao abordar alguns temas. A palavra que pode-se destacar das denúncias é: doutrinação.

Os profissionais da educação dos diversos níveis de ensino são submetidos a retórica do bode expiatório¹², isso ocorre quando forjam “a invenção de alguém a quem se atribuem as culpas latentes e manifestas no grupo social” (SODRÉ, 2016, p. 75).

Temos atualmente um presidente que chegou ao poder com promessas de combate à pedagogia de Paulo Freire e à ditadura esquerdista que, segundo ele, está instaurada dentro das escolas e universidades brasileiras e é a causa de diversos problemas sociais existentes em nosso país. Essas afirmações não estão pautadas em nenhum dado ou pesquisa realizada pelos que as defendem. São informações que tem como objetivo criar “afetos negativos”, numa tentativa de constituir os educadores como inimigos, como parte causadora dos males que assolam nosso país. Na medida em que a imagem do educador é atrelada à origem de algumas mazelas sociais, ele fica instituído como um inimigo que precisa ser eliminado ou ao menos impedido, interpelado.

As retaliações têm incentivos de vários sujeitos que participam da política em nosso país. Temos consciência inclusive da existência de ferramentas de denúncia disponíveis em sites para que os estudantes postem vídeos denunciando as “doutrinações” feitas por seus educadores em sala de aula, e é importante ressaltar

¹² Muniz Sodré cita exemplos de uso da retórica do bode expiatório, os quais: “Nos Estados Unidos, a extrema direita elege como alvo cidadãos não brancos, em especial negros e hispânicos. Na Europa, árabes e turcos são bastante visados. No Brasil do início dos anos 1990, um demagogo conseguiu chegar à presidência da república vestido na pele “emocionalista” de um herói jovem e sem compromissos com a classe política, autoinvestido da missão de combater um bode expiatório: uma suposta casta de funcionários públicos privilegiados, os “marajás” (SODRÉ, 2016, p.75).

que não há um critério, nem uma necessidade de contextualizar a fala do educador, o que deixa o conteúdo da fala a mercê de qualquer interpretação.

Esse mecanismo de censura baseia-se na ideia de que “tudo acontece como se houvesse, entre uma fonte de informação [...] e um receptor da informação, uma instância de transmissão [...]”, ou ainda como um “modelo perfeitamente homogêneo, objetivo, que elimina todo efeito perverso da intersubjetividade constitutiva das trocas humanas” (CHARAUDEAU, 2015, p.35). Concebe a comunicação como um ato controlado, em que a informação emitida não sofre nenhum tipo de interferência até que chegue ao receptor, supondo que o alvo da mensagem esteja fadado à passividade. Neste modo de conceber a comunicação desconsidera-se que:

A informação é pura enunciação. Ela constrói saber, e como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento. (CHARAUDEAU, 2015, p. 36)

Hoje, o campo de conhecimentos é imenso e não propicia uma construção de saberes e informações unilaterais, como ocorria com o rádio e a TV, por exemplo. As informações ecoam e ganham proporção rapidamente, as mídias, como as citadas, também buscam adequar seus conteúdos a essas novas formas de consumir informação, a relação com o receptor é muito mais dinâmica. O receptor de informações passou a ser também um disseminador de informações, com um único toque na tela é possível compartilhar informações prontas, com o celular em mãos é possível produzir vídeos e textos, postar em diversos grupos e páginas, e em instantes a informação terá um alcance grandioso.

Mídias como blogs, Twitter ou Facebook desmediatizam (*entmeditisieren*) a comunicação. A sociedade de opinião e de informação de hoje se apoia nessa comunicação desmediatizada. Todos produzem e enviam informação. A desmediatização da comunicação faz com que jornalistas, esses antigos representantes elitistas, esses “fazedores de opinião” e mesmo *sacerdotes da opinião*, pareçam completamente superficiais e anacrônicos. A mídia digital dissolve toda classe sacerdotal. A desmediatização generalizada encerra a época da *representação* (HAN, 2018, p. 37).

Qual seria então o lugar da filosofia nesse mundo de informações? Pelo excesso de acesso, e a carência de dúvidas há uma “imposição possibilitada pela força da persuasão publicitária [...] e pela falta de condições de análise filosófica à

qual as pessoas são condenadas. Pois, não lhes é permitido que possam aprender a filosofar” (LORIERI, 2010, p. 48).

É importante ressaltar que a filosofia, por si só, gera na juventude um incômodo, pois os jovens questionam o porquê ou para que estudar tal área. O perguntar é uma característica pertencente à natureza da filosofia e que não se perdeu nela como disciplina na grade escolar. Na condução da disciplina os educadores dedicam-se em causar a dúvida, o incômodo, a incerteza nos estudantes, para que seja possível a construção do pensamento filosófico. Pensando nas limitações que, mesmo pelas sombras, permeiam o trabalho do professor, as inquietações são muitas. Os sujeitos que estão em formação, hoje, nas escolas nasceram na chamada era da informação e da tecnologia, desde muito cedo são inseridos no mundo digital, que é repleto de informações e que permite um acesso quase ilimitado a elas.

Como discutido no capítulo anterior, esse fato causa um impacto no comportamento e no relacionamento dos sujeitos com o aprendizado. Como consequência da forte influência e da constante interação com as mídias sociais, em sala aparecem perguntas que refletem o posicionamento dos meios de comunicação em relação a diversas temáticas como a educação, política, saúde, violência. O que a mídia digital possibilita hoje é uma comunicação simétrica, ou seja: “[...] aqueles que tomam parte na comunicação não consomem simplesmente a informação passivamente, mas sim a geram eles mesmos ativamente.” (HAN, 2018, p.16). Dessa forma, não basta para o sujeito contemporâneo “consumir informações passivamente, mas sim [...] produzi-las e comunicá-las ativamente [...]. Somos simultaneamente consumidores e produtores.” (HAN, 2018, p. 36).

Mesmo sendo o receptor um produtor de informações e tendo ele a possibilidade de divulgar suas ideias, ainda temos uma preponderância no alcance do discurso produzido pelas grandes empresas midiáticas. Há uma diversidade de tipos de discursos que são utilizados pelos meios de difusão de informação. Gostaríamos de nos ater aqui a dois deles: o informativo e o propagandista. O que esses dois tipos de discursos têm em comum? “O fato de estarem particularmente voltados para o seu alvo. O propagandista, para seduzir ou persuadir o alvo, o informativo, para transmitir-lhe saber” (CHARAUDEAU, 2015, p. 60).

No discurso propagandista, o *status* de verdade é da ordem do *que há de ser*, da promessa [...] No discurso informativo, o *status* de verdade é da ordem do que *já foi* [...] Num discurso propagandista, não há nada a provar: o modelo proposto é o do desejo. Num discurso de informação, é preciso, ao contrário, provar a veracidade dos fatos transmitidos: o modelo proposto é o da credibilidade (CHARAUDEAU, 2015, p. 61).

Apesar das distinções teóricas em relação aos dois formatos de discurso, podemos observar que, na prática os discursos propagandista e informativos, se misturam. A “indústria cultural atingiu a política por meio da publicidade, deturpando a política em imagens estereotipadas e manipuláveis.” (TIBURI, 2017, p.47). Como consequência dessa “publicização” da política, da transparência excessiva, do privilégio do marketing em detrimento da informação, a política como poder estratégico desaparece, pois:

a política [...] carece de um poder de informação, a saber de uma soberania sobre a produção e distribuição de informação. Por isso ela não pode abdicar daqueles espaços fechados nos quais informações são conscientemente retidas (HAN, 2018, p. 39).

As táticas de convencimento do discurso propagandista, que opera por meio do desejo e da manipulação das emoções, são muito mais eficazes, pois geram reações imediatas, o que normalmente não ocorre com o discurso informativo. Essas táticas inflamam a sociedade por apelarem para a emoção. Podemos citar aqui como exemplo do uso político da emoção, as técnicas de discurso de Hitler que:

configuram-se primeiramente, como estéticas, na medida em que, como toda exaltação fanática, legitimam pela dimensão sensível as suas convicções políticas e religiosas. [...] são em grande parte velhos artifícios políticos de discurso, recorrentes no passado, principalmente no âmbito do uso racionalista do afeto pela retórica (SODRÉ, 2016, p.74).

Não podemos afirmar que esse método é capaz de arrebatá-los a todos os sujeitos da mesma forma, que todos sofrem influências de forma homogênea, mas o que sabemos é que todos são de algum modo acometidos, porém é difícil mensurar com exatidão em que medida as ações dos sujeitos são movidas por interferência da mídia. Mesmo com toda a tentativa de ter um alvo bem definido para informar, sabe-se que o público consumidor de informações é diverso, portanto:

a informação midiática fica prejudicada porque os efeitos visados, correspondentes às intenções da fonte de informação, não coincidem necessariamente com os efeitos produzidos no alvo, pois este reconstrói implícitos a partir de sua própria experiência social, de seus conhecimentos e crenças (CHARAUDEAU, 2015, p. 59).

Mesmo sendo difícil definir com exatidão um público-alvo,

[...] há pesquisas que tentam definir perfis de leitores, ouvintes e telespectadores, [...] cada organismo de informação faz escolhas quanto ao alvo em função de opiniões políticas, de classes sociais, de faixas etárias, [...] mas não deixam de ser hipóteses a respeito do público que é heterogêneo e instável (CHARAUDEAU, 2015, p. 79).

Trabalhando com esta diversidade de consumidores, as instâncias midiáticas, definem duas categorias de “destinatário-alvo”. O primeiro é definido como alvo intelectual, que “é considerado capaz de avaliar seu interesse com relação aquilo que lhe é proposto, [...] é um alvo ao qual se atribui a capacidade de pensar.” (CHARAUDEAU, 2015, p. 80). O segundo é o alvo afetivo que “se acredita não avaliar nada de maneira racional, mas sim de modo inconsciente através de reações de ordem emocional.” (CHARAUDEAU, 2015, p. 81). A manipulação das emoções como modo de manobrar as vontades e estimular reações nas massas não é uma característica que compete unicamente ao nosso período:

A diferença com o passado é que, agora, [...] a mídia não se define como mero instrumento de registro de uma realidade, e sim como dispositivo de produção de certo tipo de realidade, *espetacularizada*, isto é, primordialmente produzida para a excitação e o gozo dos sentidos” (SODRÉ, 2016, p. 79).

Podemos afirmar que a interferência das mídias é mais latente, pois “persuadir, emocionar, abrir os canais lacrimais do interlocutor por meio do apelo desabrido à banalidade são recursos centrais da retórica propagandística, aperfeiçoada pela publicidade e pelo marketing de hoje.” (SODRÉ, 2016, p. 79).

Como sequela, torna-se inevitável que ocorra uma descaracterização do que deveria ser o exercício político, reduzir a estratégia política à pornografização, faz com que “a política se torne [...] inevitavelmente de pouco fôlego, de curto prazo, e se dilua em enrolação” (HAN, 2018, p.3 9), além disso, o acesso às informações divulgadas pelas mídias foram facilitados, a profundez do apelo a emoção é tamanha que o sujeito afetado, por muitas vezes, não é capaz de avaliar racionalmente a influência desse meio na construção de suas crenças.

Na propaganda nazista, os agentes condicionais simples eram as demonstrações de poder militar. Complexa era a vasta gama de recursos simbólicos aplicados nas manifestações (bandeiras, estandartes, emblemas, uniformes, cânticos, saudações, frenesi corporal, etc.) e nos meios de comunicação (rádio, teatro, cinema, jornais). Todos esses recursos obedeciam a sintaxe do espetáculo, isto é, da encenação suscetível de cativar ou distrair um público determinado. E esse é um tipo de jogo cujo material básico é a emoção (SODRÉ, 2016, p.77).

A incapacitação causada pelo forte apelo emotivo é estudada por Naomi Klein em *A doutrina do choque*, obra em que retrata o chamado “capitalismo de desastre”, caracterizado por necessitar para sua sobrevivência da “produção do choque – seja econômico, seja político, seja subjetivo” (TIBURI, 2017, p.129).

Um exemplo do uso do choque é a proposta da Reforma da Previdência feita pelo governo do atual presidente Jair Bolsonaro. A todo momento nos jornais das grandes emissoras os membros da equipe econômica do governo Bolsonaro, principalmente representados pela figura do Ministro Paulo Guedes, aparecem dando declarações assustadoras sobre a importância da aprovação dessa reforma, e afirmando que caso ela não seja aprovada as consequências serão trágicas. Antes

o indivíduo suportava o sofrimento terrestre graças às esperanças de um paraíso. [...] as esperanças religiosas foram progressivamente substituídas por esperanças sociais, que consistem basicamente em narrativas coletivas sobre recompensas futuras capaz de tornar suportáveis os sacrifícios presentes (SODRÉ, 2016, p.158).

Logo, fica claro que as manifestações relacionadas a esse tema apelam a esse recurso da recompensa e também às emoções, aqui mais especificamente fazem o uso do medo, pois: “A instilação coletiva do medo (tida por Hobbes como a emoção fundamental) faz parte de estratégias contemporâneas de controle de comportamentos que baseiam seus recursos retóricos na semiose da velha propaganda política¹³.” (SODRÉ, 2016, p. 75). O objetivo do uso do choque é que ele possa “ser aplicado em casos individuais ou coletivos quando se trata de “quebrar resistências” e “promover rupturas violentas” (TIBURI, 2017, p.130).

Caminhamos aqui por terreno fértil em reflexões, e acreditamos que esses são apontamentos necessários levando em consideração as características que definem o sujeito da pós-modernidade, o reflexo das influências sofridas fora do espaço escolar que fazem ecoar nas vozes de nossos jovens estudantes perguntas

¹³ “São claros exemplos disso os filmes de catástrofe norte-americanos” (SODRÉ, 2016, p.75)

e afirmações que são estimuladas pelo amplo acesso às mídias, ou seja, o perguntar, a inquietação, ocorre sem que haja uma verdadeira excitação do sujeito. O que ocorre são ondas de indignação, caracterizadas por serem “incontroláveis, incalculáveis, inconstantes, efêmeras e amorfas. Elas se inflam repentinamente e se desfazem de maneira igualmente rápida.” (HAN, 2018, p. 21). Essas ondas de indignação não são capazes de gerar a movimentação necessária para causar uma disposição para o pensar. A fluidez, que é característica desse tipo de comportamento, não fornece fundamentos para o desenvolvimento crítico do sujeito, o que percebe-se é a desagregação das lutas sociais.

Podemos atribuir boa parte dessa influência sofrida às mídias. Não devemos responsabilizar os meios de comunicação e aos profissionais da área pelos problemas enfrentados atualmente na relação entre os sujeitos, o conhecimento, a verdade e a realidade que o cerca. Conforme a ideia de sujeito apresentada no início (Capítulo I) podemos afirmar que quando os sujeitos abrem um jornal, ligam a TV, acessam e compartilham informações nas redes sociais, eles estão “aceitando ocupar o lugar de espectador-voyeur” (CHARAUDEAU, 2015, p. 253). Obviamente, cada meio de produção de informações escolhe a perspectiva a ser apresentada sobre o acontecimento, por isso:

É preciso ter em mente que as mídias informam deformando, mas é preciso também destacar, para evitar fazer do jornalista um bode expiatório, que essa deformação não é necessariamente proposital. Mais uma vez é a máquina de informar que está em causa, por ser ao mesmo tempo poderosa e frágil, agente manipulador e paciente manipulado (CHARAUDEAU, 2015, p. 253).

A atuação manipuladora da mídia também é limitada, é preciso se policiar para não rotular as mídias como as grandes vilãs, ou como se fazia há algum tempo como o “ópio do povo”. Precisamos compreender a mídia como uma instância que é, sim, capaz de exercer grande influência sobre o sujeito, mas ter consciência também de que a própria mídia pode ser manipulada. Essa manipulação ocorre de duas maneiras: por pressão externa e por pressão interna.

A pressão externa é causada por três fatores, sendo eles: a *atualidade*, o *poder político* e a *concorrência*. Vamos nos ater por um momento ao segundo dos três, o político, que “é também parte interessada na construção da agenda midiática, e, de maneira geral, no jogo de manipulação” (CHARAUDEAU, 2015, p. 257).

Não é mais espantosa a ideia de que as declarações dadas por políticos aos

jornalistas e a outros profissionais pecam quando o assunto é a verdade. Os políticos também fazem uso das mídias para obtenção e manutenção do poder. Podemos nos perguntar: Se os veículos de informação apresentam o acontecimento por sua perspectiva (como foi afirmado acima) como os políticos podem fazer uso desses meios para benefício próprio? Charaudeau esclarece-nos que “as mídias se acham presas [...], pois mesmo que pesquisem para confirmar a veracidade do que dizem ou para denunciar as mentiras, são obrigadas a divulgar as declarações dos políticos, logo, a dar livre curso a seus efeitos.” (2015, p.258). Logo, por mais que pretendam a neutralidade as instancias midiáticas e seus profissionais, estão submetidos a algumas pressões que impedem, pois, não é “o próprio jornalista que é manipulador, pois ele mesmo está preso numa máquina manipuladora. A instância midiática é vítima de seu sistema de representação” (CHARAUDEAU, 2015, p. 260).

A mídia, de certa forma, e dentro de suas limitações, contribui positivamente para o funcionamento da nossa sociedade. Ao pensarmos a mídia “como um organismo especializado que tem a vocação de responder a uma demanda social por dever de democracia.” (CHARAUDEAU, 2015, p. 58), extinguímos a capacidade de manobra que ela têm sobre as massas, por mais que as informações, algumas vezes não pretendam a esse fim, e que a manipulação ocorra de forma sutil, não se pode dizer que não ocorre em nenhuma medida, pois a neutralidade dissimulada, a defesa de que o único critério utilizado para a escolha do que é veiculado é o da verdade, evita o surgimento de qualquer tipo de desconfiança sobre o objetivo do meio de comunicação ao publicar qualquer notícia ou informação, cria-se uma relação de crença. Charaudeau afirma que:

Não há “grau zero” da informação. As únicas informações que se aproximam do grau zero, entendido como ausência de todo implícito e de todo valor de crença, [...] são aquelas que se encontram em páginas de anúncios de jornais (2015, p. 59).

As notícias são disseminadas como se não existisse nenhum tipo de lógica simbólica¹⁴, “que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública.” (CHARAUDEAU, 2015, p. 21). Além

¹⁴ Patrick Charaudeau define a lógica simbólica como a “maneira pela qual os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem as representações dos valores que subjazem a suas práticas, criando e manipulando signos e, [...] produzindo sentido. (CHARAUDEAU, 2015, p.16) Segundo o autor, a lógica simbólica governa a lógica econômica (que faz viver uma empresa) e a lógica tecnológica (que estende a qualidade e a quantidade de sua difusão).

disso, as redes de comunicação são empresas que estão inseridas em uma lógica comercial que “a obriga a recorrer a sedução, o que nem sempre atende à exigência de credibilidade [...] que lhe cabe na função de “serviço ao cidadão” [...]” (CHARAUDEAU, 2015, p. 59), essa aparente neutralidade e a recorrente afirmação de informar sem se posicionar, torna a análise do discurso midiático uma tarefa difícil:

As mídias constituem uma instância que não promulga nenhuma regra de comportamento, nenhuma norma, nenhuma sanção. Mais que isso, as mídias e a figura do jornalista não têm nenhuma intenção de orientação nem de imposição, declarando-se, ao contrário, instância de denúncia do poder (CHARAUDEAU, 2015, p. 18).

Por crer na pretensão das mídias em construir uma lógica simbólica, e por reconhecê-la como uma instância de poder, é que estudos devem ser dedicados à ela, pois a construção de significados que dão sentido ao real interferem diretamente no “mundo político, que precisa delas para sua própria “visibilidade social” e as utiliza com desenvoltura (e mesmo com certa dose de perversidade) para gerir o espaço público [...]” (CHARAUDEAU, 2015, p. 15-16), o véu da imparcialidade que protege o discurso, turva a visão do sujeito.

Os educandos não apresentam nenhum tipo de receio em reproduzir em sala discursos que são fomentados de forma muito mais explícita fora do espaço escolar, pois se sentem de diversos modos autorizados a fazê-lo. A afirmação e reprodução de discursos de ódio (racistas, homofóbicos, fascistas, machistas, entre outros) parece ter sua origem relacionada a sujeitos que possuem popularidade (políticos, youtubers, artistas e outros indivíduos públicos) e que publicam diariamente em redes sociais discursos com informações pautadas em suas crenças.

As provas da verdade, ou, melhor dizendo, da veracidade de uma informação são, [...] da ordem do imaginário, isto é baseadas nas representações de um grupo social [...] Os meios discursivos utilizados para entrar nesse imaginário incluem o procedimento de *designação*, que diz “O que é verdadeiro eu mostro a vocês (CHARAUDEAU, 2015, p. 55).

Esses sujeitos acima citados desempenham um papel de notoriedade na sociedade, “o que lhe confere certa autoridade e faz com que, quando ele informa, o que diz pode ser considerado digno de fé.” (CHARAUDEAU, 2015, p. 52). Os próprios estudantes citam alguns desses indivíduos como suas referências, inspirações quando questionados pelo motivo de estarem defendendo tais discursos

e ideias. A agilidade com a qual é possível publicar e compartilhar as informações “torna uma descarga de afetos instantânea possível.” (HAN, 2018, p.15).

Esses personagens virtuais se estabelecem como ídolos e não são admitidos questionamentos sobre as ideias difundidas por eles. Consta-se que:

O espetáculo é a reconstrução material da ilusão religiosa. A técnica espetacular não dissipou as nuvens religiosas em que os homens haviam colocado suas potencialidades, desligadas delas: ela apenas os ligou a uma base terrestre (DEBORD, 1997, p.19).

A crença foi redirecionada e os sujeitos tratam celebridades da internet, por exemplo, como deuses, como possuidores de toda a verdade. O que ocorre aqui é o que Charaudeau define como efeito de verdade, este: “[...] Surge da subjetividade do sujeito em sua relação com o mundo, [...] que baseia-se na convicção, e participa de um movimento que se prende a um saber de opinião, [...]”, quando na verdade deveriam apoiar-se no valor de verdade que se fundamenta em evidências, e “se realiza através de uma construção explicativa elaborada com ajuda de uma instrumentação científica [...]” (CHARAUDEAU, 2015, p. 49).

No momento em que transferimos essa ausência de evidências para o debate político, as dificuldades de promover um espaço de discussão pacífica e democrática se acentuam, de modo que pretendemos aqui concentrar nossa atenção primeiramente na análise de mais uma possível origem desse ódio e dessa intolerância com a diversidade. Com o objetivo de identificar a origem dos discursos reproduzidos em sala de aula, recorreremos, em um primeiro momento à pesquisa realizada por Marco Aurélio Monteiro intitulada *Mídia e política: teoria e percepção dos jovens universitários que pretende:*

analisar o papel que a universidade pública brasileira desempenha para a consolidação de uma cultura política democrática, tendo como foco o comportamento dos universitários frente à passagem pela universidade, bem como suas percepções diante da democracia e da mídia (MONTEIRO, 2009, p. 2).

Visando identificar em que medida a formação cidadã proporcionada pela escola influencia os jovens em relação as suas concepções políticas, tomamos por norte a análise feita por Monteiro e transferimos o foco para estudantes do ensino médio do colégio no qual o projeto foi aplicado, para que possamos compreender o modo como eles se relacionam com a grande mídia e com a manipulação das imagens em relação aos assuntos políticos. Essa pesquisa proporcionará também a

possibilidade de colocarmos interrogações sobre algumas afirmações feitas por políticos profissionais sobre a formação oferecida pelas escolas públicas.

Antes da aplicação da pesquisa fora esclarecido aos estudantes que era opcional respondê-la e que os dados coletados naquele momento contribuíam para este trabalho. Os sujeitos que responderam à pesquisa são estudantes do Ensino Médio, do Colégio Estadual Barão do Cerro Azul, que fica no município de Cruz Machado, interior do Paraná. Para caracterizar de forma mais precisa o público atendido pela escola no Ensino Médio foi aplicado um questionário online¹⁵.

Como pode-se observar nos resultados apontados pelos gráficos abaixo, os estudantes têm idades entre 14 e 22 anos. A maioria dos que responderam à pesquisa residem na área urbana do município, característica que deve-se ao fato de a escola estar localizada na área central do município, ainda assim há um grande número de alunos que residem no interior do município e frequentam a escola na área central.

Apresentamos a seguir os gráficos obtidos a partir do resultado do questionário:

Qual sua faixa etária?

104 respostas

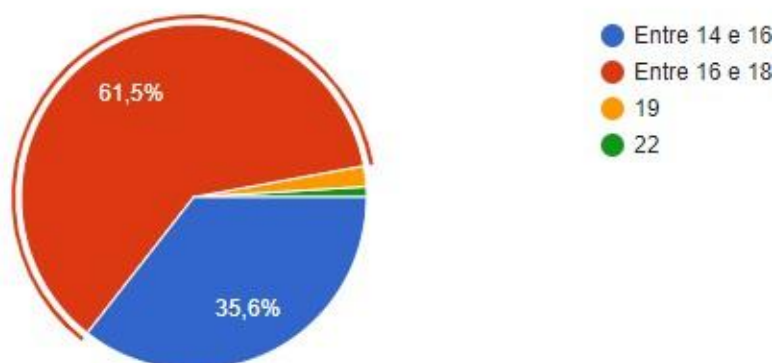


Figura 2: Índice de faixa etária

¹⁵ Disponível em: <<https://docs.google.com/forms/d/121UVcZgWtQrvmcnnyTL3GDaD3WVwseW-4jTKal9Jvk4/edit#responses>>

Em sua localidade há acesso à internet?

104 respostas

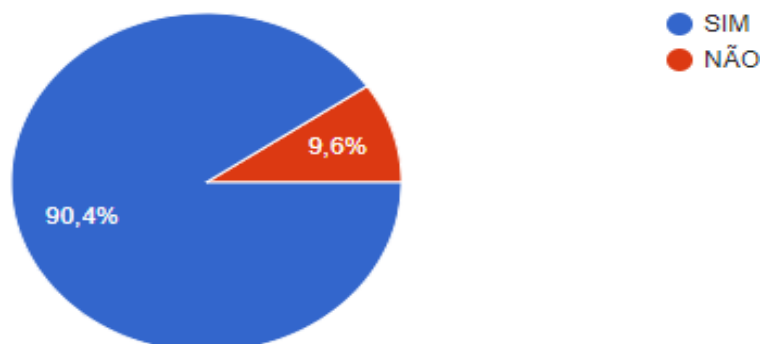


Figura 3: Índice de acesso à internet

Sua residência fica localizada em Área Urbana ou Área Rural?

104 respostas

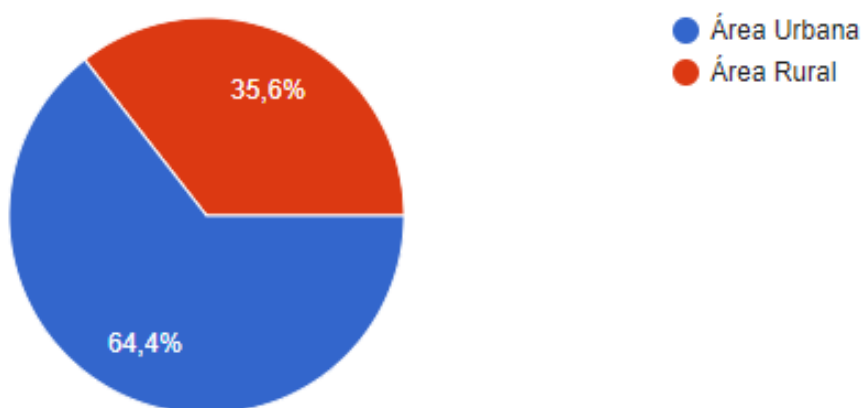


Figura 4: Índice de localidade (rural ou urbana)

Para qual finalidade você mais utiliza a internet?

104 respostas

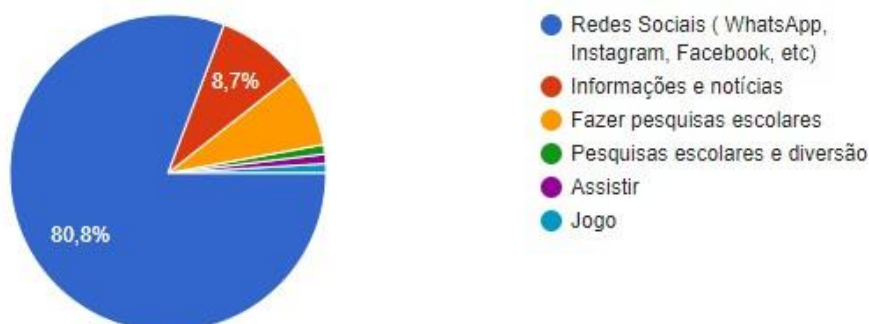


Figura 5: Índice de interesses no uso da Internet.

Cresce aos olhos o fato de que 90,4 (%) das localidades já possuem acesso à internet, em um município pequeno e com uma grande área de extensão rural. O fato da grande maioria possuir acesso à rede de internet, deveria contribuir de forma mais significativa para a formação dos jovens, porém quando observamos os dados do gráfico em que os jovens definem as finalidades para as quais mais utilizam a internet vemos que 80,8% apontaram as Redes Sociais como principal finalidade de uso da rede, ou seja, “a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.” (SODRÉ, 2016, p.158).

Levando em consideração a discussão proposta pelo trabalho ser relacionada à Filosofia Política, os estudantes responderam também as seguintes questões:

Com que frequência você acompanha os acontecimentos relacionados a política do país?

104 respostas

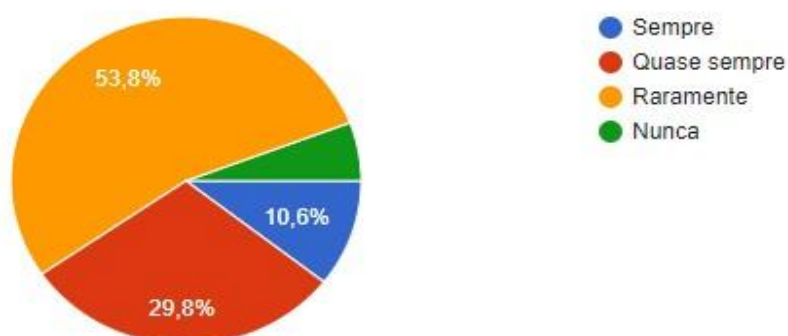


Figura 6: Índice de interesse em assuntos políticos.

Por que meio de comunicação você costuma acompanhar os acontecimentos políticos do país?

104 respostas

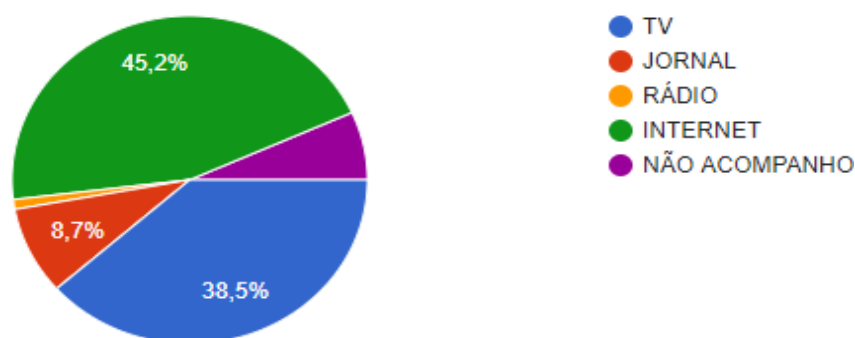


Figura 7: Índice de meios utilizados para obter informações sobre o cenário político.

Em sua opinião seu posicionamento/ convicção política sofre alguma influência externa?

104 respostas

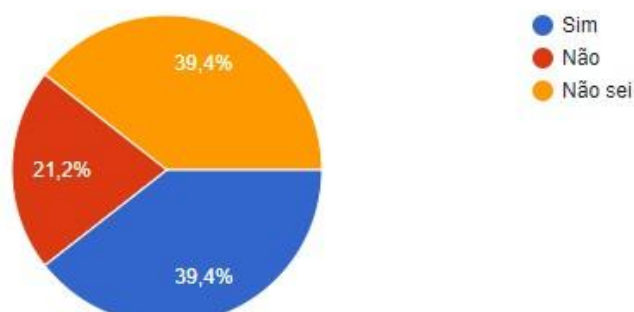


Figura 8: Índice de influência externa no posicionamento político.

Em seu ponto de vista, que meio pode influenciar de forma mais evidente suas posições/ convicções políticas.

104 respostas

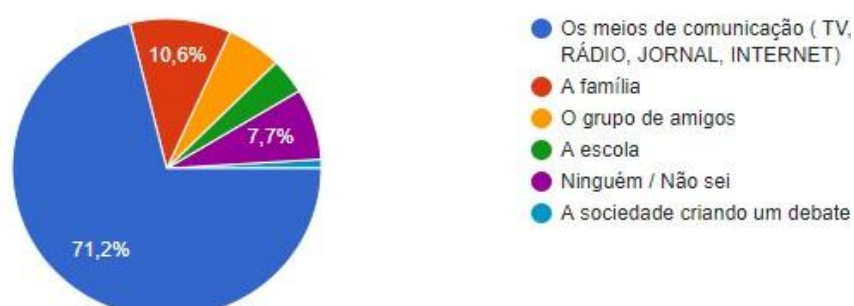


Figura 9: Índice de meios que influenciam convicções políticas.

Como se pode observar claramente no gráfico acima, os estudantes apontam como principal fonte de influência de seus posicionamentos políticos os meios de comunicação. Nota-se também, que boa parte dos estudantes não sabem afirmar se são ou não influenciados, talvez este seja um dado recorrente do discurso de neutralidade das mídias, por meio desse discurso, elas são capazes de causar influências na visão de mundo dos indivíduos, de formas tão sutis que a tomada de consciência torna-se difícil.

A escola aparece com 3,8 (%) de influência, o que nos fornece os subsídios para que nesse momento afirmemos, no âmbito da escola em que a pesquisa fora realizada, que as acusações do projeto intitulado “Escola sem partido” não partem da realidade da escola, logo, o descolamento do real não se dá somente na relação dos jovens com a política, mas dos políticos com a realidade dos jovens e das escolas também. Não podemos, nem devemos tomar esses dados como base de argumentação para questionar o projeto em nível nacional, para tanto seria necessária uma pesquisa com uma abrangência muito superior a realizada aqui. Porém, podemos estabelecer os dados computados pela pesquisa como base para defender tanto a intenção do projeto aplicado na escola por meio do Programa de Mestrado Profissional, como também para rebater as acusações sofridas pelos educadores, quando taxados de doutrinadores.

O resultado desta pesquisa leva-nos a questionar a justificativa que embasa o projeto “Escola sem partido”, e acreditar que objetivo da reforma seja diminuir o acesso dos estudantes a uma educação que forme cidadãos críticos. Dessa forma, mais uma vez podemos identificar o uso da *doutrina de choque* apresentada por Naomi Klein, pois as acusações sobre discursos de doutrinação, ideologias de gênero, politicagem entre outros, são úteis para que a população aceite o projeto como necessário, que compreendam a indispensabilidade da reforma por meio de informações falaciosas que são disseminadas por meios de comunicação, e sujeitos mal intencionados (doutrina do choque).

Não bastasse o prejuízo para a educação dos indivíduos, o estímulo a esses ataques afeta e precariza tanto o trabalho, quanto a saúde psicológica dos professores e professoras que lecionam nas redes estaduais, federais e municipais de ensino. Os sujeitos, que apoiam o projeto “Escola sem partido”, não se dispõem para debater os temas tratados nas reformas propostas, tornando impossível a desconstrução da ideia de mau uso do tempo e do poder dos professores sob os

alunos, se é que atualmente os professores tenham algum poder sob seus alunos.

Sob o olhar dos que defendem essas ideias os estudantes são tábulas rasas, caixas vazias, seres sem vida, sem capacidade de pensar. Por trás dessa tentativa de tornar a escola um espaço neutro, ou de formar para o mercado de trabalho, são banidas disciplinas, conteúdos e temas que são de suma importância para a formação de um cidadão com postura crítica, capaz de transformar a realidade em que está inserido.

Além disso, a reforma proposta descumpra vários aspectos previstos na Lei de Diretrizes e Bases, que estabelece os fundamentos da educação nacional, como por exemplo, o que fica estabelecido no Artigo 35: “ensino médio, etapa final da educação básica, [...] terá como finalidades:

- a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
 - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
 - III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
 - IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina
- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (PARANÁ, 2008).

A implementação do projeto “Escola sem Partido” descumpra totalmente o terceiro item apresentado como finalidade da formação na etapa do Ensino Médio, além de ferir todos os outros, pois busca única e exclusivamente uma formação técnica, com o objetivo de inserir no mercado de trabalho sujeitos obedientes e acríticos. Pretendemos explicar neste trabalho as afirmações e convicções com as quais nos deparamos dentro de sala de aula, que em muito se assemelham com a abordagem da mídia sobre os assuntos políticos, e que as divergências são sempre bem-vindas em espaços de debate sobre a política.

Desde 2015 de maneira mais aberta e severa, enfrentamos a presença de um posicionamento radicalmente intolerante, a postura de abertura ao debate deu lugar a um comportamento combativo, que visa eliminar toda alteridade, quem pensa diferente deve ser aniquilado, humilhado, odiado e ridicularizado, esse comportamento reflete a crítica feita por Han ao excesso de positividade, pois quando não existe o contato com a negatividade o sujeito torna-se intolerante a qualquer negatividade.

Outro fator que influencia na inibição do interesse pelo debate com relação a política é a constante exibição de casos de corrupção, desvios, roubos, veiculados pela mídia, o modo como os fatos são apresentados, posicionam a corrupção como uma consequência da liberdade proporcionada pela democracia. A espetacularização da política tem efeitos nocivos como:

a falta de participação dos cidadãos na vida coletiva, o abstencionismo ou a indiferença eleitoral crescentes, e a despolíticação tendencial do Estado. [...] As mídias entram no espaço vazio da soberania popular e da desvinculação entre o corpo político e o corpo homem na rua. As tecnologias da comunicação ampliam o espaço público, mas apenas de modo técnico ou retórico (SODRÉ, 2016, p. 161).

A evidência dada aos casos de corrupção levou os brasileiros a descreditarem sua ainda tão jovem democracia, tornando comuns afirmações do tipo “roubar está no sangue do povo brasileiro”, “todo político brasileiro é corrupto”, e assim por diante. A população que odeia e não discute a política tirou de suas mãos a responsabilidade sobre ela, deixando o espaço antes ocupado por elas vazio, e como consequência da instauração desse desligamento entre o homem e a política, observamos um crescente movimento favorável à instauração da ditadura e de medidas violentas como solução para problemas sociais.

A mais atual consequência desse comportamento que confirma o desencanto do povo com a democracia e com a política é a eleição do presidente Jair Bolsonaro do Partido Social Liberal (PSL), que já em 1999 quando era deputado, deixava evidente seu pouco-caso com a democracia quando afirmou em uma entrevista que:

“daria o golpe no mesmo dia” em que assumisse a Presidência, fechando o Congresso Nacional – e eliminando, portanto, a função de contrapeso exercida pelo Poder Legislativo); 2) “através do voto você não vai mudar nada nesse país”; 3) o país só mudará “no dia em que partir para uma guerra civil”, “fazendo o trabalho que o regime militar não fez”, “matando uns 30 mil, começando pelo FHC.

É importante afirmar que o descontentamento com a política foi o que levou Bolsonaro ao poder, já que como nos mostram os dados no gráfico abaixo a porcentagem de votos recebidos e a soma dos votos, nulos, brancos e abstenções são absurdamente próximas:

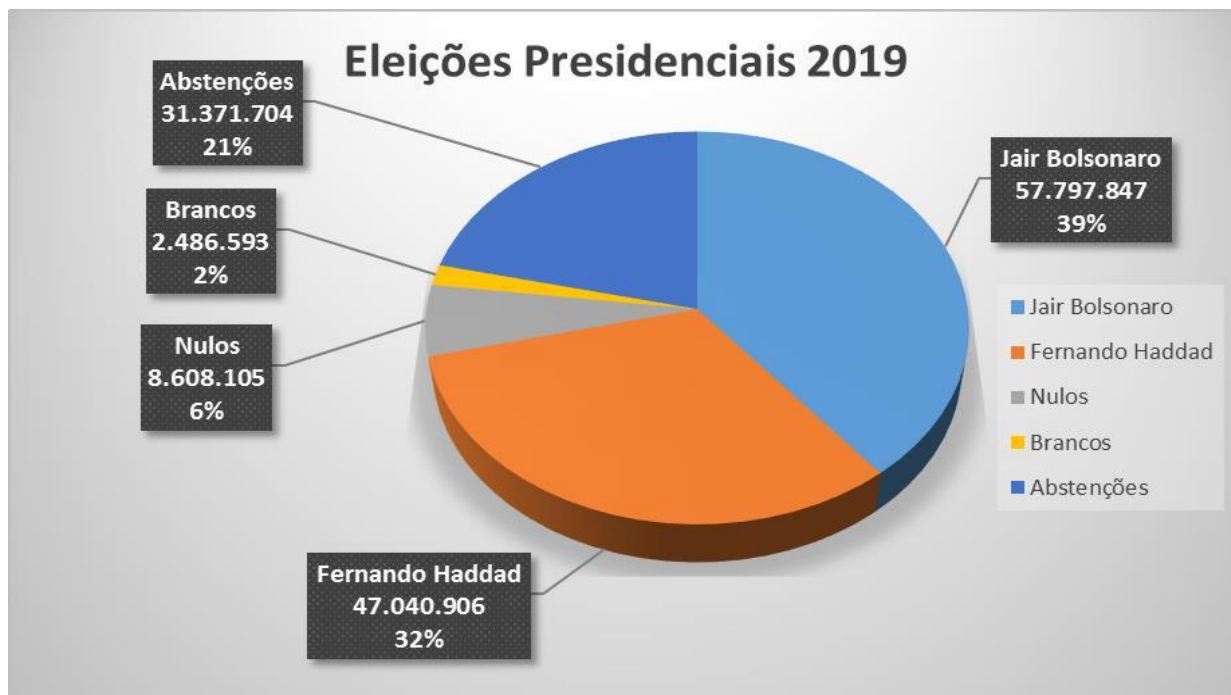


Figura 10: Eleições presidenciais 2019. (Fonte: G1)

O desligamento do real, a falta de mobilização, a transição de um comportamento de massa para um comportamento de enxame que é caracterizado pela falta de decisão, pela dissolução rápida de suas ondas de indignação, que “não desenvolvem nenhuma energia política” (HAN, 2018, p. 31-32), este comportamento do sujeito contemporâneo está atrelado a eleição do atual presidente de forma muito mais latente do que o desejo pela volta da ditadura ao país. A crença de que para assaltar os cofres públicos basta ser brasileiro faz com que discursos antidemocráticos ganhem corpo, pois a compreensão difundida sobre a ditadura, como podemos notar nas afirmações dadas por Jair Bolsonaro em entrevista¹⁶, é de que seria um governo no qual todas as injustiças e crimes serão punidos com

¹⁶ <https://exame.abril.com.br/brasil/justica-proibe-governo-bolsonaro-de-comemorar-golpe-de-64/>> Acesso em: 30/ 03/ 2019.

torturas, prisões e mortes, e que com isso teríamos um país sem corrupção, mais uma vez temos a crença na capacidade educativa do medo. É trágico que um país que já passou parte de sua história sob um regime ditatorial tenha eleito um presidente que a defenda com tanta convicção.

Marcia Tiburi, professora de filosofia e escritora, produziu um livro intitulado *Ridículo político*, dedicado “à relação entre política e estética”. Na introdução do livro, a autora afirma que a estética está relacionada “não apenas ao reino do aparecer, nem somente ao que, [...] definimos como aparência, mas ao imenso campo dos afetos, [...]” (TIBURI, 2017, p. 12). Em consonância com a afirmação de Tiburi, Sodré também apresenta essa conexão entre esses dois grandes campos de estudo da filosofia afirmando que a ligadura entre política e estética não é uma novidade, pois, na Grécia antiga, por exemplo, “tornar-se visível no espaço comum – o que é um apelo à intervenção dos sentidos – estava na base da atividade política” (SODRÉ, 2016, p. 126).

Nesse caso o “estético” [...] não estava no aproveitamento das práticas deliberada e exclusivamente voltadas para impressionar as faculdades sensoriais, e sim na divisão por meio do sensível entre os incluídos e os excluídos no comum da cidadania (SODRÉ, 2016, p.126).

O uso racional das emoções, relacionado a sociedade espetacular em que o aparecer é banalizado e super valorizado, “tudo pode ser espetacularmente transformado em imagem. [...] A prevalência da imagem e do espetáculo no universo da política significa, na verdade, a desmobilização do espaço público tradicional” (SODRÉ, 2016, p.159-160). O ódio expressado pelos estudantes em relação à política seria vinculado à forma como são afetados pela política, pois:

[...] podemos falar em um mal-estar que faz muita gente se expressar dizendo que tem “nojo” da política. [...] O nojo é impalatável, um verdadeiro desgosto e, ao mesmo tempo uma espécie de anestesia. O nojo nos cancela. [...] Se lembrarmos que nojo também significa luto, chegamos perto do nosso problema maior: continuar amando aquilo que perdemos e, na ilusão de que a repulsa garantirá um sofrimento menor diante da perda, acabamos por odiar. (TIBURI, 2017, p. 12).

O senso comum faz questão de reafirmar seu ódio e desgosto em relação à política e as suas práticas. Tiburi afirma acima o potencial anestésico do desgosto, nós chegamos a um ponto em que existem partidos, políticos, emissoras, revistas, jornais, que encontraram nesse ódio anestésico uma forma de manipular as

peças, fazem questão de alimentar esse sentimento, pois o ódio pode ser uma arma muito poderosa, se canalizado na direção certa. “Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas [...] mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas.” (CHARAUDEAU, 2015, p. 41). Os efeitos que as estratégias discursivas serão capazes de gerar são variáveis, pois dependerão de alguns aspectos que correspondem à subjetividade do sujeito receptor da informação, o que podemos e devemos fazer em relação a algumas notícias e informações veiculadas é nos perguntar “sobre os efeitos interpretativos produzidos” (CHARAUDEAU, 2015, p. 47), ou seja, quando a informação transmitida não tem como finalidade somente descrever, contar ou explicar o acontecimento. E ao invés,

de inclinar-se para saberes de conhecimento (“o presidente da comissão entrega o relatório ao primeiro-ministro”), põem em cena saberes de crença que apelam para a reação avaliativa do leitor (“o presidente da comissão entrega uma bomba ao primeiro-ministro”) Assim, como se vê, são as palavras que apontam para as representações. (CHARAUDEAU, 2015, p. 48).

Os critérios dos conteúdos midiáticos estão longe de ser somente a qualidade e a veracidade/objetividade da informação, é importante destacar que “os interesses representam para a notícia um termômetro indispensável” (MEDINA, 1988, p. 20). Quando as estratégias discursivas, e os malabarismos possibilitados pela linguagem são aplicados a notícias e informações relacionadas à política também há um certo jogo de interesses (maior do que o interesse em garantir a audiência), envolvendo as informações.

As novas tecnologias acabam por massificar as notícias que deveriam servir para colocar em evidência as discussões dos temas públicos. Como as notícias passam a possuir valor econômico, é preciso fazer com que elas sejam agradáveis ou chamem a atenção do espectador, pois o que está em voga para os meios de comunicação de massa é a audiência, o que significa que o debate público muitas vezes é enquadrado segundo a percepção dos meios de comunicação, rotulando discursos políticos para conseguir audiência. Assim, há uma perda substantiva do conteúdo e dos valores da política (MONTEIRO, p. 3).

Logo, o complexo sistema político e a tão jovem democracia viram-se resumidos por grande parte da mídia a duas polaridades: esquerda e direita, termos utilizados de forma irresponsável, pois não apresentaram a consistência e

profundidade que pertence a cada uma dessas correntes de pensamento político. A partir desses dois termos e da divisão causada por eles, foram fomentados cada vez mais o ódio e a repulsa entre os dois posicionamentos. Chegamos a um ponto importante de nosso estudo, pois encontramos aqui a necessidade de olhar com atenção para esse ódio que paralisa, que nas mãos das grandes empresas midiáticas é capaz de provocar mudanças no pensamento político e como consequência no cenário político vigente.

O estudo feito pelo jornalista Jammal Makhoul nos mostrará como a revista *Veja* se apropriou desse ódio e o canalizou em um alvo por meio de suas capas nada neutras. O jornalista em sua tese de mestrado em Ciência Política intitulada “A cobertura da revista *Veja* no primeiro mandato do presidente Lula” realizou uma pesquisa sobre a revista.

É importante frisar que a revista *Veja* é uma das mais consumidas¹⁷ no Brasil, logo podemos afirmar que o conteúdo veiculado por ela pode causar um grande impacto e difundir facilmente suas ideias. Em entrevista ao *Escrevinhador*, Jammal explica como surgiu a ideia e a necessidade de produzir este estudo:

[...] De 2005 para cá, a revista se perdeu completamente em reportagens baseadas em ilações e xingamentos, que ignoraram as regras mais básicas do jornalismo e rasgaram todos os códigos de ética da profissão. Virou um verdadeiro pasquim, com matérias que se revelaram fantasiosas e recheadas de ataques e manipulações da informação. Isso não quer dizer que o PT e o governo Lula sejam os bonzinhos da história e nem as vítimas da grande imprensa. Pelo contrário, houve erros gravíssimos na administração federal, que precisavam ser apurados e divulgados pela mídia. [...] (MAKHOUI, 2010).

Em sua pesquisa, o jornalista Makhoul constata que o governo Lula aparece mal em metade das capas de 2005. É importante recordar que 2005 é ano em que se inicia o escândalo do mensalão. Vejamos um dos dados coletados pelo jornalista: “Das 52 edições, Lula e o PT aparecem de forma negativa em 24 capas, sendo 18 delas classificadas pela própria *Veja* no tema escândalo.” (MAKHOUI, 2010). Em todas as capas estudadas pelo jornalista são feitas afirmações de cunho ofensivo à figura do presidente da época, que o atacam como pessoa, nota-se também que os

¹⁷ Segundo dados da própria revista, “são 862 mil exemplares em circulação toda semana, sendo a maior entre as semanais de informação do Brasil e a segunda maior no mundo, alcançando toda semana mais de 6 milhões de leitores no impresso e no digital”. Informações disponíveis em: <<http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja>>

textos publicados pela revista são permeados por um tipo de ódio a pessoa Luís Inácio Lula da Silva e não estritamente aos problemas de seu governo.

Nas eleições do ano de 2014, a política brasileira passou a ser assunto discutido em toda e qualquer situação. A batalha entre PT e PSDB era o foco e causou, então, uma tomada relâmpago de consciência, em que grande parte da população assumiu um posicionamento em relação ao cenário político da época, dando à política uma característica antes pertencente ao futebol: a rivalidade entre torcidas opostas.

Parte da criação dessa rivalidade tem seu fundamento na capacidade de dramatização dos acontecimentos por parte das mídias. Essa dramatização é aplicada na abordagem de diversos acontecimentos como exemplo, os “políticos, tratados ora como uma luta de boxe entre representantes de partidos opostos, ora como num palco no qual os atores se insultam [...]” (CHARAUDEAU, 2015, p. 254).

Uma vez selecionados os acontecimentos, as mídias os relatam de acordo com um roteiro *dramatizante*, que consiste, [...] em (1) mostrar a desordem social com suas vítimas e seus perseguidores; (2) apelar para a reparação do mal, interpelando os responsáveis por este mundo; (3) anunciar a intervenção de um salvador, herói singular ou coletivo com o qual cada um pode identificar-se (CHARAUDEAU, 2015, p. 254).

Nesse contexto, pode-se afirmar que o papel da mídia têm seus prós e contras. A facilidade com que os cidadãos tem acesso às informações e a enorme possibilidade de manifestação de seus pontos de vista, podem ser tomadas como benesses proporcionadas pelo amplo acesso as mídias. A democratização dos meios de produção de informação é grande e já produz efeitos profundos no modo como se pensa e se faz política atualmente¹⁸, Muniz Sodré cita como evidência da influência da tecnologia na política as:

eleições municipais no Brasil em 2004, assim resumido pela imprensa: “A campanha foi cara, uma das mais caras de todos os tempos. O debate, nem sempre elevado, o marketing regeu a cena. [...] a candidata à reeleição para a prefeitura de São Paulo (Martha Suplicy) atribuiu sua derrota a “fatores políticos. *Midiáticos* e sociais”, inscrevendo, possivelmente pela primeira vez, o adjetivo relativo a mídia ao lado de fatores tradicionalmente afins à democracia representativa (SODRÉ, 2016, p. 163).

É importante ressaltar que uma tomada de consciência e a discussão em

¹⁸ “Isso não quer dizer, entretanto, que a televisão e o marketing decidam sozinhos um processo eleitoral. Geralmente, a função do marketing é converter em votos a *imagem pública* do político profissional, o que se faz a partir de índices de aprovação/ rejeição fornecidos por pesquisas de opinião.” (SODRÉ, 2016, p. 164)

relação à realidade política de um país é de suma importância para seu desenvolvimento, porém deve-se observar que o trabalho realizado pelas equipes de marketing dos políticos profissionais afeta o sujeito de forma descabidamente emocional, mas pelo uso indevido das mídias, devemos temer as consequências que essa consciência inconsistente poderá acarretar.

A política torna-se, assim, uma outra coisa. O discurso político continua tão retórico quanto antes, quer dizer, tão sedutor e possivelmente tão falaz quanto no passado. Mas se antes ele fazia o jogo da verdade, isto é, cobria uma suposta verdade histórica com os véus da linguagem, agora não há realmente nenhuma aposta na vinculação ontológica entre as palavras e as coisas.

A falta de conexão com a realidade das informações veiculadas por alguns meios de comunicação está contribuindo para a extinção da verdade. Estamos vivendo uma época em que tudo é relativo a um ponto de vista, ao modo de ver e interpretar o mundo e os fatos, a verdade não é mais tão valiosa de modo que cada sujeito carrega consigo suas verdades particulares.

3.1. Uma sociedade imagética e a construção de uma concepção negativa da política

Os sujeitos contemporâneos reproduzem discursos sobre os mais diversos assuntos motivados por uma mídia hegemônica, que ainda está sob a posse de uma minoria. O convívio com as mídias acontece desde que nascemos, pois ao nascer já estamos inseridos em uma realidade com hábitos, costumes estabelecidos, a TV há muito tempo tem um papel de destaque nas casas das famílias brasileiras, então assistimos TV, acessamos à internet, criamos perfis em redes sociais, e esse comportamento é tido quase que como parte constituinte da nossa natureza. Não víamos a mídia ou as emissoras como instituições de poder.

Não tínhamos consciência de que existe um jogo de interesses e de poder em relação à reprodução e produção de conteúdo em massa. Os veículos de informação (jornais, TV, rádio, sites, entre outros) têm um objetivo e, de certo modo, possuem uma ideia de onde pretendem chegar com a veiculação de algumas notícias. Para isso, utilizam táticas sobre o tipo de efeito que pretendem causar a esse ou aquele público, com esta ou aquela informação, usando de forma racional a

faculdade emotiva dos sujeitos que acompanham suas programações. A reprodução incessante de ideias aliada ao uso racional do afeto pode convencer com mais facilidade. Como um bom exemplo disso temos:

As táticas de discurso hitleristas configuram-se, primeiramente, como estéticas na medida em que, como toda exaltação fanática, legitimam pela dimensão sensível as suas convicções políticas e religiosas. [...] Serve para convencer, no sentido racionalista do termo, e para *agradar ou bajular*, o que dá bem o alcance de seu aspecto afetivo ou irracional (SODRÉ, 2016, p. 74-75).

O uso das emoções como forma de mobilização dos afetos não é uma criação atual. Talvez o que tenha de mais preocupante no recente uso da mídia é a reprodução e proliferação de notícias com muita agilidade e facilidade. Notícias essas que por muitas vezes são falsas. A agilidade e a facilidade em compartilhar informações torna a vigilância sobre essas informações falsas muito difícil. Os sujeitos que têm acesso à informação por meio da internet ainda não têm como hábito a verificação daquilo que compartilham, preocupam-se pouco em verificar se a informação compartilhada corresponde à realidade.

A bipolarização na política brasileira proporcionou aos cidadãos, um comportamento quase que paranoico sobre a manipulação realizada pelas mídias, de modo que os meios de comunicação são em vezes taxados de direita, outras de esquerda, tudo depende do teor da notícia que veiculam. Os sujeitos da sociedade pós-moderna não se emanciparam, mas sim trocaram de guru.

Os indivíduos buscam no real o espelhamento de si, e como consequência disso carregamos “para o espaço público todas as nossas necessidades que são da ordem do privado. Transformamos o espaço público num receptáculo dos nossos desejos internos.” (REYES, 2005, p. 23). Desse modo, a busca por informações é guiada por interesses pré-determinados, ou seja, o sujeito possui um olhar para o real interessado em reafirmar suas crenças e convicções particulares.

A escolha passa a ser o “carro-chefe” dessa nova cultura. Estamos frente a um universo de informação cada vez mais fragmentado e diversificado, totalmente disponível ao meu desejo. Escolho aquilo que me é caro, aquilo que faz parte do meu desejo (REYES, 2005, p. 31).

A internet torna-se, então, o lugar onde se pode dar forma ao mundo, deixando somente aquilo que me é agradável, e está em consonância com a minha

verdade. O mundo real, ou o que está próximo, presente, o divergente não é mais interessante, pelo contrário, causa incômodo, pois não pode ser formatado para atender aos desejos particulares. Neste deste cenário é que surgem as chamadas “pós-verdades”.

No ano de 2016 “pós-verdade” foi eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford que a definiu como “um adjetivo definido [...] relacionado a ou denotando circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal”¹⁹. Nesse contexto, o raciocínio lógico e análise racional dos fatos e discursos dão lugar a discursos que apelam para a sensibilidade para alcançar seus interesses. O discurso ausente de argumentos racionais e lógicos, afeta os sujeitos mais facilmente, pois não se faz necessário atribuir ao mesmo nenhuma comprovação.

A estruturação do saber depende da maneira como se orienta o olhar do homem: voltado para o mundo, o olhar tende a construir categorias de *conhecimento*; mas, voltado para si mesmo, o olhar tende a construir categorias de *crença* (CHARAUDEUAU, 2015, p. 43).

As notícias falsas, que apelam para as crenças e emoções para se estabelecerem como verdades, sempre existiram, o que temos de novo é a agilidade com que essas informações se espalham.

O uso das redes sociais e demais tecnologias elevou a pós-verdade a um outro patamar. Segundo Silvio Genesini, um dos fatos que levou o conceito de pós-verdade a palavra do ano foi a eleição de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos, pois “a epidemia de notícias falsas fez com que os eleitores e a opinião pública tomassem decisões equivocadas, baseadas na emoção e em crenças pessoais, ao invés de fatos objetivos” (GENESINI, 2018, p. 47). Genesini afirma ainda que não se pode atribuir diretamente a vitória de Trump às notícias falsas, é necessário uma análise mais profunda sobre o poder das chamadas “pós-verdades” e sobre a influência exercida por ela nas decisões dos sujeitos²⁰. Como

¹⁹ Dicionário Oxford. Disponível em < <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016> > Acesso em 17 de set de 2018.

²⁰ Em reportagem veiculada pelo portal G1 no dia 31/10/2017, o conselheiro geral do *Facebook* Colin Stretch afirmou: “Agentes estrangeiros, escondidos por trás de contas falsas, abusaram da nossa plataforma e de outros serviços de internet para tentar semear divisão e discórdia, e para tentar minar o nosso processo eleitoral.” (G1 Portal de notícias, disponível em < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/facebook-twitter-e-google-veem-influencia-da-russia-em-eleicoes-nos-eua.ghtml> > acesso em 18 de agosto de 2018.

afirma Sodré: “Isso não quer dizer, entretanto, que a televisão e as massas decidam sozinhos um processo eleitoral. (SODRÉ, 2016, p. 164).

Comprovada a interferência da Rússia nas eleições estadunidenses por meio de perfis falsos criados nas redes sociais para impulsionar conteúdos mentirosos, o que salta aos olhos são os dados sobre o alcance da campanha: “somando os posts gratuitos, foram impactados pela campanha 146 milhões de pessoas. Quase metade da população americana” (GENESINI, 2018, p. 49). Em posse desses dados e com a certeza de que a última eleição dos Estados Unidos sofreu uma grande influência de notícias, nem sempre verdadeiras, veiculadas pelo Facebook, o idealizador da rede social se comprometeu a contratar várias pessoas que seriam responsáveis por filtrar postagens mentirosas, que incitem o ódio, a violência e o preconceito.

O excesso de postagens com conteúdo sensacionalista e mentiroso, fez com que o aplicativo tomasse algumas precauções em relação aos conteúdos veiculados nas páginas do Facebook: foram retiradas páginas que segundo a triagem feita possuíam conteúdos ofensivos ou eram perfis falsos criados para reproduzir notícias falsas.

Essas páginas e perfis faziam parte de uma rede coordenada que se ocultava com o uso de contas falsas no Facebook, e escondia das pessoas a natureza e a origem de seu conteúdo com o propósito de gerar divisão e espalhar desinformação(BORGES, 2018).

Depois que Donald Trump foi eleito com possível influência de notícias falsas, o idealizador do Facebook, Mark Zuckerberg, compreendeu que era necessário haver um controle sobre o conteúdo que é compartilhado nas redes. Até aquele momento, Zuckerberg afirmava que o Facebook não se responsabilizava pelo conteúdo postado por seus usuários, e o trabalho de filtragem de conteúdo não era uma prioridade da empresa.

Para que o processo de filtragem ocorresse a assessoria de imprensa da rede social divulgou os critérios utilizados pela empresa para excluir as páginas. Segundo o site da revista Época “o Facebook tirou do ar 196 páginas e 87 perfis que violavam as políticas de autenticidade da empresa”²¹. Vivemos a época da chamada pós-verdade, na qual:

²¹ <https://epoca.globo.com/facebook-derruba-paginas-perfis-pessoais-ligados-ao-mbl-22917647>> Acesso em: 08/09/2018

A verdade em si não importa tanto, mas sim a mera satisfação de representação de uma realidade que é por reiteradas vezes ratificada pelas mídias digitais. [...] Pós verdade é a relação ou denotação de circunstâncias em que os fatos objetivos são menos relevantes na formação da opinião do que a invocação da emoção e da crença pessoal (CAJÚ, 2017, p. 2).

Observamos, por diversas vezes, discursos inflamados e cheios de emoção. Mesmo o sujeito que não possui plena consciência do que é ser de direita, por exemplo, autodeclara-se direitista e fomenta dentro de si um ódio por quem se diz de esquerda. Saber conviver com o posicionamentos diferentes torna-se a cada dia um desafio maior, pois como afirma Reyes:

amamos unicamente o que está distante sem ser conscientes de que odiamos nosso próximo, porque está presente, [...] porque me incomoda, porque me solicita, [...] à diferença do que está distante – do que posso me safar [...] (REYES, 2005, p. 31).

Esse ódio fundado na presença do diferente, reproduz compreensões errôneas ou até inverídicas sobre os posicionamentos divergentes na política. Odiamos o próximo, única e exclusivamente, por representar a alteridade do mundo. Como consequência da série de protestos e ataques feitos ao governo no ano de 2013, notamos que a presença constante e massiva desse tipo de comportamento intolerante em sala de aula se aprofundou no ano de 2015, ano em que se iniciou o processo de impeachment, que foi acompanhado por todos, com o mesmo interesse com que se acompanha uma novela. Cada dia um novo capítulo regado de acusações, ofensas, discursos machistas e preconceituosos, ter uma mulher como presidenta pela primeira vez foi um grande avanço em relação a presença da mulher na política, mas serviu também para reafirmar e expor a sociedade misógina a qual pertencemos.

A então presidenta Dilma Rousseff, durante esse processo foi atacada com os mais diversos tipos de xingamentos e discursos de ódio, que a ofendiam como mulher, e não como política. Discursos machistas continuam ecoando, desde a sala dos professores até as salas de aula, sem nenhum tipo de constrangimento. Há uma aceitação à proposta de punir profissionais da educação, alegando que os mesmos abusam de sua liberdade de ensinar, não ensinam aos alunos sobre seus direitos, ofendem suas crenças e convicções morais, e usam o tempo em sala de aula para “fazer a cabeça” dos estudantes, expondo questões de natureza político partidárias. Nota-se por essas afirmações que o conhecimento sobre a prática docente é

praticamente nulo, uma vez que o trabalho do docente pretende formar o sujeito com capacidade crítica suficiente para fazer escolhas, e não subordiná-lo a ideias. Nota-se com clareza que há aqui um problema conceitual que consiste na dificuldade em discernir o que é Filosofia Política²² e o que é Politicagem²³.

Todas essas acusações estão elencadas no projeto²⁴ citado acima, com as devidas punições ao docente que ousar descumpri-las. Isso nos leva a concluir, então, que a falta de compreensão sobre o que é o estudo da política não é um problema exclusivo do público adolescente, o discurso que alguns jovens reproduzem é legitimado por um governo que não compreende qual o papel da educação e da Filosofia, e que age de maneira ambígua, pois nos documentos norteadores do ensino afirma que os professores devem “preparar o estudante para uma ação política consciente e efetiva” (PARANÁ, 2008, p. 58).

A preocupação dos governos com o que a juventude está aprendendo não é à toa, mas acontece porque eles compreendem que por meio da educação é possível desconstruir a lógica de uma sociedade machista, misógina, homofóbica e racista.

Os projetos apresentados pelo governo nos últimos anos deixam clara essa tentativa de desmobilizar e criminalizar os movimentos sociais que têm como objetivo a garantia e a obtenção de direitos. A educação e o currículo escolar são também um espaço de disputa de poder. A formação do sujeito pode emponderá-lo ou mantê-lo subordinado aos objetivos de uma classe dominante.

²² “A Filosofia Política busca compreender os mecanismos que estruturam e legitimam os diversos sistemas políticos, discute relações de poder e concebe novas potencialidades para a vida em sociedade.” (DIRETRIZES, 2008, p. 58).

²³ po-li-ti-ca-gem (política + -agem) substantivo feminino 1. [Depreciativo] Modo de fazer política que visa garantir interesses particulares. = POLITICALHA, POLITIQUICE
2. [Depreciativo] Conjunto de políticos que se comportam desse modo.

²⁴ Projeto de Lei n.º 867, de 2015.

4. O CINEMA COMO FORMA DE RESISTIR

4.1. A disposição filosófica como ultrapassamento da apatia

A supremacia da razão há muito tempo oprime o que tem origem nos afetos. Desde os gregos a razão tem protagonismo quando se trata da construção de conhecimento, e os afetos são encarados como o campo da desmedida, da mera aparência. O mito da caverna de Platão, por exemplo, descreve sujeitos que estão aprisionados as suas sensações, de modo que para alcançar o supremo bem, precisam desvencilhar-se delas e buscar o desenvolvimento racional. Na concepção platônica, a sensibilidade só é capaz de levar o sujeito ao conhecimento aparente das coisas do mundo, enquanto a razão é capaz de contemplar as verdadeiras ideias. A hierarquização proposta por Platão inaugura essa concepção que permanece forte até hoje.

Essa estrutura hierárquica entre razão e afeto desenvolvida pelo filósofo Platão, entre razão e afeto pode causar no sujeito um enrijecimento de sua capacidade afetiva, ou seja, pode torná-lo incapaz de ser afetado.

A valorização do caráter racional proposta por Platão, ganha novas roupagens nos tempos atuais, o excesso de proximidade, torna o olhar do indivíduo indiferente com o mundo e com os outros. Não é o “amor ao próximo, mas sim o narcisismo que domina a comunicação digital.” (HAN, 2018, p. 86). A proximidade digital tem pouca ou nenhuma relação com a alteridade, ela é narcísica na medida em que permite uma adoração do “eu”, com selfies, a página do Facebook, Instagram que é dedicada ao eu, as pessoas seguem se expondo constantemente, o culto do “eu” é uma característica patente em nossa época. A mecanização das relações humanas por meio do desenvolvimento tecnológico contribui para a concepção racionalista que pretende sempre “estar no controle”.

No transe de sua quantificação científica e tecnológica, o mundo moderno começa a suspeitar mais fortemente dos afetos ou paixões, como instâncias de confusão ou de uma desmedida socialmente indesejável (SODRÉ, 2016, p. 32).

O sujeito das redes sociais pode diminuir a possibilidade de ser afetado pelo real, mas não pode controlar inteiramente o modo como será afetado, os limites

dessa capacidade ainda são desconhecidos. O contato por meio do virtual não impede o afeto, mas limita, pois apesar de não ser possível escolher ser afetado ou não, a virtualidade das relações permite ao sujeito algumas possibilidades de escolha sobre os conteúdos que chegarão até ele.

O afeto por muitas vezes pode ser compreendido como a execução de um ato impensado, uma ação por impulso, o que aproximaria o agir do homem ao do animal, essa afirmação somente “[...] intensifica as dificuldades de se inscrever a dimensão afetiva na razão e no pensamento. (SODRÉ, 2016, p. 30). Esse tipo de afecção ocorre por contágio “que não dá verdadeiramente nada a ler ou pensar” (HAN, 2018, p. 99).

O compartilhamento de informações nos aplicativos de comunicação, são por muitas vezes, ações impensadas. O indivíduo opera como um ser autômato programado para receber e compartilhar informações, sem uma análise previa daquilo que está enviando. Esse afeto é limitado na medida em que não promove o pensar, ousamos afirmar que é mais correto para esses casos utilizar o termo contágio, pois acreditamos que quando o sujeito é afetado por algo, sua ação no mundo vai além do escorregar de dedos em uma tela. O contágio é uma característica pertencente à sociedade transparente, a informação contagiosa, se comporta como um vírus “se espalha rapidamente na internet como uma epidemia ou pandemia” (HAN, 2018, p. 99) e, por muitas vezes, causam danos à sociedade. A informação e o digital pretendem desnudar o mundo.

Como já visto nos Capítulos I e II, a sociedade transparente é positiva, e pretende a extinção de toda negatividade. Como afetar o sujeito da positividade? Como causar disposição para busca se parece que não há o que buscar? Se tudo está desvelado, o que resta a nós? Seremos meros espectadores daquilo que já fora desvelado? A transparência é o fator que encerra toda a busca, nós estamos inseridos nessa sociedade que está se tornando transparente, positiva, em que não há espanto, choque. As imagens, por exemplo, estão sendo diminuídas a uma função única, o entretenimento. A busca por transparência é o que gera a epidemia, é o que anestesia o sujeito, o tsunami de informações, arrasta o sujeito. O sujeito exposto à nudez do real não é capaz de esboçar nenhuma reação, o “excesso de informação faz com que o pensamento definahe.” (HAN, 2018, p.105).

O cansaço combinado à quantidade de informações recebidas diariamente pode gerar uma ausência de critério, e “prejudica, evidentemente, a capacidade de

reduzir as coisas ao essencial.” (HAN, 2018, p. 105). Frente a frenética capacidade da rede, o pensar perde espaço e importância. O que não falta hoje é acesso a conteúdo informativo, porém, a exposição do mundo “não leva necessariamente a melhores decisões. Justamente devido à crescente massa de informação a faculdade do juízo define hoje. (HAN, 2018, p.106).

Quando tratamos de disposição para o pensar, a quantidade de materiais disponíveis na rede não é exatamente um benefício. O que fará desse amplo acumulado de informações bom ou ruim é a capacidade do sujeito de pensá-lo filosoficamente, se o comportamento frente a tudo isso é de reprodutor passivo de informações nada será agregado ao indivíduo, se por outro lado o sujeito souber como selecionar as informações que agregam à sua formação e visão de mundo, pode-se ver um lado positivo nessa exposição.

Se acreditássemos que o modo de vida transparente já tornou o sujeito incapaz de ser afetado, de pensar filosoficamente e que não existe um caminho, uma possibilidade diferente não estaríamos fazendo filosofia, e o trabalho com a disciplina de Filosofia na escola perderia totalmente o sentido. Compreendemos que o pensar filosófico precisa do velado e que ainda é possível fazer filosofia na sociedade da transparência e do cansaço, por isso aqui apresentamos uma das tantas tentativas de dar ânimo à filosofia em meio a tantos obstáculos. A positividade da sociedade transparente afeta a construção do pensamento filosófico, mas não a aniquila.

O excesso de transparência gera apatia, a constante exposição dificulta a tarefa de causar admiração, espanto. Então perguntamos: De onde a Filosofia partirá? A apatia não é um sentimento fértil, para nenhuma área do conhecimento, ela é capaz de minar o interesse do sujeito em diversos campos do conhecimento, por esse motivo não temos obstáculos somente com relação ao conhecimento filosófico, a escola como espaço de construção de conhecimento também sofre as consequências da inércia dos estudantes.

Acreditamos que os afetos podem ser muito mais potentes na superação da apatia do que a razão,

o poder ativo e passivo das afecções ou dos afetos, além de preceder a discursividade da representação, é capaz de negar a sua centralidade racionalista, seu alegado poder único. Um exemplo talvez pequeno, mas certamente significativo, mostra-se no teatro, quando a qualidade de expressão no corpo do ator transcende a qualidade do texto, fazendo às vezes com que um roteiro medíocre ganhe dimensões notáveis no palco (SODRÉ, 2016, p. 23-24).

Os afetos são capazes de tomar o sujeito de uma forma que é ao mesmo tempo, suave e brusca. Suave na medida que o faz sem que o sujeito sinta-se invadido, mas que não fique incomodado a ponto de reagir negativamente ao estímulo, e brusca, visto que é capaz de causar um rompimento do comportamento apático diante do real e provocar a superação da ausência de movimento.

Pode-se com isso afirmar a existência de uma inteligência baseada não apenas na racionalidade cognitiva, mas também naquilo que se dá a conhecer como afetos e que constituiria um elo essencial entre corpo e consciência (SODRÉ, 2016, p. 31).

O afeto é sentido no corpo, e não pressupõe um exercício puramente racional. Quando o corpo é afetado a razão não tem escolha de, por exemplo, não pensar, aquela sensação, o primeiro alcance dos afetos coloca o sujeito como ser passivo, posto que esse não escolhe racionalmente ser afetado, “o filme é um golpe (às vezes um golpe baixo) não um aviso sóbrio ou uma mensagem civilizada.” (CABRERA, 2006, p. 38). Podemos compreender os afetos como: “[...] um conjunto de estados e tendências dentro da função psíquica denominada afetividade, mais especificamente uma mudança de estado e tendência para um objetivo provocado por causa externa.” (SODRÉ, 2016, p. 28)

O que pretendemos é fazer do filme a causa externa da disposição, afetar o sujeito por meio do uso dessas obras, com a finalidade de causar a disposição para a filosofia. Promover “[...] um estado de choque ou perturbação da consciência.” (SODRÉ, 2016, p. 28). A tarefa de tirar o corpo do repouso, talvez seja a mais complexa, o mover-se para o sujeito da sociedade do cansaço pode ser uma tarefa dolorosa. Se o filme for capaz de causar num primeiro momento um estado de emoção, em que ocorra [...] um movimento [...] desde um ponto zero ou um ponto originário até outro, [...] (SODRÉ, 2016, p. 29), poderemos iniciar a tarefa do pensar a obra a partir desse movimento. A demonstração de emoções, como: a raiva, o riso, a indignação, apontam o início do movimento.

A razão logopática é um conceito apresentado por Julio Cabrera em seu livro

intitulado O cinema pensa: uma introdução à filosofia através de filmes. Nessa obra o filósofo pretende apresentar o filme como uma potência causadora do pensar filosófico, e propõe a superação do uso da imagem como mera ilustração de conceitos já postos. Para Cabrera, as imagens têm tanto ou mais competência para fomentar a reflexão sobre o real quanto a palavra escrita.

O cinema é tomado pelo viés de “uma caracterização conveniente [...] para propósitos filosóficos, isto é a intenção de considerar filmes como formas de pensamento.” (CABRERA, 2006, p. 19). Compartilhamos da definição de Cabrera na medida em que não buscamos aqui aprofundar-nos na busca por uma definição do que é o cinema como parte da história da humanidade. Pretendemos compreender como essas obras podem contribuir para o desenvolvimento do pensamento filosófico na disciplina de Filosofia.

A razão logopática consiste na junção equilibrada entre razão e afetos, não haveria hierarquização entre as duas faculdades do juízo, mas sim uma justa medida, de forma que elas pudessem contribuir dentro de suas possibilidades para o conhecer, “a razão filosófica tradicional (a racionalidade das ideias) não é tão “fria” como pretende ser, não está despojada de emoções, nem entregue ao puramente objetivo” (CABRERA, 2006, p. 47). Essa abordagem pretende uma compreensão ao mesmo tempo afetiva e racional. “Saber algo, do ponto de vista logopático, não consiste somente em ter informações, mas também estar aberto a certo tipo de experiência e em [...] deixar-se afetar” (CABRERA, 2006, p.31).

A experiência filosófica, por meio do filme, precisa de preparo. Como já apresentamos neste trabalho, os alunos não esperam do filme nada mais que entretenimento, acreditamos que “se olharmos bem, é totalmente impossível encontrar um filme que somente “divirta”, que não diga absolutamente nada sobre o mundo e o ser humano” (CABRERA, 2006, p. 46). A proposta de que o filme seja a mola propulsora para o pensar precisa ser bastante defendida na medida em que é necessário que o aluno se disponha a ler o filme filosoficamente.

4.2. Desconstrução

4.2.1. A experiência

No espaço escolar, diariamente surgem reflexões e questionamentos quanto ao trabalho docente e sobre de que forma seria possível otimizar as discussões com os estudantes, superando a apatia e causando a disposição para a filosofia.

O problema da indisposição não é específico da disciplina de Filosofia, a escola como um todo busca meios para conscientizar o jovem da importância de sua importância. Cobra-se do docente a necessidade de fazer um trabalho de convencimento com relação à importância de sua disciplina, e, além disso, há uma adequação do método de ensino ao ritmo acelerado da juventude. Temos de convencê-los a gostar da disciplina, para tanto, é necessário que as disciplinas sejam atrativas, prazerosas.

Não pretendemos defender que as escolas ou as aulas precisam permanecer com seus métodos tradicionais e não atender as demandas da juventude atual, nem concebemos o aprender como uma prática naturalmente desprazerosa, mas não podemos fazer dessa busca por prazer nosso principal objetivo. O professor já é refém de índices, notas, rendimento, conteúdos, e pode tornar-se também refém de uma cultura escolar do prazer.

A disposição em superar os desafios tem origem em diferentes aspectos, como, por exemplo, as adversidades da era tecnológica, a possibilidade de aliar a tecnologia à construção de conhecimento. A escola já está em processo de adequação ao mundo tecnológico, na medida do possível estão investindo em recursos para que as salas tornem-se mais interativas e dinâmicas. É difícil nesse momento afirmar que a escola está perto de adentrar o mundo da tecnologia, a tecnologia que chega hoje às escolas para o aluno já é ultrapassada. Mesmo não fazendo parte das últimas tendências em tecnologia os recursos dispostos pela escola facilitam e possibilitam a diversidade de métodos de ensino. É impossível que a escola acompanhe o ritmo das inovações tecnológicas as quais os alunos têm acesso. As inovações levam os docentes a uma revisão constante de sua prática docente, como é o caso do trabalho aqui proposto de um método para o ensino de filosofia. O desenvolvimento dessa ideia vem acompanhado de incertezas e medos,

mas também de disposição para experimentar o novo.

Como visto anteriormente, não propomos aqui o cinema como uma inovação tecnológica do ensino, até porque seria um erro pensar que o filme usado em sala seria um meio inovador de ensino. Pretendemos promover um exercício da percepção estética através da “[...] “arte de perceber”, uma poética da percepção, portanto um modo de conhecimento do sensível em sentido amplo – a faculdade de sentir do sujeito humano, [...] isto é, perceber por meio dos sentidos.” (SODRÉ, 2016, p. 86).

A parte prática a que nos propomos pretende aliar filosofia e cinema, e propiciar uma experiência diferente em relação ao ensinar e ao aprender, nos dispomos “a ler o filme filosoficamente, isto é, tratá-lo como um objeto conceitual, como um conceito visual e em movimento.” (CABRERA, 2006, p. 45). A consciência de que o uso dos filmes já acontece nas escolas brasileiras e nas diversas disciplinas nos auxiliou na criação da dissertação, pois os relatos de sucesso com o uso de filmes são recorrentes.

Pretende-se nesta empreitada que o filme seja o meio pelo qual a disposição seja gerada no discente. O fio condutor de nossa jornada será o conceito de disposição, pois os problemas filosóficos só serão descobertos e pensados adequadamente quando o sujeito estiver disposto a realizar tal tarefa, logo compreendemos que causar a disposição é imprescindível para a filosofia.

O causar, nesse caso, implica um resgate do sentir em um espaço em que o ele fica à margem do processo educativo que valoriza parte da natureza humana, ou seja, a capacidade de raciocinar. Esquecemos que os seres humanos não são dotados somente de razão, e cada vez que a emoção²⁵ tenta desabrochar o processo disciplinar cumpre seu papel e a oprime. O sentir é descartado quando pensamos em construção de conhecimento. Afetar os estudantes é um de nossos objetivos e para alcançá-los usaremos os filmes, pois como afirma Julio Cabrera “O emocional não desaloja o racional: redefine-o” (2006, p. 18).

O filme pretende ser o início do movimento, do ser afetado ao sentir-se disposto e aberto para a filosofia. Ser afetado significa reconhecer e se apropriar da problemática filosófica apresentada de modo a estar disposto a discuti-la. A disposição ocasionará então a abertura para o debate, a construção de novos

²⁵ *Emotus* significa abalado, sacudido, posto em movimento. (SODRÉ, 2016, p. 29).

conhecimentos, e proporcionará ao educando a oportunidade de rever velhos conceitos e pré-conceitos.

Devido a dificuldades em relação ao tema, focamos especificamente em filmes que abordem discussões sobre a política, pois reconhecemos que com a atual conjuntura da política em nosso país causar disposição para discuti-la é tarefa necessária e indispensável. A dificuldade, hoje, no debate sobre a política está atrelada ao excesso de informações, há um enorme acesso, mas há uma limitação na capacidade de interpretação e leitura de mundo. A sobrecarga de informação é algo característico da sociedade contemporânea. Nas palavras de Silva e Correia, “é importante ressaltar que numa sociedade repleta de informações que nascem e partem de todos os lados é comum a alienação por parte da juventude, despreparada para conviver com os desafios desse tempo” (SILVA; CORREA, 2014, p. 26).

A sobrecarga de informação é algo característico da sociedade contemporânea. Ao contrário das gerações anteriores que reclamam desse fenômeno, os nativos digitais, ao disporem de uma vasta quantidade de recursos multimídia, têm grande possibilidade de aprender como selecionar qual informação da internet tem relevância ou responde a suas necessidades.

O problema agora não é quantidade, mas a qualidade das informações. Há muita informação, porém não há critério para lidar com elas. Os jovens que estão nas salas de aula já nasceram na chamada era da informação, falta a eles desconfiança. Se os mais velhos se incomodam com o fenômeno da internet, os mais novos têm nela uma confiança exagerada, precisamos buscar um ponto de equilíbrio entre esses dois extremos. A dúvida e a desconfiança, na atualidade podem ser definidas como mecanismos de defesa.

4.2.2. Primeira abordagem

No primeiro semestre do ano de 2017, aconteceu a primeira conversa sobre o projeto. Apresentamos a eles o Prof-Filo como programa de mestrado, destacando a importância da abertura desse programa de mestrado em tempos ainda nem tanto sombrios. Essa conversa inicial foi acompanhada por muitas curiosidades por parte da turma na qual a pesquisa seria aplicada, curiosidade típica de quando se tem

novidades na escola, qualquer proposta que fuja a forma tradicional de ensino causa uma euforia. Na medida do possível foram sanadas as questões e preocupações que surgiram naquele momento. Esse início de aplicação era novo para todos nós, ainda era necessário tatear o caminho, então, compartilhávamos algumas angústias e preocupações.

Uma das maiores preocupações naquele momento era a avaliação, questões como: como vamos ser avaliados? Vai existir um trabalho sobre o filme ou nós devemos anotar enquanto assistimos? Notamos já na primeira conversa a preocupação com os resultados, não os de aprendizagem, mas, sim, com a nota, o que já expõe que a preocupação com o desempenho é maior do que com a construção de conhecimento, já que compreendemos que a nota não é capaz de refletir se, de fato, houve aprendizado. Pairava pelo ambiente ao mesmo tempo uma nuvem de empolgação e uma de preocupação, por um lado estavam empolgados por trabalhar com filmes e por outro preocupados, se esse método seria eficiente e renderia as notas necessárias para a aprovação.

O interesse da turma pelo projeto nesse primeiro momento não pode ser tomado como um resultado efetivo, apesar de inspirar e possibilitar ao projeto uma primeira aproximação com os discentes que serão parte crucial na construção do mesmo. Acreditamos nesse momento que a empolgação primária da turma tinha suas raízes fundadas em ideias que, de certo modo, reproduzem e evidenciam o papel que os filmes possuem dentro da escola, papéis esses que não correspondem às pretensões e à dinâmica do projeto, a disposição, o sentir, o deixar-se afetar não faziam parte naquele momento da ideia do contato com o filme.

Há uma visão distorcida sobre o uso de filmes em aula, essa concepção que compreende o filme como um método para “matar tempo” não é nova, já está arraigada na cultura escolar. Como reflexo dessa distorção temos escolas que proíbem a exibição de qualquer material em vídeo que tome mais do que 15 minutos do tempo de aula. Compreendemos que o uso dos filmes requer preparo e um olhar atencioso a escolha da obra e o modo de apresentá-la ao aluno, mas não conseguimos encontrar argumentos suficientes para pautar tal restrição, proibir certas atividades é um caminho mais prático para quem não pretende discutir metodologias, ou não tem sensibilidade para compreender o uso de algumas delas. A limitação do olhar em relação ao filme não é uma característica que pertence exclusivamente a juventude, a falta de um olhar sensível às obras é a origem de

proibições desse gênero.

4.2.3. Primeiras atividades

Já no segundo semestre de 2017, foi realizada a primeira atividade do projeto. Nessa primeira atividade apresentamos aos estudantes a seguinte questão: Como foram suas experiências com os filmes durante a vida escolar? A única orientação dada nesse momento foi em relação ao fato de ser importante que a resposta fosse gravada em vídeo e também que preferencialmente fosse feita em grupo. O conteúdo e o modo de criação deveriam ser autorais.

Os grupos foram orientados a produzir um roteiro em forma de texto para organizar o conteúdo que seria apresentado no vídeo. Em seguida à produção de texto confeccionada com base na questão citada acima, foram produzidos vídeos em que os alunos apresentavam o conteúdo de suas produções. Ao assistir os vídeos, a empolgação, que num primeiro momento, foi interpretada como a possível visão negativa e marginalizada em relação ao uso de filmes, precisou passar por uma reavaliação. Surpreendentemente, os estudantes apresentaram uma visão muito positiva sobre o uso de filmes, reconhecendo-o como um importante recurso didático.

Como afirma uma aluna em seu texto:

Quando assistimos um filme temos uma forma diferente de aprendizado, o que passa primeiro em nosso pensamento é que vai ser um filme legal, que vai ter pipoca e refrigerante, mas nem sempre é assim, muitas vezes são filmes chatos, mas existe um porém o filme é rico em conhecimento e conteúdos pertinentes e é aqui que devemos prestar mais atenção.

Pode-se notar de forma clara em seu comentário o reconhecimento do potencial do filme para a construção de conhecimento, nota-se também que no início a estudante reconhece que a empolgação está ligada mais à diversão do que ao conhecimento, logo nota-se a importância de uma conversa que busque a conscientização sobre o trabalho que será realizado com o filme.

Outro aspecto importante a ser notado é que durante as apresentações, os alunos citaram lembranças de trabalhos feitos por outros professores, a partir de filmes, e destacaram o fato de mesmo depois de passados vários anos, ainda recordarem dos filmes e das questões trabalhadas. A partir do conteúdo dos vídeos

nota-se que as experiências dos alunos em relação ao trabalho com filmes eram positivas. A visão negativa sobre a potência dos filmes tem origem em outros setores da escola. Os apontamentos negativos que esperávamos do trabalho com os alunos surgiram em outros momentos, e em nenhum deles os alunos protagonizaram falas sobre a incapacidade dos filmes.

Por muitas vezes pautamos nossas metodologias e ações em sala no que professores, pedagogos, diretores afirmam que seja um método digno de ser utilizado, que renderá a aprendizagem adequada do conteúdo. Há na prática docente uma hierarquização das metodologias de ensino, e correspondendo a lógica da primazia da razão, os métodos que fundamentam-se na sensibilidade são tomados como menos eficazes, menos produtivos. Os caminhos que escapam ao tradicional são postos à margem nesse universo de possibilidades. Mesmo ficando na margem o filme é um recurso didático que está presente na escola. A tomada de espaço por esse tipo de recurso ocorre de forma progressiva e desafiadora.

As metodologias são as mais diversas e não podemos negar que em algum momento cada uma das diferentes abordagens do ensinar foi eficiente de algum modo. Referimo-nos aqui às metodologias tradicionais como textos, conteúdo no quadro, questões, provas, slides, etc, no entanto, não pretendemos propor uma nova ordem na hierarquização, na qual a sensibilidade seja privilegiada, mas, sim, evidenciar a necessidade de um olhar equitativo sobre os diferentes modos de ensino-aprendizagem.

Se tivéssemos nessa primeira etapa uma concepção sobre os filmes que fosse limitada a compreendê-lo como diversão, precisaríamos realizar alguns momentos de conversa para promover uma tentativa de desconstrução dessa visão. Como o resultado desse primeiro diagnóstico foi positivo, pudemos passar à exibição dos filmes. No momento anterior a apresentação dos filmes, optamos por não pedir aos estudantes que observassem esse ou aquele problema na obra, a única observação que já havia sido feita no início do ano e do semestre é de que a temática daquele período de estudo era a Filosofia Política, até porque esse foi um dos principais critérios de escolha dos títulos trabalhados. Não pretendíamos utilizar os filmes “para simplesmente ‘ilustrar’” teses filosóficas anteriores às imagens que as apresentavam.” (CABRERA, 2006, p. 09), acreditamos no potencial das imagens de irem além da representação. Quando o filme é utilizado após o trabalho com os conceitos, também é possível e mais certo que se alcance um resultado positivo,

pois apresenta-se o mesmo conceito já trabalhado por meio de uma linguagem diferente, logo não há o que compreender, a compreensão já está dada.

Deixamos que eles conduzissem a análise da obra de maneira autônoma, para que pudessem trazer inquietações originariamente deles, pois acreditamos na capacidade da obra cinematográfica de causar por si a disposição necessária para o desenvolvimento do filosofar. Nesse exercício, não estamos depositando nossa crença somente na capacidade da obra, mas também na competência dos estudantes em realizarem tal tarefa de forma autônoma.

Desenvolver a autonomia de pensamento também é uma de nossas pretensões com o projeto, e não poderia deixar de ser, pois se temos o sentir-se afetado como princípio não podemos nesse momento guiar o sujeito, o sentir acontece de uma forma diferente com cada indivíduo.

Costumamos dizer aos nossos alunos que, para se apropriar de um problema filosófico, não é suficiente entendê-lo: também é preciso vivê-lo, senti-lo na pele, dramatizá-lo, sofrê-lo, padecê-lo, sentir-se ameaçado por ele, sentir que nossas bases habituais de sustentação são afetadas radicalmente. Se não for assim, mesmo quando “entendemos” plenamente o enunciado objetivo do problema, não teremos nos apropriado dele e não teremos realmente *entendido*. Há um elemento experiencial (não “empírico”) na apropriação de um problema filosófico que nos torna sensíveis a muitos desses problemas e insensíveis a outros (isto é, cada um de nós não se sente igualmente predisposto, “experencialmente”, a todos os problemas filosóficos [...]) (CABRERA, 2006, p.17).

A não racionalização do uso do filme nos traz a esse ponto, que em um primeiro momento é escuro e sombrio, pois aqui é onde podemos perder o caminho, por não existir uma fórmula que padroniza a forma de apropriação das questões da filosofia. Não orientar o estudante a identificar uma ideia específica é um risco, pois, na mesma medida em que ele pode surpreender ao observar criticamente as temáticas do filme, pode não ser capaz de identificar questões, e isso só será descoberto depois de passada toda a obra.

O principal objetivo da atividade descrita anteriormente foi realizar um diagnóstico com relação ao ponto de vista discente sobre o uso de filmes na escola para observar se os estudantes se apropriaram do discurso negativo sobre o uso de filmes. Além disso, desde a primeira conversa deixamos claro a eles o protagonismo da turma no projeto, logo, não poderíamos dar início às atividades sem antes ouvi-los. Iniciar o projeto deixando-os falar já mostrou-se um aspecto diferente dentro do espaço da escola, onde o silêncio quase sempre impera. Amenizada a preocupação

com a visão negativa do uso de filmes, enfrentaremos a partir daqui outros desafios.

4.2.4. O tempo

Desde a primeira apresentação do projeto um problema que acompanha a história da filosofia e da humanidade vem sendo recorrente: “o tempo”. Esse que foi e é um problema de complexidade cada vez mais profunda também aqui nos persegue. O tempo nas aulas é sistematicamente definido e as aulas da disciplina de Filosofia. Estão inseridas nesse sistema, que dificilmente poderá ser alterado de forma a solucionar magicamente a batalha contra o tempo.

A dificuldade em pensar como resolveria tal problema apresentou-se desde os primeiros momentos de escrita, pois o tempo para a disciplina de Filosofia é pequeno dentro da grade (duas aulas semanais), e os filmes as ocupariam por completo. O tempo foi passando e o problema em relação a ele parecia ser insolúvel. Para amenizar a falta de tempo, decidimos solicitar a direção que geminasse as aulas com a turma em que o projeto seria aplicado, pedido que foi atendido sem dificuldades e que diminuía o problema com o tempo, mas não o anulava.

Esgotadas as possibilidades de ganhar tempo dentro da escola resolvemos virar nossas atenções para outro tempo que não o da escola, o tempo que os estudantes têm fora do espaço escolar. É importante notar que uma grande parcela dos alunos trabalham durante o dia, o que mais uma vez nos afeta em relação ao tempo. Conscientes dessas limitações viramos nossos olhares para o tempo além dos muros da escola e decidimos nos perguntar com que eles utilizam este tempo? Em pesquisa realizada pelo projeto Conectados²⁶ fora constatado que os estudantes gastam boa parte seu tempo diário com redes sociais, jogos, internet. Esse dado nos pareceu bastante preocupante pelo excesso de tempo gasto com essas atividades. Até surge mais uma questão: Será que as redes sociais não estão de posse do tempo que precisamos para que o projeto funcione? Se partimos de uma resposta afirmativa, como contribuir para que uma parte desse tempo seja utilizado em

²⁶ “Trata-se da ampliação do projeto Conectados (2016) - iniciativa da Secretaria de Estado da Educação cujo objetivo foi favorecer e ampliar a discussão e o uso de tecnologias educacionais junto à comunidade escolar” Acesso em: <
<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1731>>

benefício de nosso trabalho? Pensando nisso, resolvemos situar no campo pedagógico algumas ferramentas tecnológicas utilizadas por nossos estudantes, como o WhatsApp e o Facebook.

Cogitamos o uso do WhatsApp por ser uma ferramenta de comunicação instantânea e de fácil acesso, porém, observando o modo como é utilizado o grupo pertencente a sala e outros grupos utilizados nesse aplicativo, pudemos notar que as informações se perdem facilmente, pois dissolvem-se em meio a postagens que não pertencem ao conteúdo pertinente ao grupo e que é difícil de se obter um controle de conteúdo. Passamos então ao Facebook, esse aplicativo possui uma ferramenta que permite criar grupos restritos e, além disso, nos propicia um melhor controle de conteúdo. Esse último aplicativo faz parte do tempo gasto fora da escola, como entretenimento e diversão.

Em conversa com a turma, foram questionados sobre a possibilidade de acesso à página, obtivemos uma resposta positiva, ou seja, todos conseguiriam acessar o conteúdo da página quando necessário. Por se tratar de uma escola que recebe muitos alunos do interior do município alguns desses discentes questionaram com que frequência a página deveria ser acessada, pois eles só acessariam a internet no próprio colégio, e se dispuseram a fazê-lo.

Aliar uma ferramenta muito utilizada pelos jovens, com a qual eles já estão familiarizados e que ocupa parte do seu tempo fora do espaço escolar, pareceu ser um meio para diminuir o problema do tempo, ou melhor, da falta dele. Desse modo, apresentamos aos alunos a página do projeto no Facebook. Explicamos a eles de forma mais detalhada o motivo pelo qual a página fora criada e também

quais conteúdos seriam postados nela, além de enfatizar a importância de que eles acompanhassem os conteúdos postados na página.

A página foi utilizada para postar informações sobre o filme antes do mesmo ser exibido, com o objetivo de aguçar a curiosidade em relação à obra, foram postadas informações que eram relevantes sobre a obra, como a época em que foi criada, se tratava-se de uma história real ou totalmente fictícia, os nomes dos personagens.

Durante a exibição, a página foi a memória da turma. Em outros momentos com filmes na escola, os alunos afirmavam ter esquecido o enredo do filme de uma semana para a outra, logo durante esse período foram postadas questões de reflexão sobre as cenas que já haviam sido assistidas, como forma de conservar os

problemas apresentados no filme. Após a exibição do filme, o debate se estendeu por mais de uma semana, logo a página mais uma vez fomentou e refrescou nossa mente sobre as discussões feitas em sala. Além disso, foram postados questionários, atividades e avisos relacionadas ao projeto na página.

O resultado do uso do Facebook não foi 100% efetivo, pois alguns alunos não participavam das discussões na página, apesar de visualizá-las. Durante toda a aplicação os estudantes que não participavam eram questionados sobre o motivo pelo qual não estavam interagindo na página, os motivos eram diversos, alguns afirmavam ter vergonha de expor suas opiniões no grupo, alguns diziam não ter tido tempo para interagir na página, entre outros.

Com a admissão do uso dessa ferramenta com finalidade pedagógica, já podíamos prever o risco de não obtermos um aproveitamento de cem por cento. Na escola ainda predominam as ações em troca de nota, se a proposta do Facebook fosse pesar no resultado (média), a participação era maior, caso contrário, alguns deixavam de participar, o que demonstra um descaso com o conhecimento e uma valorização da nota.

Compreendemos que esse comportamento corresponde às cobranças da escola, porém é uma característica alarmante na medida em que o conhecimento perde seu protagonismo e a nota ganha o papel principal. Mesmo com algumas falhas, esse mecanismo contribuiu de forma significativa para nossa atividade, foram realizadas algumas intervenções e diálogos por meio da página. Não solucionou, mas amenizou o problema do pouco tempo disposto para as aulas de Filosofia.

4.3. O contato²⁷ com os filmes

Nesse momento de debate o docente deve contribuir com colocações no sentido de mediar²⁸ a discussão, mas sua principal ocupação é a de observar e

²⁷ Nesse caso “[...] contato não se reduz à ideia de mera conexão, devendo ser entendido como uma configuração perceptiva e afetiva que recobre uma nova forma de conhecimento, em que as capacidades de codificar e decodificar predominam sobre os puros e simples conteúdos.” (SODRÉ, 2006, p.20)

²⁸ “Mediação é o ato originário de qualquer cognição, porque implica o trânsito ou a “comunicação” da propriedade de um elemento para outro, por meio de um terceiro termo. Esse terceiro termo é precisamente, [...] um meio de articular dois elementos diversos, por exemplo, um objeto e uma ideia interpretante. [...] é portanto, um meio (*médium*) de comunicação por tornar possível a partilha de uma experiência.” (SODRÉ, 2006, p.91)

tomar nota sobre as colocações feitas pelos estudantes. O fato de não guiar, mas somente mediar, faz o debate manter-se dentro da proposta de criar um espaço para a autonomia de pensamento. Havia diversas possibilidades de debate sobre o filme, a discussão poderia ter se voltado somente ao nazismo, ao amor, à ditadura, porém naquele momento os estudantes foram afetados de uma forma mais evidente pelo problema do papel da mulher nas discussões e espaços políticos. Os temas citados acima também surgiram durante os diálogos, mas não foram os protagonistas.

Olga – Ficha técnica

- *Título: Olga*
- Ano de produção: 2004
- Dirigido por: Jayme Monjardim
- Estreia: 20 de Agosto de 2004
- Duração: 141 minutos
- Roteiro e Produção: Rita Buzzar

Iniciada a exibição do primeiro filme “Olga”, que foi escolhido por atender de forma fantástica a temática prevista nas Diretrizes para o período de estudos, e também por retratar a luta política de Olga Benário, que como mulher não atende aos padrões de comportamento feminino exigido em sua época. Olga Benário luta contra um regime político no qual ela não acredita, mas luta também para afirmar o papel da mulher como militante na política. Além disso, o filme apresenta o regime nazista alemão. Ela é judia e depois de ser presa é deportada para a Alemanha nazista, mesmo estando grávida. A filha da militante nasce na prisão e é determinado que a bebê só ficará com a mãe enquanto houver necessidade de que seja amamentada no peito, assim que Anita deixa o seio da mãe, é retirada dela e entregue a sua vó, mãe de Prestes, amante e companheiro de lutas de Olga Benário.

Olga Benário é militante alemã do Partido Comunista e durante sua militância se apaixona pelo brasileiro Luis Carlos Prestes, os dois se juntam na missão de derrubar o governo Getúlio Vargas. Esta obra brasileira, além de ser rica em conhecimento em relação a política devido a luta de Olga Benário e de Luis Prestes, e ao contexto político apresentado na obra, prende-nos por sua personagem

principal ser uma mulher com tanto envolvimento na militância, forte e destemida, pois o costumeiro é vermos homens assumindo esses papéis. A representatividade das mulheres na política é pequena até os dias de hoje. Outro aspecto que prende a atenção é o sofrimento de Olga, pois no princípio do filme Olga se mostra uma mulher dura e inabalável, porém com o desenrolar de seu relacionamento com Prestes, Olga Benário descobre-se frágil, não em sua militância política, mas por sua paixão por Prestes.

O filme foi exibido durante 4 aulas, pois é uma obra longa. Logo que o filme chegou ao fim, iniciamos o debate, o que chamou muito a atenção dos alunos e por consequência foi uma ideia recorrente na discussão, foi a independência e força da personagem principal da trama, para a época em que viveu e inclusive para os nossos tempos causa certa estranheza ver uma mulher tão engajada e com tamanha força política, quando ainda é instituído culturalmente uma padronização do comportamento e do que é ser mulher. Os alunos evidenciaram e reconheceram a importância de se ter um comportamento combativo em relação a alguns problemas políticos que se apresentam e reconheceram que, por muitas vezes, somos extremamente negligentes em relação as nossas escolhas e concepções usando como desculpa a neutralidade, ou o ditado popular, “política não se discute”.

Para iniciar o debate, os alunos expuseram as questões que conseguiram identificar no filme. Questões como a representatividade da mulher foram bastante recorrentes no debate com os estudantes, foi possível notar uma disposição à reflexão filosófica da política, relacionando os fatos do contexto político do município em que vivem, com os apresentados no filme. Um exemplo disso foi o reconhecimento de que na câmara de vereadores da cidade não há nenhuma vereadora mulher. Foram pensadas as consequências de não haver mulheres ocupando esses papeis, se essa característica muda algo na realidade do município. Surgiram também discussões sobre o fato da primeira presidenta mulher do nosso país ter sofrido um impeachment, e o modo como ela foi tratada durante o processo. Observando o sofrimento de Olga Benário, foi possível um olhar humanizado para todo o processo ao qual foi submetida a ex-presidenta, analisando quais os aspectos realmente políticos tratados durante o processo e quais tinham caráter machista e misógino.

As torturas sofridas por Olga Benário e por seus companheiros de militância, o abuso de poder, a violência física, a violência psicológica, a força dela frente a

todas as provações que passou, a retirada de sua filha ainda bebê, a mulher e a política. Todos esses tópicos apareceram e permearam as discussões sobre a personagem do filme, os alunos foram tomados pela força da luta da mulher.

A história foi capaz de causar movimento, na medida em que foi possível, a partir dela pensar, os acontecimentos políticos que levaram Olga Benário a passar por tudo aquilo. A obra foi capaz de agitar os alunos, causando um princípio de movimento, apesar de toda a lógica transparente da sociedade atual ainda é possível o resgate da sensibilidade do olhar. Por sentirem-se afetados pela história de Olga Benário, os estudantes identificaram questões e se dispuseram a discuti-las.

Algumas delas são: apesar da mudança no período histórico as mulheres ainda lutam como Olga Benário, por suas vidas, pelo seu direito a uma vida digna, pelo seu direito de representação na política brasileira, pelo direito de serem ou não mães, esposas.

Um fator limitante da discussão é o fato de que os alunos não possuíam uma contextualização do ponto de vista da história sobre o que foi o regime nazista, quais as consequências desse regime para a história da humanidade, entre outros aspectos importantes. Não por ter sido negligenciado a eles esse ponto da história mas sim por ser um conteúdo que pertence ao 3º ano do Ensino Médio, desse modo foi necessário que durante o debate fossem feitos apontamentos com relação a esse contexto, pois o filme de Olga Benário se passa durante esse período.

É interessante observar que, se o indivíduo não possui uma formação com relação a história sobre o regime nazista ao ter contato com obras obra “Olga” e “A onda”, os estudantes pressupõe que a obra cinematográfica exagerou de maneira absurda os abusos de poder ocorridos no período. A contextualização histórica teve um papel importante também na fundamentação da discussão. O fato de os filmes serem inspirados em pessoas reais também têm um peso importante, no modo como o sujeito é afetado pela narrativa.

Sobre o segundo filme “A onda”, os apontamentos que mais apareceram dessa vez nos textos foram sobre a cena final do filme, na qual o professor Wenger reúne todos os membros da onda para finalizar o movimento. Durante o debate os alunos citaram com certa frequência a cena em que uma aluna é excluída e ignorada por conta da cor de sua camiseta. A cena da exclusão da aluna moveu os estudantes para a discussão de temas extremamente delicados e pertinentes como o racismo, homofobia, a intolerância política. Baseados no modo como a

personagem sentiu-se durante o filme eles se perguntaram: A personagem do filme não se encaixou no padrão por conta de sua camisa, uma camisa é passível de troca. E uma pessoa que é excluída ou tratada como menor por sua cor da pele, gênero, posicionamento político? Da mesma forma que ocorreu no diálogo sobre o filme *Olga* a neutralidade e a apatia apareceram como problemas. Em “A onda”, essas duas características destacaram-se, os alunos apontaram a negligência do professor e dos participantes do movimento, como consequência dessa neutralidade, da crença de que tudo está sob controle.

Ficha técnica “A onda”

- Título Original: Die Welle
- Ano de produção 2008
- Duração: 107 minutos
- Estreia: 13 de março de 2008
- Direção: Dennis Gansel

Já o filme “A onda” foi exibido durante três aulas. Foi feito o acompanhamento via *Facebook*. Depois da exibição e análise do trabalho feito com “*Olga*”, mostrou-se a necessidade de realizar as seguintes adequações, a criação da página no *Facebook* para acompanhamento do filme e algumas propostas de atividades e também a realização de um trabalho escrito. O trabalho com “*Olga*” foi feito todo oralmente. Não acredito que isso tenha interferido na qualidade das discussões feitas, mas o registro escrito nos auxiliará na avaliação dos resultados do projeto. Assim como a página do *Facebook* que foi alimentada com informações sobre essa obra, como se trata de um filme com vários personagens adolescentes foi solicitado aos alunos que “adotassem” um personagem para que durante o filme observassem qual seria o comportamento e as convicções do personagem escolhido.

“A onda” se passa em uma escola, e o filme se divide em mostrar a rotina escolar dos jovens, seu relacionamento com a família, e seu círculo de amizades. Por retratar uma escola e a vida de adolescentes a identificação com alguns problemas aconteceu rapidamente. A primeira delas foi com a resistência ao estudo do tema, a reação dos estudantes mostrou que eles nesse momento enxergaram-se

nos personagens quando não aceitam passivamente o conteúdo proposto pelo professor.

O filme se passa em uma escola alemã, onde os alunos terão uma semana chamada de “semana de projetos”. Os professores, então, propõem um tema para ser estudado durante aquela semana. O tema escolhido pelo professor Rainer Wenger é autocracia. Quando Wenger apresenta o tema, os alunos questionam a utilidade do estudo, pois afirmam que é impossível uma autocracia se instalar novamente na Alemanha, consideram que o povo aprendeu com a experiência terrível que teve durante o regime nazista de Hitler.

Com o objetivo de superar essa resistência ao tema, Wenger propõe um método representativo para compreensão do que é um governo autocrático, ou seja, durante uma semana a sala funcionará em um sistema autocrático, no qual o grande líder é o professor. Wenger não imaginava quando começou o projeto as proporções violentas que a representação tomaria. Os alunos que participavam do projeto que fora nomeado de “A onda” começaram a ver os membros de seu grupo como superiores aos sujeitos que a ele não pertenciam. A primeira característica que os distinguiu dos demais foi a determinação do uso de uma camiseta branca, depois disso veio um comprimento, a posse de espaços da escola onde só circulavam pessoas que participavam do grupo. Em consequência disso começaram a ocorrer casos de violência, logo quem discordasse do que “A onda” afirmava era excluído ou até mesmo punido fisicamente.

Uma das atividades propostas por meio da página foi a “Adoção de personagem”, em que cada um dos alunos escolheu um dos personagens do filme. O objetivo da ação era traçar o perfil do personagem, estabelecer conexões entre o personagem e o aluno, e, além disso, identificar os aspectos que aproximam e os que se distanciam da realidade dos estudantes. Essa atividade foi proposta na página antes do início da exibição do filme, e realizada em sala de aula logo após terminarmos de assistir ao filme.

Em relação à atividade proposta anteriormente, destacam-se as respostas da última questão, em que os alunos foram perguntados sobre qual seria a cena favorita deles no filme e porque a escolheram. A disposição para pensar o filme se apresentou nas respostas, os estudantes em análise de suas cenas favoritas do filme, revelaram justificativas que já iam de encontro com os temas de discussão da filosofia política. As justificativas apresentadas por eles para a escolha das cenas já

evidenciou que o filme como um todo foi aproveitado de modo que a ideia e os problemas que a obra pretendeu trabalhar, apareceram já nos primeiros escritos sobre o filme.

As alunas descreveram a cena em que Wenger reúne os estudantes para finalizar a onda e afirmaram que “Essa cena nos ajuda a refletir sobre o momento político que nos encontramos atualmente, onde as pessoas não pensam nas suas atitudes, simplesmente fazem aquilo que seus superiores mandam.” Já as alunas descreveram a cena em que o professor exclui a aluna Karo por não estar com o uniforme do movimento, a seguinte reflexão foi feita “Nos dias de hoje a hierarquia de identidades acontece muito, se você não é igual aos outros, você é excluído pela sociedade.” E citam dois exemplos de exclusão: “Um exemplo é que a sociedade é muito preconceituosa em questão de gênero sexual e não aceita os homossexuais. Outro exemplo: a mulher é menosprezada pela sociedade até em questão de salários mais baixos, por não poder andar sozinha na rua, entre outros.”

O debate sobre o filme “A onda” foi longo, pois havia muitas questões a serem discutidas, que foram apresentadas, e questões que foram retomadas das discussões sobre “Olga”. A análise feita pelos alunos e pelo professor Wenger no filme veio de encontro com o momento político vivido em nosso país, onde a discussão sobre a possibilidade da instauração de uma ditadura assombra nossos dias.

Nos perguntamos, então, o que leva a um povo que goza de sua liberdade de expressão em de um país democrático clamar por ditadura, e em consequência disso por cerceamento de liberdade. Para descobrir o que leva a esse anseio, foi observado o contexto político de nosso país, passávamos por uma crise econômica, tínhamos um índice altíssimo de violência, desemprego, um grande número de notícias sobre corrupção o que gerou um sentimento de insatisfação com a política.

Para que este modelo neoliberal se estabeleça, é necessário que haja um processo de criminalização dos movimentos sociais que lutam pelos direitos das minorias, entendemos que o projeto “Escola sem partido” tem como pretensão a manutenção de privilégios de uma elite que quer manter um país patriarcal, machista, conservador e escravocrata.

5. EXERCÍCIO DE CRIATIVIDADE

Nas cenas de teatro abaixo que são de autoria da turma em que os debates foram realizados, identificam-se vários dos problemas que são fomentados única e exclusivamente para garantir a manutenção do poder, para uma elite que sempre teve seu espaço bem delimitado, é incômodo dividir a sala de aula com um negro, disputar as vagas de vestibular com negros, respeitar a alteridade presente no mundo é um desafio para uma elite que desde sempre vem impondo seu padrão de normatividade.

A confecção das cenas de teatro foi um dos momentos marcantes do projeto, foi um exercício crítico e criativo ao mesmo tempo, que apresentou um aproveitamento excelente dos temas que foram centrais durante os debates. Os discentes se apropriaram dos problemas de tal forma, que identificar no meio deles os problemas discutidos nos filmes foi um processo natural. Além da confecção das cenas de teatro, elas foram gravadas, o que marcou muito durante as gravações foi a reação de um aluno ao ser reproduzida uma cena de racismo. Ao final da interpretação o aluno chorou, por sentir ali, naquele instante, que um problema que é diariamente seu fora discutido e pensado pelos colegas dentro da escola.

CENA 1: RACISMO

A professora inicia a aula e logo em seguida é interrompida por um aluno que pede a palavra e a mesma atende ao seu pedido, logo ele diz:

— Professora, roubaram meu celular.

Em seguida, uma outra aluna faz uma sugestão:

— Professora que tal olharmos nas câmeras para descobrir quem pegou o celular?

A professora responde:

— Nem precisamos, pois todos nós já sabemos quem foi.

Nesse momento todos se viram e olham para o aluno negro. No instante seguinte, o aluno que afirmou ter tido o celular roubado recorda-se que seu celular foi colocado para carregar, e a professora dá continuidade a aula. O aluno ofendido pela falsa acusação sai da sala.

CENA 2: HOMOFOBIA

Cenário: Quadra da escola - Jogo de futebol Lucas com a bola Kelvin vem tomar a bola Lucas cai

Kelvin diz

— Joga igual homem, viado!

CENA 3: HOMOFOBIA

Descrição da cena: Dois estudantes se dirigindo para a aula de educação física e conversando.

Guilherme:

— Vou escolher o viadinho do Lucas para o meu time.

Jussara:

— Ué, por quê?

CENA 4: CONDIÇÕES NECESSÁRIAS PARA A INSTAURAÇÃO DE UM REGIME AUTOCRÁTICO

Foram impressas as condições identificadas pelos estudantes como necessárias para que um regime autocrático se instaurasse. No vídeo, um dos alunos aparece com a faixa que pertence ao presidente e sobe alguns degraus de uma escada. Nestes degraus encontram-se coladas as folhas com as condições como se cada uma delas ao se efetivar impulsionasse o sujeito para o poder, quando chega ao fim da escada é realizado o cumprimento que era feito quando Hitler falava em público. O vídeo foi editado e foi inserida a fala de Hitler aos jovens para caracterizar e evidenciar o problema levantado pelas discussões feitas em sala.

6. CONCLUSÃO

O primeiro efeito benéfico notado com o uso do filme foi a abertura dos estudantes ao diálogo. A resistência e o desgosto com o tema política é um obstáculo sempre presente, porém quando começamos as atividades e debates com o filme notou-se que os discentes tornaram-se muito mais acessíveis. Além disso, o fato de o filme afetá-los proporcionou a oportunidade de olhar para sua realidade de forma crítica, pois as cenas apresentaram situações que estão muito presentes na sociedade.

O trabalho com o tema política sofre grande impacto de fora, ou seja, os estudantes trazem todas as informações, convicções, crenças, conhecimentos, preconceitos, de sua realidade para dentro da escola e, muitas vezes, as influências sofridas de fora não são compartilhadas em sala.

A primeira experiência de conversa sobre o filme já trouxe os alunos e alunas para perto, ou seja, eles se dispuseram para a conversa e para o ouvir. O trabalho realizado a partir dos afetos traz para a discussão um caráter mais humano, dessa forma os temas abordados foram discutidos com a distância e a proximidade necessárias. A distância é imprescindível para que mesmo que sentindo-se afetado pelo problema, o estudante seja capaz de pensá-lo. A proximidade garante um debate com certo grau de empatia, como afirma Han, o nome, a identificação, é a base do respeito e na medida em que me aproximo do personagem da obra o problema filosófico ganha uma identidade, um rosto, uma história.

Temas que são extremamente delicados, como a homofobia e o racismo, aparecem na discussão de forma muito mais apurada, pois, inspirados pela obra, os estudantes foram capazes de identificar em sua realidade situações que precisam ser debatidas e que são negligenciadas no debate, justamente pela ausência de abertura citada no início. Quando propus a discussão da Filosofia Política não ouvi a

afirmação “política não se discute”, frase que é recorrente quando é feita a introdução ao tema.

O filme é uma maneira de abordar os problemas que fazem parte do cotidiano e das vivências dos sujeitos, e o fato de os temas e problemas estarem sendo representados por personagens faz com que o estudante, num primeiro momento, não se sinta exposto e afetado de forma tão direta que se fechará em si mesmo e não participará das discussões seguintes, pois o afeto que pretendemos aqui é o afeto produtivo, ou seja, aquele que gera reflexões filosóficas.

Pudemos notar também que houve uma maior identificação com a discussão apresentada no segundo filme. Atribuímos a maior participação e dedicação no segundo filme por diversos fatores: ao fato do filme ser mais curto, fato que possibilitou que fosse assistido em três aulas, como as aulas eram geminadas foi possível iniciar o debate no mesmo dia da exibição do filme. O fato de retratar a realidade de adolescentes no ambiente escolar o que gerou uma identificação muito grande com o filme.

No segundo filme, também foram feitas algumas adequações com relação a forma de levantar as questões para debate, foi inserida como parte do processo a adoção de um personagem. Ainda no segundo filme, foi realizada uma constante publicação de informações na página do *Facebook*. Ao contrário do primeiro filme em que toda a discussão foi feita oralmente, no segundo foi solicitada uma produção escrita. Como já afirmamos anteriormente, este trabalho tinha como objetivo testar as potências e limites das obras cinematográficas como causadoras da disposição para o pensar, e como todo método foram necessárias adequações durante o processo que melhoraram a recepção do filme.

Os filmes foram o meio pelo qual causamos nos estudantes a disposição de pensar criticamente, os alunos foram afetados de forma que esse afeto causou a identificação necessária para que a problemática da obra se tornasse uma problemática sua, ocorre aqui o processo de admiração onde “encontramos um comportamento de abertura [...] do homem diante da realidade. [...] um despertar em face de uma realidade que deverá ser pensada” (BORNHEIM, 2003, p. 25).

Para que superemos essa mediocridade e possamos caminhar em direção a uma construção de conhecimento, precisamos ter claro que o filme não pretende ser um facilitador do conhecimento, mas, sim causar o que Cabrera chama de impacto

emocional²⁹, que junto com

[...] a demonstrabilidade não distraem, mas conscientizam, não desviam a atenção mas, pelo contrário, nos afundam numa realidade penosa ou problemática, como as palavras escritas talvez não consigam fazer (CABRERA, 2006, p. 47).

Cabrera admite que os elementos lógicos concernentes ao conhecimento também são importantes, até mesmo “Para fazer filosofia com o filme, precisamos interagir com seus elementos lógicos, entender que há uma ideia ou um conceito a ser transmitido pela imagem em movimento.” (2006, p. 22). O olhar do sujeito sobre a imagem é que fará dela filosófica, pois é o indivíduo como ser disposto ao conhecer que vai identificar os problemas filosóficos. O pensar filosófico se apresenta de variadas formas, o que cabe a nós é reconhecê-lo em meio a um universo de informações que temos diante de nossos olhos.

O que distingue o filósofo daquele que não o é, é o fato de o filósofo ser capaz de reconhecer a Filosofia em qualquer lugar onde ela se apresente. O não filósofo, ao contrário, a encontrará apenas nos lugares esperados, naqueles em que foi recrutada e concentrada (CABRERA, 2013, p 170).

O comportamento atribuído por Cabrera pode ser identificado nos estudantes em boa parte do tempo dedicado aos diálogos. Obviamente que não foram todos afetados da mesma forma pelas obras, a participação de alguns foi mais expressiva que a de outros, mas todos participaram e se envolveram nas atividades. Mesmo com todas as dificuldades e as limitações do trabalho, acreditamos que com o filme é possível causar essa disposição para o pensar.

Outro aspecto que merece destaque é o desenvolvimento de uma produção autônoma. Inseridos na lógica tradicional de ensino, em que a cópia, a reprodução, são habituais, o exercício de autonomia proporcionado pelo trabalho foi muito importante e surpreendente. Muitas vezes optamos por direcionar ao máximo a visão do aluno sobre determinados assuntos por receio de que ele sozinho não seja capaz de fazê-lo. A busca incessante por rendimento não deixa espaço para o risco, fato que leva muitos educadores a caírem na falsa convicção de que os alunos não têm capacidade de caminhar sozinhos.

²⁹ “Não se deve confundir “impacto emocional” com “efeito dramático”. Um filme pode não ser “dramático” nem buscar determinados “efeitos” e, apesar disto, tem um impacto emocional, um componente pático.” (Cabrera, p. 22, 2006)

É pela reflexão e pelo conhecimento que o homem pode sonhar e chegar aos caminhos de sua libertação, estando apto para a intervenção de sua história e realidade, com o objetivo de garantir respeito e dignidade. Por este e outros motivos que o conhecimento deve ser competente, criativo, crítico e criterioso, demonstrando-se um conhecimento alinhavado dentro de uma reflexão filosófica (GODOY; WONSOVICZ, 2010, p. 40).

A autonomia precisa de liberdade e foi por esse caminho que nos propomos a caminhar. Como vimos no trabalho do primeiro para o segundo filme, existem muitos erros, tropeços e dificuldades, mas os estudantes e os professores estavam caminhando e tropeçando juntos. É considerável a evolução na discussão dos filmes, em um trabalho aplicado durante meio semestre. Acreditamos que mostrar ao estudante que ele é um sujeito capaz de pensar de forma autônoma é uma tarefa necessária, e que deve pertencer a todo educador. Se pretendemos atender a necessidade de formação de um sujeito crítico, precisamos libertá-lo primeiramente do ensino que o enxerga como incapaz.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Tradução e notas Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre, RS: Zouk, 2014.

BORNHEIM, Gerd Alberto. **Introdução ao filosofar**: o pensamento filosófico em bases existenciais. São Paulo: Globo, 2003.

BORGES, Helena. **FACEBOOK DERRUBA PÁGINAS E PERFIS PESSOAIS LIGADOS AO MBL** Disponível em: <<https://epoca.globo.com/facebook-derruba-paginas-perfis-pessoais-ligados-ao-mbl-22917647>> Acesso em 27 de maio de 2018.

CABRERA, Julio **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. Tradução de Rytta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. **Diário de um filósofo no Brasil**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

CAJÚ, Léo Dimmy Chaar. **As fake news e o panoptismo de Michel Foucault**. Disponível em < <http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor8/files/2017/08/As-fake-news-e-o-panoptismo-de-Michel-Foucault.pdf> > Acesso em 10 de ago de 2018.

CARAZZAI, Estelita Hass. **Trump recua e reconhece ação russa nas eleições dos EUA de 2016**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/07/trump-recua-e-reconhece-acao-russa-nas-eleicoes-dos-eua-de-2016.shtml>> Acesso em 06 de set de 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2015.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

G1, Mundo. **Facebook, Twitter e Google veem influência da Rússia em eleições nos EUA**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/facebook-twitter-e-google-veem-influencia-da-russia-em-eleicoes-nos-eua.ghtml>> Acesso em 06 de set de 2018.

GENESINI, Silvio. **A pós-verdade é uma notícia falsa**. Revista USP. n. 116. São Paulo, 2018. p. 45-58.

HAN, Byung- Chul. **No enxame**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018

_____. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

KOBRYKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. Tradução de Tiago Antunes. São Paulo. Expressão Popular, 2018.

KOHAN, Walter. **Sócrates & a Educação**: o enigma da filosofia. Tradução Ingrid Muller Xavier Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Tradução de Ivone Moura Delraux, 1985, Edições Roger Delraux.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34.

LORIERI, Marcos Antônio. Filosofia e formação no ensino superior. **Revista Páginas de Filosofia**, v.2, n.1, p. 47-60, jan/jun 2010

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

MAKHOUL, Fábio Jammal. **A cobertura da revista Veja no primeiro mandato do presidente Lula.** Disponível em <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4056>> Acesso em 02 de maio de 2018.

MONTEIRO, Marco Aurélio. **Cultura política e participação:** as comunidades virtuais em debate. Disponível em <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/960/5516.pdf?sequence=1>> Acesso em 04 de ago de 2018.

OXFORD Dictionaries. **Word of the year.** Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em 16 de set de 2018.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares Da Educação Básica Filosofia – SEED/** Departamento De Educação Básica, Curitiba, 2008.

PLATÃO. **A República.** Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

REYES, Paulo. **Quando a rua vira corpo [ou a dimensão pública na ordem digital].** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005

SADA, Juliana. **Pesquisa da PUC:** “a Veja e o anti-jornalismo”. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/rodrigovianna/radar-da-midia/pesquisa-da-puc-veja-se-transformou-no-maior-fenomeno-de-anti-jornalismo/>> Acesso em 17 de set de 2018.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo /** Paula Sibilia. - Rio de Janeiro : Nova. Fronteira, 2008

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

TIBURI, Marcia. **Rídiculo Político:** uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto. Rio de Janeiro: Record: 2017.

WONSOVICZ, Silvio. **Metodologia do Ensino de Filosofia/** Silvio wonsovicz [e] Geverson Luz Godoy. Centro Universitário Leonardo da Vinci – Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2010.x; 109p.:il.

ANEXOS

Anexo I

Questionário

Pesquisa Prof - Filo - Mestrado Profissional em Filosofia – UNESPAR

Esta pesquisa está sendo realizada para auxiliar na produção de dados que contribuam para o projeto aplicado no ano de 2017, em Cruz Machado, no Colégio Estadual Barão do Cerro Azul. Esses dados serão utilizados como base para uma parte importante da construção de conhecimento na dissertação intitulada "O cinema como provocação política em tempos de pós-verdade" realizada pela professora mestranda Camile M. Zanella.

***Obrigatório**

Sua residência fica localizada em Área Urbana ou Área Rural? *

Marcar apenas uma:

Área Urbana Área Rural Outro:

Qual sua faixa etária? *

Marcar apenas uma.

Entre 14 e 16

Entre 16 e 18 Outro:

Em sua localidade há acesso à internet? *

Marcar apenas uma.

SIM NÃO

Para qual finalidade você mais utiliza a internet? *

Marcar apenas uma.

Informações e notícias

Redes Sociais (WhatsApp, Instagram, Facebook, etc) Fazer pesquisas
escolares

Outro:

Com que frequência você acompanha os acontecimentos relacionados a
política do país?*

Marcar apenas uma.

Sempre Quase sempre

Raramente Nunca Outro

Anexo II

Atividades desenvolvidas em sala

Nome: Andréia - Donato do Silva 01/09/17
 Nº 03 e 18
 Série: 2º S.D.

Filmes tem sido frequentemente utilizados em aulas de diversos disciplinas e tem obtido bons resultados muitas das vezes. A linguagem cinematográfica é complexa e misteriosa, envolvendo, envolvendo, envolvendo, música, luz, movimento, mistério, drama, suspense. Por isso mesmo apresenta ampla capacidade de comunicação. Os filmes conseguem grande aceitação por parte do público porém apresentam um grande potencial de aproveitamento no processo educativo. Realiza-se um maior interesse por parte do aluno, a sua participação melhora e muitas vezes, algumas coisas são melhor compreendidas com filmes do que com as explicações de um aula de professor. Entretanto, o uso de filmes no educação não apresenta apenas aspectos positivos. Existem questões muito problemáticas, que devem ser consideradas quando se planeja utilizar um filme em aula, como os direitos e o mesmo o linguagem cinematográfica.

Os filmes, documentários, entrevistas, tem muita importância na educação, por serem mais lúdicos e conseguirem repassar informações e conhecimentos de uma forma menos cansativa, chamando mais a atenção do aluno.

É importante entender que os filmes passados nas escolas não devem ser para o lazer, mas também para que o aluno obtenha algum conhecimento ou informações relevante para a sua vida acadêmica ou para a sua formação crítica.

Nem todo filme exige uma atividade avaliativa, uma conversa ou algo do tipo, relacionado ao filme já basta para saber se o aluno aproveitou algo útil e que foi passado.

28.08.17

collama 02
Dairane 04
duas 12

2º F. 19

Quando assistimos a um filme, é uma forma diferente de aprendizagem, a qual passa em nossos pensamentos que vai ser um filme legal, com pipoca e refrigerante. Mas nem sempre é assim, em muitos das vezes são filmes chatos, mas existe um porém, o qual é rico em conhecimentos e conteúdos pertinentes, e aí que devemos prestar mais atenção.

Um fato que ocorreu com nós foi quando assistimos o filme "O menino de pijama listrado", o qual tínhamos uma visão do filme que seria chato, e nada interessante, mas foi um filme que emocionou nós três.

Outro filme marcante que assistimos recentemente foi o "Amistad" que nos trouxe um grande aprendizado sobre a antiguidade e a desvalorização dos negros que eram escravizados. Ao sabermos que já fomos assistir, não demonstramos grande interesse, mas logo nos primeiros cenas nos fez chorar e ver como era a situação naquela época.



nome: Juliana Priscila 1 1

nº: 02 17

atividade "O filme" "A onda"

1- Karo

2- Karo → Teimosa, Nervosa, Merena, Jabelo liso; no começo até participava do movimento "Onda", mas quando viu que não iria dar certo, preferiu sair fora, foi aí então que começou a ser ignorada por todos que participavam do movimento, sempre querendo o melhor para sua turma, mas ninguém a ouvia.

Juliana → Teimosa, Nervosa, Merena, Jabelo cochado. Se eu fosse Karo, e tivesse nessa mesma situação e visse que o movimento "Onda" não seria bom para mim, também sairia fora. Nesse ponto quando ela quis ajudar e os outros a ignoraram, as vezes me sinto assim um pouco assim na sala.

Priscila → Nervosa, Merena, Jabelo unca-rocado. Se eu tivesse no lugar de Karo e visse que isso não dava certo, eu desistia também. Tria tentar ajudar como Karo fez.

3- Juliana → O que eu tenho em comum com o personagem, é por ser teimosa →

1/1
Aurora e sempre querendo ajudar
os outros, porém, quase sempre sus-
ta ignorado, como aconteceu com
ele no filme e o que difere é que não
prezava a exclusão, que
ela aguentou por tanto tempo e as
características físicas.

Priscila → O que eu tenho de comum
com a personagem é que sou mes-
morajá e o que me difere é que não
aguentou a exclusão que ela sofreu
por tanto tempo e as características
físicas.

4- Era uma família, que não usava
brava rigor, disciplina, não davam
opiniões que ajudariam Koro e o
seu irmão. Era cada um por
si.

5- Fez nessa personagem não con-
tribuiu para o movimento de teatro.

6- Sim. Quando fala com seu nome-
rado a respeito do movimento, quer-
do perguntar para sua amiga tam-
bém. Quando viu seus colegas com-
pletamente focados nesse movimento
e também na hora de se vestir:
usar a camisa branca para se
identificar como participante do mo-
vimento.

111
7 - Não percebemos, quando Koro
rejeitou ir com a comissão branca,
e não quis participar das aulas
e do movimento.

8 - Não contribuiu para o "União"
por ser tímido e sua família
não dava ingressos para ela. A
família influenciou muito para ela
não participar do movimento.

9 - Juliano e Priscila têm a mesma
visão. Mas quando ela foi excluída
nós não aguentamos isso, sendo
assim iríamos agir de maneira
diferente.

10 - Nos ajuda a ver como a reali-
dade age nos dias de hoje. Com
a exclusão em todos lugares.

As pessoas fazem as coisas porque
são mandados (obedecem ordens),
e se não for aquilo praticamente
possa o ser excluído e maltrata-
do pelo poder (realidade).

11 - Como esse um que vimos no
filme foi o herói que ela foi excluída
pelo professor. O professor foi intelec-
tante com ela, excluindo a mesma.

Nos dias de hoje a hierarquia
de identidade acontece muito, se você

não é igual a outros, não é ex-
cluído pela sociedade.

Um exemplo é que a sociedade é
muito preconceituosa em questões de
gênero sexual: não aceita homossexuais.

Outro exemplo: a mulher é menos
prezada pela sociedade, até em
questões de salários mais baixos, por
não poder andar sozinho na
rua, entre outros.